ROMANCE GRÁTIS



Nora Roberts

UMA ÚLTIMA NOITE

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

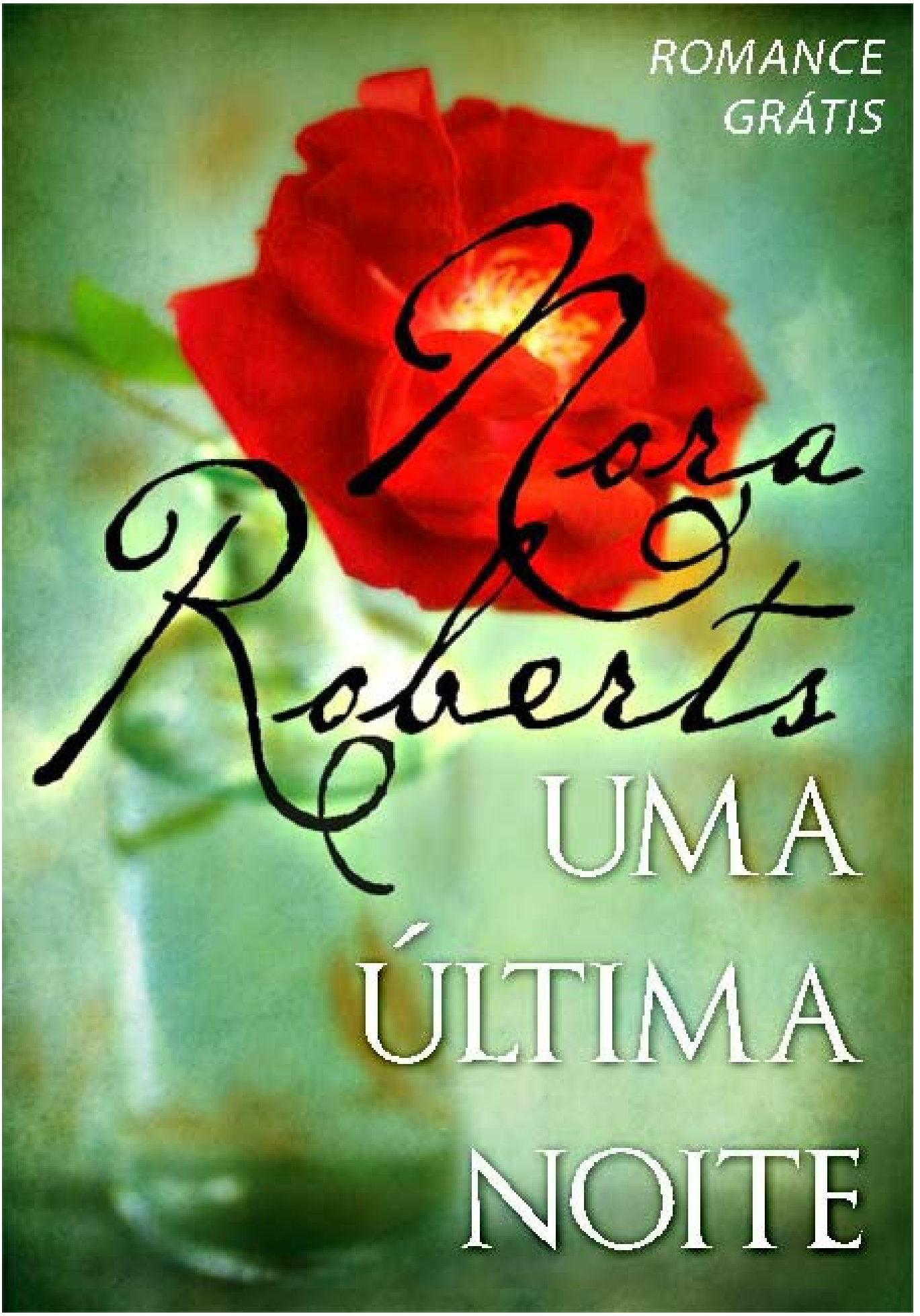
É expressamente proibida e totalmente repudíavel a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.us*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."




ROMANCE
GRÁTIS
Nora Roberts
UMA
ÚLTIMA
NOITE

branca 1

T í t u l o : *Uma Última Noite*

A u t o r i a : *Nora Roberts*

E d i t o r a : *Maria João Costa*

Esta edição © 2008 Edições Chá das Cinco Lda.

Título original Tonight and Always © *1983 Nora Roberts*.

Publicado originalmente nos EUA por Jove Books, 1996

T r a d u ç ã o : *Isabel C. Penteado*

R e v i s ã o : *Idalina Morgado*

C o m p o s i ç ã o : *Chá das Cinco, em caracteres Minion, corpo 12*

D e s i g n d a c a pa e i n t e r i o r e s : *Chá das Cinco*

1 ª e d i ç ã o : *Agosto, 2008*

Chá das Cinco é uma marca registada das Edições Saída de Emergência

Av. da República, 861, Bloco D, 1.º Dtº, 2775-274 Parede, Portugal

T e l e Fa x : *214 583 770*

w w w. c h a d a s c i n c o . c o m

ROMANCE
GRÁTIS

Nora Roberts

UMA ÚLTIMA NOITE



CHÁDASCINCO
Livros com sexto sentido

1

Estava lusco-fusco, aquele intervalo estranho e quase místico em que a luz e a escuridão se encontram perfeitamente equilibradas. Em poucos instantes o azul suave seria transformado pelas cores ardentes do pôr-do-sol. As sombras alongavam-se; os pássaros calavam-se.

Kasey estava ao fundo da escadaria que conduzia à mansão Taylor. Ergueu os olhos em direcção aos massivos pilares brancos e velhos tijolos rosa com enormes áreas de vidro laminado. Três andares. Aqui e acolá luzes brilhavam tenuemente através de cortinas corridas. O lugar tinha uma dignidade endinheirada. Dinheiro antigo, dignidade inerente.

Intimidadora, pensou ela, admirando de novo a casa de cima a baixo. Mas tinha realmente um certo estilo. À ténue luminosidade do lusco-fusco, a casa tinha um aspecto sereno.

Levantou um grande batente de ferro e fê-lo bater na espessa porta de carvalho. O barulho ecoou através do crepúsculo. Kasey sorriu com o som e depois virou-se para ver as cores desvanecerem-se lentamente no céu. Já era mais noite que dia. Atrás dela a porta abriu-se. Kasey voltou-se e viu uma mulher baixa e negra vestida de uniforme preto e avental branco.

Como nos filmes, pensou, e sorriu outra vez. Afinal até poderia ser uma aventura.

— Olá.

— Boa-noite, senhora. — A criada falou educadamente e manteve-se à entrada da porta como um guarda de palácio.

— Boa-noite — disse Kasey, divertida. — Acho que o Sr. Taylor está à minha espera.

— Menina Wyatt? — Desconfiada, a criada olhou-a dos pés à cabeça. Não se mexeu para a deixar passar. — Acho que o Sr. Taylor só a esperava amanhã.

— Sim, mas cheguei esta noite. — Ainda sorrindo, passou pela criada a passos largos e entrou no hal principal. — Provavelmente era melhor avisá-lo de que cheguei — sugeriu. E virou-se para admirar um lustre de três camadas que derramava luz sobre a carpete.

Olhando desconfiadamente para Kasey, a criada fechou a porta. — Espere aqui, por favor. — Indicou-lhe uma cadeira Luís XVI. — Vou informar o Sr. Taylor da sua chegada.

— Obrigada. — A sua atenção já tinha sido desviada para um auto-retrato de Rembrandt. A criada afastou-se silenciosamente.

Kasey observou atentamente o Rembrandt e seguiu para outro quadro. Renoir. *Este sítio parece um museu*, pensou ela, continuando depois a deambular pelo corredor fora, vendo os quadros como se estivesse numa galeria de arte. Para Kasey, obras de arte daquelas deviam ser propriedade pública – para serem respeitadas, admiradas e, acima de tudo, vistas. *Será que vive mesmo aqui alguém?* – indagou-se, passando um dedo sobre uma espessa moldura dourada.

O murmúrio de vozes captou a sua atenção e Kasey dirigiu-se instintivamente em direcção ao som.

— É uma das maiores peritas em cultura indo-americana, Jordan.

O último artigo dela recebeu grande aclamação. Com apenas vinte e cinco anos, é um autêntico fenómeno na área da antropologia.

— Estou bem ciente disso, Harry, ou não teria concordado com a tua sugestão de ela colaborar comigo neste livro. — Jordan Taylor mexia um martini e bebia-o lenta e contemplativamente. A bebida estava perfeita, apenas com um toque de vermute. — Dou por mim a pensar como iremos ultrapassar os próximos meses. As solteironas profissionais são intimidadoras e de todo a minha companhia favorita.

— Não andas à procura de companhia, Jordan — lembrou-lhe o outro retirando a azeitona do próprio copo. — Andas à procura de um perito em cultura indo-americana. E é isso que vais ter. — Engoliu a azeitona.

— As companhias podem ser fonte de distracção.

Com uma careta, Jordan Taylor pousou o copo. Sentia-se inquieto e não sabia porquê. — Não me parece que vá achar a tua Kathleen Wyatt uma distracção. — Enfiou as mãos nos bolsos das calças de corte perfeito e observou o companheiro terminar o martini. — Até já a imagino: cabelo cor de lama penteado para trás, rosto ossudo, óculos de lentes grossas empoleirados num nariz proeminente. Fatos justos para acentuar a falta de curvas e sapatos ortopédicos tamanho quarenta.

— Tamanho trinta e seis.

Os dois homens viraram-se em simultâneo para a porta.

— Olá, Sr. Taylor. — Kasey entrou. Atravessou a sala e estendeu a mão a Jordan. — E o senhor deve ser o Dr. Rhodes. Trocámos bastante correspondência nestas últimas semanas, não foi? Prazer em conhecê-lo.

— Sim. Bem… — As sobrancelhas espessas de Harry baixaram.

— Sou Kathleen Wyatt. — Fez-lhe um sorriso deslumbrante antes de se dirigir a Jordan. — Como vê, não penteio o cabelo para trás. Provavelmente não se manteria assim se eu experimentasse. — Puxou um dos caracóis soltos que lhe emolduravam o rosto.

— E em vez de cor de lama, — continuou ela calmamente, — este tom é conhecido por louro-morango. A minha cara não é particularmente ossuda, embora eu tenha umas bonitas maçãs do rosto. Tem lume?Enfiou a mão na mala à procura de um cigarro e depois olhou para Harry Rhodes. Ele meteu a mão no bolso e encontrou o isqueiro.

— Obrigada. Onde é que eu ia? Ah, sim — continuou ela antes que algum deles pudesse falar. — Uso realmente óculos de leitura, quando consigo encontrá-los, mas duvido que estivesse a referir-se a isso, não é verdade? Vejamos, que mais posso dizer-lhe? Posso sentar-me? Estou cheia de dores nos pés. — Sem esperar uma resposta, escolheu uma cadeira de brocado dourado. Fez uma pausa e sacudiu o cigarro para dentro de um cinzeiro de cristal. — Já sabe que número calço. — Recostou-se na cadeira e olhou para Jordan Taylor com olhos verdes directos.

— Bem, Menina Wyatt — disse ele finalmente. — Não sei se peça desculpas ou se aplauda.

— Eu preferia uma bebida. Tem tequila?

Com um meneio de cabeça, Jordan dirigiu-se ao bar. — Acho que não; pode ser vermute?

— Serve perfeitamente, obrigada.

Kasey perscrutou a sala. Era ampla e perfeitamente quadrada, com as paredes forradas com bonitos painéis de madeira e a mobília forrada a seda. Uma lareira de mármore intrincadamente esculpida dominava uma parede. Porcelana de Dresden era reflectida num enorme espelho emoldurado a mogno que se encontrava sobre a lareira. A carpete era espessa, os cortinados pesados.

Demasiado formal, pensou ela, observando a elegância estruturada.

Ela teria preferido cortinados abertos ou, melhor ainda, nada de cortinados mas antes algo menos sombrio. E havia provavelmente um bonito chão de madeira por debaixo da carpete.

— Menina Wyatt. — Jordan acordou-a dos pensamentos quando lhe estendeu um copo. Os seus olhares cruzaram-se, cada um curioso com o outro, e em seguida um movimento à porta distraiu-os.

— Jordan, a Mil icent disse-me que a Menina Wyatt já chegou, mas ela deve ter… Oh. — A mulher que entrou na sala estacou assim que viu Kasey. — A menina é Kathleen Wyatt? — Com a mesma desconfiança que demonstrara a criada, examinou a mulher de calças cinzentas e blusa azul-forte brilhante.

Kasey bebericou e sorriu. — Sim, sou. — Observou também atentamente a elegante dama de sociedade. A mãe de Jordan, Beatrice Taylor, estava cuidadosamente aperaltada, impecavelmente arranjada e elegantemente trajada. Beatrice Taylor sabia bem quem e o que era, pensou Kasey.— Perdoe a minha confusão, Menina Wyatt. Só a esperávamos amanhã.

— Organizei as coisas mais depressa do que contava — disse Kasey, e bebeu mais um pouco. — Apanhei um voo mais cedo. — Sorriu de novo. — Não vi qualquer necessidade de perder tempo.

— Claro. — O sobrolho de Beatrice enrugou-se por momentos. — O seu quarto está pronto. — Virou os olhos para o filho. — Instalei a Menina Wyatt no quarto com mobiliário do período da Regência.

— Ao lado da Alison? — Jordan parou quando se preparava para acender um charuto e olhou para a mãe.

— Sim, pensei que a Menina Wyatt talvez gostasse da companhia. A Alison é a minha neta — explicou a Kasey. — Vive connosco há três anos, desde que o meu filho e a mulher morreram. A pobrezinha tinha apenas oito anos. — A atenção dela voltou-se de novo para Jordan. — Se me dão licença, vou tratar da sua bagagem.

— Bem. — Jordan sentou-se no sofá quando a mãe saiu da sala. — Talvez devêssemos tratar de negócios.

— Claro. — Kasey acabou de beber o vermute e pousou o copo na mesa ao lado. — Gosta de horários rígidos? Tipo, das nove às duas, das oito às dez. Ou gosta de flutuar ao sabor da maré?

— Ao sabor da maré? — repetiu Jordan olhando em seguida para Harry.— Sim. Ao sabor da maré.

Jordan anuiu com a cabeça. Aquela não era definitivamente a cientista austera e discreta que imaginara. — Porque não tentamos um pouco de ambos?

— Ok. Amanhã gostava de dar uma olhadela no seu resumo e perce-

ber um pouco melhor o que tem em mente. Podia dizer-me o que considera mais prioritário.

Kasey estudou Jordan por um momento enquanto Harry se servia de mais um martini. *Muito atraente, num suave estilo Wal Street*, decidiu ela.

Cabelo bonito; castanho-claro, apenas com algumas madeixas mais claras.

Ele deve sair deste museu de vez em quando para apanhar sol, pensou ela, mas duvidava que ele fosse muito dado a praia. Kasey sempre gostara de olhos azuis num homem, e os de Jordan eram muito escuros. E muito frios, pensou. Rosto delgado. Boa ossatura. Indagou-se se ele teria algum sangue Cheyenne a correr-lhe nas veias. A estrutura do crânio era muito similar.

As roupas e modos sofisticados eram salientados por uma certa sensualidade em redor da boca. Ela gostava do contraste. Ele tinha a constituição física de um tenista, reflectiu Kasey. Bons ombros e mãos fortes e bem tratadas.

O fato era obviamente exclusivo e conservador. *Que pena*, pensou ela de novo. *Mas cuidado*, disse para si mesma, *há aqui mais do que possa parecer à primeira vista*. Kasey tinha um pressentimento de que havia uma personalidade forte debaixo daquela sofisticação toda. E sabia, por ter lido os livros dele, que Jordan era um homem inteligente. O único defeito que encontrara no trabalho dele fora uma certa frieza.

— Estou certa de que trabalharemos muito bem em equipa, Sr. Taylor — disse ela em voz alta. — Estou desejosa por começar. É um óptimo escritor.— Obrigado.

— Não me agradeça, não tive nada a ver com isso. — Sorriu.

Os lábios de Jordan curvaram-se numa resposta instintiva no preciso momento em que ele se interrogava no que é que se teria metido.

— Tenho muito prazer em poder ajudá-lo na pesquisa — continuou ela. — Acho que tenho de agradecer ao Dr. Rhodes por lhe ter sugerido o meu nome. — O olhar dela virou-se na direcção de Harry.

— Bem… as suas credenciais eram impecáveis. — Harry gaguejou ao tentar ligar Kathleen Wyatt, cujos artigos tinha lido, com a mulher esbelta de cabelo encaracolado que estava a sorrir para ele. — Licenciou-se com distinção na universidade de Maryland?

— Exacto. Especializei-me em antropologia na Maryland e depois fiz o mestrado na Columbia. Trabalhei com o Dr. Spalding na expedição que ele fez ao Colorado. Acho que foi o meu artigo sobre essa expedição que chamou a sua atenção.

— Com licença, senhor. — A criada negra apareceu à porta. — A bagagem da Menina Wyatt já foi levada para o quarto. A Sra. Taylor sugere que talvez ela gostasse de descansar um pouco antes do jantar.

— Dispenso o jantar, obrigada. — Kasey falou directamente para a empregada e depois voltou-se de novo para o Dr. Rhodes. — Mas vou subir. Viajar cansa-me. Boa-noite, Dr. Rhodes. Acho que nos veremos várias vezes durante os próximos meses. Até amanhã, Sr. Taylor.

Saiu como entrara, deixando ambos de olhar embasbacado.

— Bem, Harry. — Jordan estava perplexo. — O que é que me estavas a dizer sobre distracções?

Depois de seguir a criada escada acima, Kasey parou à porta do quarto. Rosas-claros e dourados dominavam o esquema de cores. Cortinados cor-de-rosa pendiam sobre paredes tom de pérola; almofadas ornadas a

rosa e dourado almofadavam cadeiras da Regência. Havia uma mesinha de toucador orlado a dourado e uma chaise-longue estofada num tom de rosa mais escuro. A cama era enorme, com dossel, completa com cortinas e uma coberta de cetim cor-de-rosa.

— Credo — murmurou ela ao entrar no quarto.

— Desculpe, menina?

Kasey voltou-se para a criada e sorriu. — Nada. É um quarto e tanto.

— A casa de banho é por aqui, Menina Wyatt. Deseja que lhe prepare um banho?

— Preparar-me… não. — Kasey fez um sorriso arreganhado, incapaz de se conter. — Não, obrigada… Mil icent, não é?

— Sim, menina. Muito bem, menina. Se precisar de alguma coisa, é só premir a tecla nove do telefone. — Mil icent saiu silenciosamente do quarto, fechando cuidadosamente a porta.

Kasey largou a mala de mão em cima da cama e começou a explorar o quarto.

Na sua opinião, era demasiado requintado e cor-de-rosa. Decidiu que o iria ignorar e passar lá o mínimo de tempo possível. Além disso, naquele momento estava demasiado cansada de aviões e táxis para se importar onde iria dormir. Começou à procura da camisa de noite que Mil icent tinha aparentemente arrumado numa cómoda.

— Entre — gritou ela quando bateram à porta. Continuou a vasculhar a lingerie cuidadosamente dobrada. Ergueu os olhos até ao espelho.

— Olá. Deves ser a Alison.

Kasey viu uma criança alta e magra com um caro vestido de corte simples. O cabelo louro comprido estava cuidadosamente penteado e preso com uma fita larga. Os olhos eram grandes e escuros, mas a expressão que continham não era nem de felicidade nem de infelicidade. Kasey sentiu uma pontada de compaixão.

— Boa-noite, Menina Wyatt. — Alison quebrou o silêncio mas não entrou no quarto. — Pensei que deveria apresentar-me, já que vamos partilhar uma casa de banho nos próximos meses.

— Boa ideia. — Kasey virou-se e olhou directamente para Alison.

— Embora imagine que não demorasse muito até nos cruzarmos no duche. — Se tiver uma hora de preferência para o banho, terei todo o gosto em organizar-me consigo, Menina Wyatt.

Kasey dirigiu-se à cama para pousar a camisa de noite. — Não sou esquisita. Já partilhei várias vezes casas de banho. — Sentou-se cuidadosamente à beira da cama e olhou duvidosamente para o dossel. — Vou tentar não te atrapalhar de manhã. Imagino que vás à escola.

— Sim, este ano vou à escola. No ano passado tive um tutor. Sou muito irascível.

0

— Ah, sim? — Kasey ergueu as sobrancelhas e esforçou-se por não sorrir. — Eu sou muito calma.

Alison franziu o sobrolho. Incapaz de decidir se havia de avançar ou recuar, hesitou à porta.

Kasey reparou na hesitação, nos modos disciplinados, nas mãos en-

trelaçadas sobre a cintura do vestido caro. Lembrou-se que a criança tinha apenas onze anos. — Diz-me uma coisa, Alison, o que é que fazes aqui para te divertires?

— Para me divertir? — Fascinada, Alison entrou no quarto.

— Sim, para te divertires. Não podes estar sempre na escola. — Desviou um caracol solto dos olhos. — E eu não vou certamente trabalhar vinte e quatro horas por dia.

— Há um court de ténis. — Alison aproximou-se um pouco mais.

— E também a piscina, claro.

Kasey anuiu com a cabeça. — Eu gosto de nadar — continuou antes que Alison pudesse comentar. — Mas não sou muito boa no ténis. Jogas?

— Sim, eu…

— Maravilha! Talvez possas dar-me umas aulas. — Os olhos perscrutaram de novo o quarto. — Diz-me uma coisa, o teu quarto é cor-de-rosa?

Alison fitou-a por um momento, tentando compreender a mudança de assunto. — Não, é em tons de verde e azul.

— Hum, boa escolha. — Kasey fez uma careta às cortinas. — Uma vez pintei o meu quarto de roxo, quando tinha quinze anos. Tive pesadelos durante dois meses. — Viu o olhar de espanto de Alison. — Algum problema? — Não parece nada uma antropóloga — disse abruptamente Alison, sustendo depois a respiração devido à falta de modos.

— Não? — Kasey pensou em Jordan e levantou as sobrancelhas. — Porquê?

— É bonita. — As faces de Alison ruborizaram.

— Achas? — Kasey levantou-se para se admirar ao espelho. Semicerrou os olhos. — Às vezes também acho, mas acho principalmente que o meu nariz é pequeno de mais.

Alison estava a olhar para o reflexo de Kasey. Quando os seus olhos se cruzaram no espelho, os de Kasey iluminaram-se com um sorriso. Foi um sorriso lento, caloroso e aberto. Os lábios de Alison, tão parecidos com os do tio, curvaram-se inconscientemente em resposta.

— Tenho de descer para jantar. — Saiu do quarto recuando, não querendo perder o sorriso de vista. — Boa-noite, Menina Wyatt.

— Boa noite, Alison.

Quando a porta se fechou, Kasey virou-se e suspirou. Era uma família interessante, decidiu. A sua mente voltou-se de novo para Jordan. Muito interessante.

Dirigiu-se de novo à cama e pegou na camisa de noite, passando-a languidamente pelas mãos. *E onde é que Kasey Wyatt encaixa no meio disto tudo?* – indagou-se. Com um suspiro, sentou-se na chaise-longue. A conversa que ela interrompera entre Jordan e o Dr. Rhodes tinha sido mais divertida do que incomodativa. Mas, mesmo assim… Kasey recordou a descrição que Jordan tinha feito dela.

Típica, decidiu. A visão típica de um leigo de como é uma mulher cientista. Kasey estava perfeitamente ciente de que perturbara Harry Rhodes. Esboçou um sorriso. Achava que ia gostar dele. Ele era bastante sóbrio e delicado e, provavelmente, muito querido, reflectiu ela. Beatrice Taylor era outra coisa. Kasey recostou-se na chaise-longue e obrigou-se

a relaxar. Não havia qualquer tipo de afinidade entre ela e a anfitriã, mas, se tivessem sorte, podia ser que também não houvesse animosidade, pensou. Quanto à menina…

Fechou os olhos e começou a desabotoar a blusa. Alison. Madura para a idade – talvez demasiado madura. Kasey sabia o que era perder-se os pais na infância. Havia sentimentos de confusão, de traição, de culpa. Era demasiado para uma criança suportar. Quem teria ocupado o lugar da mãe dela? Beatrice? Kasey abanou a cabeça. Não conseguia imaginar a elegante matrona com atitudes maternais para uma criança de onze anos. Ela garantia apenas que Alison estivesse bem vestida, bem alimentada e tivesse bons modos. Kasey sentiu uma segunda ponta de compaixão. Depois havia Jordan. Com mais um suspiro, endireitou-se o suficiente para tirar a blusa e descalçar os sapatos. Não seria fácil aproximar-se dele. Kasey nem sequer tinha a certeza de o querer fazer.

Levantou-se, desapertou as calças e dirigiu-se à casa de banho. O que queria era aplicar os seus conhecimentos e experiência no livro dele. Queria ver a informação fornecida utilizada da melhor maneira possível. Mas o que queria mesmo naquele momento era tomar um banho, pensou, abrindo totalmente a torneira da água quente. As horas que passara no avião, antecedidas de uma palestra em Nova Iorque, tinham-na deixado de rastos. As reflexões sobre Jordan Taylor iam ter de esperar.

Já faltava pouco para o dia seguinte, pensou enquanto mergulhava na banheira.

2

O Sol cintilava sobre a superfície da piscina quando Jordan completou a décima volta. Avançava pela água com braçadas fortes e seguras. Quando nadava, não pensava, deixando apenas o corpo assumir o comando. Enquanto romancista, tinha muito frequentemente a mente apinhada de personagens e lugares. De palavras. Por isso começava sempre o dia limpando-a com alguma actividade física.

Naquela manhã tinha tido mais uma personagem a intrometer-se no seu cérebro. Kathleen Wyatt. Tinha-a achado fascinante. E não tinha de todo a certeza de querer estar fascinado por uma colaboradora. O trabalho era importante para ele, e o romance em que estava a trabalhar no momento poderia ser o mais importante da sua carreira. Ele achava que talvez tivesse sido melhor se Kathleen Wyatt tivesse sido mais parecida com a mulher que imaginara. A realidade era demasiado perturbadora. Quando chegou ao extremo da piscina e se virou para mais uma volta, um movimento captou-lhe a atenção. Olhou para cima e viu um rosto indistinto rodeado de caracóis vermelhos-dourados.

— Olá.

Jordan sacudiu água dos olhos e semicerrou-os em direcção ao Sol. Depois focou-os na sua colaboradora. Kasey estava sentada de pernas cruzadas na borda da piscina. Os calções de ganga e T-shirt que trazia revelavam uma pele ainda pálida de um Outubro passado em Nova Iorque. O olhar foi animado e divertido quando ela sorriu para ele. *Completamente perturbadora*, pensou ele de novo.

— Bom-dia, Menina Wyatt. Levantou-se cedo.

— Acho que ainda não me adaptei ao fuso horário. — A voz dela não tinha sotaque de Leste mas talvez uma pontinha do Sul. — Fui correr um pouco.— Correr? — repetiu ele, distraído com a tentativa de identificar o suave sotaque.

— Sim, gosto de correr. — Levantou o rosto e examinou o céu perfeito. — Na verdade, já gostava de correr antes de isso ser moda. Mesmo que me custe fazer parte de uma tendência, não consigo parar. Nada todas as manhãs?

— Sempre que posso.

— Talvez eu experimente antes isso. Com a natação exercita-se mais músculos e não se sua.

— Nunca tinha visto as coisas por esse prisma. — Depois de sair da água, Jordan pegou numa toalha.

Kasey viu-o esfregar rapidamente o cabelo. O corpo, cintilando com gotículas de água, era bem definido e bronzeado. Notavam-se bem os músculos dos braços e dos ombros. Os cabelos do peito eram louros, como os fios mais claros da cabeça que tinham sido clareados pelo Sol. Os calções de banho colavam-se às ancas. Kasey constatou que tinha estado certa quando pensara que deveria haver um corpo atlético por debaixo do fato conservador. Sentiu uma onda de desejo e ignorou-a. Aquele não era homem com quem se envolver, e nem era altura para tal.

— A natação manteve-o sem dúvida em forma — comentou ela.

Ele permaneceu calado por um momento. — Obrigado, Menina

Wyatt. — Abanou a cabeça e pegou num curto robe turco.

Kasey levantou-se num movimento fluido e rápido. A cabeça ficou ao nível do peito dele. — Quer começar a seguir ao pequeno-almoço? Se tiver outra coisa para fazer, posso eu mesma dar uma olhadela no seu resumo e nas anotações.

— Não, estou desejoso por começar. Estou cada vez mais intrigado com a ideia de tirar proveito dos seus conhecimentos.

— A sério? — Kasey fez um enorme sorriso. — Espero que não te desiludas, Jordan. A partir de agora vou tratar-te por tu. Íamos lá chegar, mais cedo ou mais tarde.

Ele anuiu com a cabeça. — E eu trato-te por Kathleen?

— Espero bem que não. — Sorriu. — Ninguém me trata assim.

Ele demorou um momento a compreender. — Então, Kasey.

Olhou novamente para ela daquele modo penetrante que a deixava ligeiramente desconcertada. Jordan percebeu uma certa perturbação atravessar-lhe o olhar.

— Podemos ir comer? — perguntou ela. Seria mais simples se fossem directamente a assuntos de ordem prática, decidiu ela. — Estou cheia de fome há horas.

…

Kasey e Jordan fecharam-se no escritório imediatamente a seguir ao pequeno-almoço. O gabinete era grande e as paredes estavam cobertas de livros. Sentia-se um aroma a couro e verniz misturado com tabaco. Kasey preferia aquela divisão relativamente a outras zonas que

já tinha visto da casa. Ali conseguia detectar sinais de produção, embora fosse uma produção escrupulosamente organizada. Não havia papéis espalhados nem livros precariamente empilhados.

Com uns óculos grandes de armação escura empoleirados no nariz, Kasey estava ao pé da janela a ler os apontamentos de Jordan. Tinha os pés descalços, e um balançava indolentemente no ar enquanto ela examinava as folhas.

Ela não era linda, decidiu Jordan. Pelo menos, não no sentido clássico. Mas o rosto era irresistível. Quando sorria, parecia que se iluminava. Os olhos pareciam estar sempre divertidos. Era alta e bastante magra, ancas estreitas e pernas longas. Um homem devia encontrar ângulos em vez de curvas quando a levasse para a cama, pensou. Franziu o sobrolho, irritado com o rumo dos pensamentos.

Havia algo de alegre nos movimentos dela – um entusiasmo e uma energia que também eram perceptíveis na fala. Naquele momento era como se ela tivesse desligado a corrente. Estava em silêncio. Os traços tranquilos. O único movimento era o balanço descontraído do pé descalço.

Kasey estava bastante ciente de que Jordan a observava. — Tens aqui uma história fascinante — disse, quebrando o silêncio e a súbita tensão sexual que tinha surgido entre os dois.

— Obrigado. — Jordan ergueu uma sobrancelha. Ele também sentira a tensão e estava tão atento ao facto como ela.

Kasey pôs as pernas para cima e pegou num cigarro. Segurou-o distraidamente entre os dedos enquanto continuava a fitá-lo nos olhos. — Pa-

rece que estás apenas a lidar com os índios das Grandes Planícies. Aparentemente são os que mais tipificam a imagem do índio americano, embora sejam os menos típicos de todos.

— Ah, sim? — Jordan levantou-se para acender o cigarro que ela ainda tinha na mão. — Então espero que clarifiques esta falsa ideia e me dês uma imagem mais exacta.

— Podias fazer isso com bibliografia bem seleccionada. — Kasey recostou-se na cadeira. — Para que é que precisas de mim?

Ele encostou-se e olhou-a contemplativamente. Os olhos fizeram um exame lento e completo. Era propositado para desconcertar.

— E também não era preciso teres mandado vir alguém de Nova Iorque — comentou ela secamente. — Não me vais ver corar de timidez, Jordan. — Sorriu e viu-o sorrir em resposta. — Fazemos o seguinte — disse ela num impulso. — Eu acabo já com a tua curiosidade e tu com a minha. Sou uma antropóloga profissional e não uma virgem profissional. Então, o que é que queres exactamente de mim no que diz respeito ao livro que estás a escrever?

— És sempre assim tão directa?

— Nem sempre — disse ela de forma evasiva. Não seria inteligente ser demasiado franca com ele. — Bem, voltando ao livro.

— Factos; detalhes sobre os costumes, as roupas, a vida nas aldeias; quando, onde e como. — Fez uma pausa, acendeu um charuto e depois observou Kasey através de uma nuvem de fumo. — Isso são coisas que posso conseguir em livros de referência. Mas quero mais. Quero o porquê.

Kasey apagou o cigarro que ele lhe tinha acendido. Jordan reparou que ela não tinha dado mais do que duas passas. Estava mais nervosa do que queria mostrar.

— Queres que te arranje teorias acerca do motivo que levou uma cultura a desenvolver-se de uma determinada forma e o porquê de ter sobrevivido ou sucumbido a pressões externas.

— Exactamente.

Com o enredo que ele estava a desenvolver e o ponto de vista correcto, poderia vir a ser um livro maravilhoso, pensou Kasey.

— Ok — disse ela subitamente. — Vou dar-te uma ideia geral. Podemos entrar nos pormenores à medida que formos avançando.

…

Três horas depois Jordan estava à janela do escritório a olhar para a piscina lá em baixo. Kasey nadava sozinha. Tinha vestido um fato-de-banho justo ao corpo. Observou-a mergulhar e nadar rente ao fundo de mosaico. Ela nadava como fazia tudo o resto, pensou ele – com rápidos impulsos de energia intercalados com momentos de acalmia. Ela era uma sprinter, não uma corredora de longas distâncias.

Kasey regressou à superfície, virou-se de costas e flutuou. Pensou em Jordan Taylor enquanto observava umas farripas de nuvens brancas atravessarem o céu. *Ele é inteligente, conservador, bem sucedido. Incrivelmente sexy. Porque é que isso me incomoda?* Semicerrou os olhos contra o Sol e deixou a mente e o corpo andarem à deriva. *Eu devia estar muito satisfeita por ter sido convidada para trabalhar com ele.* E estava . *Provavelmente é a casa*, concluiu, fechando completamente os olhos. *Não tem um grãozinho de pó. Como é que as pessoas*

conseguem viver sem pó?

Ele deve fazer parte de um clube de golfe muito exclusivo. Imagino que

existam mulheres muito elegantes na vida dele. Kasey amaldiçoou-se e vi-

rou-se ao contrário.

Devem existir homens na vida dela, pensava Jordan. *Outros cientistas, professores, provavelmente um ou dois artistas esforçados*. Amaldiçoou-se e afastou-se da janela.

Kasey saiu da piscina e sacudiu a água do cabelo. *Bem, se vou conviver*

durante uns tempos com os ricos, o melhor é aproveitar, pensou, olhando para uma espreguiçadeira. Deitou-se e deixou o Sol aquecer-lhe o corpo húmi-

do. Aquilo tinha algo que se lhe dissesse. Piscina privada, court de ténis

privado. Percorreu com os olhos a enorme área de relvado delimitada por

arbustos verdejantes e um muro de pedra. Franziu o nariz. *Lá privacidade*

temos. Pergunto-me com que frequência ele sairá daqui. A mente voltou-se de novo para Jordan. Com um suspiro, Kasey aceitou o facto de que ele iria

provavelmente continuar a intrometer-se nos seus pensamentos. Fechou os

olhos, cedeu ao jet lag e adormeceu.

…

—Vais estorricar aqui fora.

Kasey abriu lentamente os olhos e focou-os. — Olá. — Fez

um sorriso sonolento a Jordan.

— És muito clarinha. Vais queimar-te facilmente.

Ela percebeu o toque de irritação na voz dele e examinou-o. — Tal-

vez tenhas razão. — Testou a pele pressionando um dedo contra o ombro.

— Ainda não. — Olhou-o directamente nos olhos. — Algum problema?

— Não. — Ele não queria admitir, nem a ele próprio, que tinha tido

dificuldade em concentrar-se no trabalho sabendo que ela estava lá em baixo e que a podia observar da janela.

— Amanhã vou comportar-me mais dentro dos padrões normais — disse-lhe ela, pensando que talvez ele estivesse irritado porque só trabalhara algumas horas. — Os aviões deixam-me de rastos. Deve ser da altitude.

— O cabelo já estava praticamente seco e ela passou descontraidamente uma mão pela cabeça. Parecia quase cobre ao sol. — Preferes-me assim?

Ele olhou intensamente para ela. — Sim, acho que sim.

Kasey percebeu o duplo sentido e achou sensato levantar-se. — Acho que não estávamos a falar do mesmo. — Sorriu mas manteve-se fora de alcance.

Ele deu um passo em direcção a ela, surpreendendo ambos. Num impulso, estendeu a mão para lhe tocar no cabelo. — És uma mulher muito atraente.

— E tu és um homem muito atraente — disse ela suavemente. — E vamos trabalhar juntos durante algum tempo. Não me perece que devêssemos… complicar as coisas. Não estou a ser tímida, Jordan. Estou a ser prática. Quero muito ver este livro terminado. Pode ser tão importante para mim como vai ser para ti.

— Vamos acabar por fazer amor, mais cedo ou mais tarde, sabias?

— A sério? — Ela inclinou a cabeça.

— Sim, a sério. — Jordan virou costas e deixou-a sozinha na piscina. *Bem*, pensou ela, colocando as mãos nas ancas. *Será mesmo? Acho que ele está habituado a levar sempre a dele avante*. Estendeu-se de novo na espreguiçadeira. Embora a arrogância dele a irritasse, Kasey admirava

a frontalidade. Quando queria, ele conseguia largar os modos polidos e a elegância. Podia ser um caso mais difícil do que ela esperara.

Seria tolice negar que se sentia atraída por ele e igualmente tolice deixar-se levar pela atracção. Franziu o sobrolho e enrolou um caracol em volta de um dedo. O que tinham em comum Kathleen Wyatt e Jordan Taylor? Nada. Ela não iria, não podia, envolver-se emocional ou fisicamente com um homem a não ser que existisse uma base sustentável. A atracção não chegava; e nem o respeito. Havia necessidade de afecto, de amizade. Kasey não tinha de todo a certeza de conseguir ser amiga de Jordan Taylor. *O tempo o dirá*, disse para si mesma, recostando-se de novo.

Então um movimento chamou-lhe a atenção.

Kasey ergueu os olhos, sorriu e levantou a mão num aceno. Alison pareceu hesitar por um momento, mas depois aproximou-se dela.

— Olá, Alison. Saíste agora da escola?

— Sim, acabei de chegar a casa.

— Eu estou a fazer gazeta. — Kasey recostou-se de novo. — Já alguma vez fizeste gazeta?

Alison fez uma expressão de horror. — Não, claro que não!

— Que pena. É divertido. — *Uma criança adorável e demasiado solitária*, pensou Kasey. Lançou um grande sorriso à menina. — O que é que estás a estudar?

— Poetas americanos.

— Tens algum favorito?

— Gosto de Robert Frost.

— Eu sempre gostei de Frost. — Kasey sorriu ao relembrar alguns

versos. — Os poemas dele fazem-me sempre lembrar o meu avô.

— O seu avô?

— Ele é médico numa zona remota da Virgínia Ocidental. Monta-

nhas azuis, floresta, riachos. Da última vez que lá fui, ele ainda fazia consul-

tas ao domicílio. — *E continuará a fazê-las quando tiver cem anos*, pensou ela, e sentiu de repente uma grande saudade do avô. Já há muito tempo que

não ia a casa. — Ele é um homem incrível; grande e robusto, cabelos bran-

cos e uma voz potente. Mãos delicadas.

— Seria bom ter um avô — murmurou Alison, tentando imaginá-lo.

— Via-o muitas vezes quando era criança?

— Todos os dias. — Kasey reconheceu as saudades. Estendeu a mão

para tocar nos cabelos de Alison. — Os meus pais morreram quando eu

tinha oito anos. Foi ele que me criou.

Os olhos de Alison eram muito intensos. — Sente falta deles?

— Por vezes ainda sinto. — *Ela ainda sofre*, pensou Kasey. *Será que*

algum deles sabe disso? — Para mim, serão sempre jovens e felizes juntos.

Assim é mais fácil.

— Eles costumavam rir-se — murmurou Alison. — Recordo-me de

os ouvir rir.

— Essa é uma boa recordação. Nunca a perderás. — *Não há aqui riso*

suficiente, decidiu Kasey, e sentiu um súbito acesso de raiva de Jordan. *Nem de perto*. — Alison. — Interrompeu os pensamentos da criança. — Aposto

como te aperaltas sempre para jantar.

— Sim, senhora.

— Por favor. — Kasey sorriu e abanou a cabeça. — Não me chames isso. Faz-me sentir com um milhão de anos. Trata-me por Kasey.

— A avó não ia gostar que eu tratasse um adulto pelo primeiro nome.— Chama-me Kasey à mesma e eu falo com a tua avó se for preciso. Porque não sobes comigo e me ajudas a escolher alguma coisa para vestir? Não quero desgraçar o nome dos Taylor.

Alison fitou-a. — Queres que te ajude a escolher um vestido?

— Sabes provavelmente mais sobre o assunto do que eu. — Kasey sorriu e deu o braço a Alison.

…

Umas horas depois, Kasey parou à porta da sala de estar a observar os seus ocupantes.

Beatrice Taylor estava na cadeira de brocado dourado. Usava seda negra e diamantes. Jóias cintilavam nas orelhas e pescoço. Alison estava ao piano, ensaiando obedientemente um trecho de Brahms. Jordan estava no bar a preparar alguns martinis.

A hora da família. Kasey fez uma careta. Pensou nos jantares que tinha tido com o avô – o riso, as discussões. Pensou nas refeições barulhentas no colégio, com conversas que iam das intelectuais às mais bizarras. Pensou nas refeições muitas vezes intragáveis nas escavações. Era o dinheiro que enclausurava as pessoas daquela forma? Ou seria uma questão de escolha?

Kasey esperou que Alison acabasse de tocar antes de entrar na sala.

— Olá. Sabem, uma pessoa podia deambular durante dias por esta casa e

não encontrar vivalma.

— Menina Wyatt. Só precisava de chamar um criado. Teria sido conduzida até à sala.

— Ah, não faz mal. Consegui, finalmente. Espero não estar atrasada. — De todo — disse Jordan. — Comecei agora mesmo a preparar um cocktail. Que tal um martini? Ou talvez queiras dizer-me o que preferes com esta tequila.

— Tens tequila? — Sorrindo, aproximou-se dele. — Foi muito simpático da tua parte. Posso preparar? — Tirou a garrafa das mãos de Jordan.

— Observa com atenção. Estou prestes a revelar-te um segredo antigo e muito bem guardado.

— O avô da Kasey é médico — anunciou Alison de repente. Beatrice voltou a atenção para a neta.

— Quem é a Kasey, querida? — O tom tinha uma ponta de irritação.

— Uma das tuas amigas da escola?

Kasey olhou e viu Alison corar. — A Kasey sou eu, Sra. Taylor — respondeu ela com descontracção. — Temos de pôr um bom bocado de sumo de limão — disse ela a Jordan. E demonstrou. — Pedi à Alison que me tratasse pelo primeiro nome, Sra. Taylor. Também queres um, Jordan? — Serviu dois copos sem esperar pela resposta dele. Sorriu para Beatrice, bebericou e depois voltou-se para Jordan. — O que achas? — perguntou-lhe.

— Boa, não é?

Ele bebeu um pouco, olhando para ela. — Deliciosa — murmurou.

— E inesperada.

Ela deu uma pequena gargalhada, sabendo que ele estava a referir-se a ela e não à bebida.

Jordan teve uma vez mais de controlar o desejo de lhe tocar nos cabelos. — Não gostas de saber qual vai ser o rumo da tua vida?

— Credo, claro que não! — disse ela imediatamente. — Gosto de ser surpreendida. Não gostas de surpresas, Jordan?

— Não tenho bem a certeza — murmurou ele. Tocou com o copo no dela. — Então, ao inesperado. Por enquanto.

Kasey não tinha a certeza a que é que estava a brindar, mas ergueu o copo. — Por enquanto — repetiu.

…

Nos dias que se seguiram, Jordan conformou-se a trabalhar a sério com Kasey. Harry tinha tido razão acerca de uma coisa: ela era inquestionavelmente uma perita naquela área. E era também inquietante. Kasey tinha uma sensualidade vibrante que não precisava de acentuar. Não usava quase

0

mais nada a não ser roupa confortável, e quase nunca se dava ao trabalho de se maquilhar.

Observava-a naquele momento à janela do escritório. O Sol raiava-lhe sobre os cabelos. Era laranja-acastanhado àquela luz. Ela usava calções de jogging e estava de novo descalça. No dedo anelar da mão direita usava uma aliança dourada muito fininha. Ele já tinha reparado no anel e indagava-se quem lho teria dado e porquê. Duvidava que ela comprasse jóias de qualquer tipo. Não era coisa a que ela desse importância.

Com um esforço, desviou a atenção da mulher e concentrou-se nas palavras que ela dizia.

— A dança do Sol era importante para a vida cerimonial de muitas das tribos das planícies. — Kasey tinha uma voz baixa e discreta quando falava assim. — Algumas praticavam automutilação para conseguirem entrar em transe e receber visões. O dançarino espetava paus afiados em pregas de pele do peito e amarrava-os a um poste. Depois dançava, cantava e orava por uma visão até conseguir soltar-se; era também um sinal de coragem e de resistência. Um guerreiro tinha de se pôr à prova; para ele próprio e para a tribo. Eram os costumes deles.

— E tu aprovas?

Ela lançou-lhe um olhar divertido e paciente. — Não me cabe a mim aprovar ou desaprovar. Eu estudo. Observo. Enquanto escritor, suponho que tenhas um ponto de vista diferente. Mas se vais escrever sobre este tema, é melhor tentares compreender as motivações. — Desviando uns livros do caminho, sentou-se na mesa. — Se um homem conseguia resistir àquele tipo de dor, dor auto-infligida, não seria destemido numa batalha? Implacável? A sobrevivência da tribo era a primeira prioridade.

— Necessidade cultural — disse ele, anuindo com a cabeça. — Sim, estou a perceber o que queres dizer.

— Visões e sonhos eram uma parte fundamental da sua cultura. Os homens que tinham visões fortes tornavam-se frequentemente xamãs. — Kasey virou-se e começou a vasculhar os livros que estavam em cima da secretária. — Há uma imagem bastante boa… tribo Blackfoot… se eu me

conseguisse lembrar de qual livro.

— És esquerdina — observou ele.

— Hum? Não, na verdade sou ambidextra.

— Isso pode contribuir — disse ele ironicamente.

— Para quê? — perguntou ela, levantando uma sobrancelha.

— Para o inesperado.

Kasey riu-se. O riso dela atingiu algo dentro dele. — Devias fazer isso mais vezes.

— Fazer o quê?

— Rires-te. Tens uma gargalhada maravilhosa.

Ele ainda estava a sorrir, e isso afectou-a. Durante dias tinha sido capaz de manter os sentimentos sob controlo. Pegou num cigarro e pôs-se à procura de fósforos. — Claro que se rirmos demasiado aqui, a tua mãe vai acampar para o alpendre.

Ele observou-a a desviar livros e papéis. — Porque é que ela faria uma coisa dessas?

— Ora, Jordan, sabes muito bem que ela acha que eu pretendo seduzir-te e fugir com metade da fortuna. Tens lume?

— Não estás interessada em nenhuma das duas coisas?

— Somos colegas de trabalho — disse ela bruscamente. Aproximou-se da secretária, ainda à procura de fósforos. Estava a começar a sentir-se ligeiramente nervosa. Queria acalmar-se antes que piorasse. — E, embora sejas bastante atraente, o dinheiro não abona a teu favor.

— Ah, é? — Jordan levantou-se e aproximou-se dela. — Porquê?

Normalmente as pessoas sentem-se atraídas pelo dinheiro.

Percebendo a irritação, Kasey suspirou e virou-se de frente para ele.

Achava que era melhor para ambos se esclarecesse bem a sua posição. — A normalidade é relativa, Jordan.

— Assim fala a antropóloga.

— Os teus olhos escurecem bastante quando estás irritado, sabias? O dinheiro é muito bom, Jordan. Eu própria costumo usá-lo. Mas tem tendência para toldar a realidade.

— A realidade de quem?

— É exactamente esse o ponto. — Encostou-se à mesa. — As pessoas endinheiradas como tu nunca vêem a vida como ela é para a maioria: esforços diários, orçamentos, credores, facturas. Tu estás afastado disso tudo.

— E vês isso como um defeito?

— Eu não disse isso.

— Não te cabe a ti aprovar ou desaprovar?

Kasey soprou os caracóis da frente dos olhos. Como é que se metera naquilo? — Admito que me põe nervosa, mas esse é um problema pessoal. Não achas que o dinheiro tende a isolar o indivíduo das emoções do dia-a-dia?

— Está bem. — Puxou-a para ele. — Vamos testar a tua teoria.

Cobriu a boca dela com a sua. Não foi o beijo que ela esperara dele.

Foi ávido e possessivo e exigiu uma resposta completa e indiscutível. Ela resistiu por um instante. Estava determinada a não se render. Mas o corpo começou a aquecer. Deu por si a emitir um gemido e apertou-o mais contra

ela. Havia algo quase selvagem na forma como a boca dele se apossou da dela. Não havia suavidade nem sedução. Ele procurava a resposta dela e exigia mais. Ela dava. As próprias carências não lhe deixaram opção.

Os lábios dele afastaram-se dos dela por um momento e ela tentou recuar para clarear as ideias. — Ah, não. — Manteve-a bem agarrada. — Ainda não. Estou longe de ter terminado.

Jordan explorou, invadiu, possuiu. Estava a arrancar algo dela que ela ainda não estava preparada para dar. Ela queria recompor-se, soltar-se, mas os seus braços não o largavam. A boca dela estava determinada a ter mais.

A mão dele foi ríspida quando lhe agarrou no seio. Os dedos eram longos e finos e faziam a pele dela arder com o toque. Era mais do que prazer, mais do que paixão. Isso ela já tinha sentido antes. Ali estava a acontecer algo que ela nunca vivera. E isso assustava-a, mas fazia-a desejar e responder à exigência dele com maior fervor. Então, quando ela percebeu que o limite da sanidade estava prestes a ser ultrapassado, ele soltou-a.

Kasey ficou a olhar para ele. Pensamentos e emoções estremeciam através dela. O sabor dele permanecia nos lábios.

— Esta é a primeira vez que te vejo ficar sem palavras — murmurou Jordan. Deslizou a mão até à base do pescoço dela e acariciou-o. Kasey sentiu uma nova vaga de desejo inundá-la.

— Apanhaste-me de surpresa. — Libertou-se dele e afastou-se. Ia ter de pensar muito bem no que tinha acontecido, mas aquela não era a altura apropriada. Precisava de reorganizar as ideias.

Ele observava-a atentamente. Agradava-lhe o facto de a ter descon-

certado. Mas ela também o desconcertara. Jordan não se tinha preparado

para a intensidade do desejo que sentira ao saboreá-la pela primeira vez.

— Vou ter de me habituar a surpreender-te — disse. Kasey voltou-se

de frente para ele.

— Eu não me surpreendo facilmente, Jordan. E não tenciono ter um

caso contigo.

— Ainda bem. Isso vai tornar as coisas muito mais interessantes. Eu

tenciono ter um contigo.

Avaliei mal, pensou ela. *Ele não está preso a convenções sociais como eu pensava. Há uma forte rebeldia por debaixo daquela polidez social.* Teria de ser mais cuidadosa. Obrigou a voz a parecer calma quando perguntou:

— Não ia mostrar-te uma foto de um xamã?

Ele tirou-lhe o livro da mão e fechou-o com firmeza. — Primeiro

vamos ao que é prioritário. Que tal tirares o dia de amanhã para irmos ve-

lejar? — Velejar? — O tom dela era cauteloso. — Só nós dois?

— Era isso que eu tinha em mente.

A proposta de liberdade depois de dias enfiada em casa e a opor-

tunidade de estar com ele longe do trabalho eram tentadoras. Demasiado

tentadoras. Kasey abanou a cabeça. — Não me parece sensato.

— Não me pareces ser o tipo de mulher que só faz o que é sensato.

— A mão dele deslizou pelo rosto dela até ao cabelo.

— Estou a abrir uma excepção. Gostaria realmente que não fizesses

isso. — Começou a sentir o coração a bater com força.

Jordan beijou-a suavemente na têmpora. — Vem comigo, Kasey. Pre-

ciso de um dia longe deste escritório, longe destes livros.

Talvez só desta vez, pensou ela.

…

A embarcação era tudo o que ela tinha previsto: elegante, luxuosa e cara. Agradara-lhe ver Jordan manejar o iate de quatro metros e meio com uma destreza que revelava bastante experiência. Sentou-se na proa para poder ver o barco afastar as águas. *É este o escape dele quando aquele mundo em que se enclausurou se torna insuportável*, reflectiu.

Kasey observou-o à cana do leme. Estava de tronco nu. Como seria fazer amor com ele? Dobrou as pernas debaixo dela no banco almofadado e examinou-o atentamente. Ele tinha umas mãos maravilhosas. Ali sentada com o vento a bater-lhe, ainda conseguia sentir o toque dele. Devia ser um amante exigente, concluiu ela, lembrando-se da agressividade do beijo. Excitante. *Mas... há um mas, e eu ainda não sei o que é. Nem tenho a certeza se quero saber.*

Jordan voltou-se para ela e os olhares cruzaram-se. — Em que é que estás a pensar?

— Estou apenas às voltas com um problema hipotético — disse ela, corando. — Olha! — Por cima do ombro dele, viu um grupo de golfinhos. Saltavam e mergulhavam e saltavam de novo. — Não são maravilhosos?

— Desdobrou as pernas e dirigiu-se à popa. Equilibrou-se, pondo uma mão no ombro dele, e depois debruçou-se mais. — Se eu fosse uma sereia, nadava com eles.

— Acreditas em sereias, Kasey?

— Claro que sim. — Sorriu para ele. — Tu não?

— É a cientista que está a perguntar? — Levou uma mão à anca dela. — A seguir vais dizer-me que o Pai Natal não existe. Para escritor, tens uma imaginação muito fraca. — Kasey inspirou profundamente o ar marítimo. Depois começou a afastar-se, mas ele agarrou-lhe no braço. O barco oscilou um pouco e ele apertou-lho com mais força para a equilibrar. *Tem calma*, disse ela para si mesma, tentando não responder ao toque dele.

— Podemos discutir isso ao almoço.

— Tens fome? — Jordan sorriu e levantou-se. As mãos subiram para repousar nos ombros dela.

— Habitualmente tenho. Gostava de ver o que é que o François pôs naquele cesto.

— Só um minuto. — Baixou a boca para saborear a dela.

Foi um beijo diferente do que haviam dado no dia anterior. Os lábios ainda eram confiantes, mas naquele dia estavam suaves e mais lentos. Ela sentia o calor do Sol e o vento em redor. O aroma do sal pairava no ar. As velas ondulavam acima das cabeças deles.

Ela estava de novo a perder o controlo. E não queria aquela perda de poder. Com muito cuidado, soltou-se dos braços dele. — Jordan — começou, expirando em seguida para se acalmar. Ele estava a sorrir para ela, e as mãos nos ombros suavizaram para uma carícia. — Estás muito satisfeito, não estás?

— Por acaso, estou.

Ele virou costas e manteve-se ocupado por alguns momentos a des-

cer as velas. Kasey encostou-se à balaustrada sem oferecer ajuda. — Jordan, talvez eu te tenha passado a impressão errada. — O tom estava outra vez mais descontraído. — Disse-te que não era uma virgem profissional. Mas não vou para a cama com qualquer um.

Ele nem sequer olhou para ela. — Eu não sou qualquer um.

Ela sacudiu o cabelo para trás. — Não tens problemas de ego, pois não? — Não, que me tenha apercebido. Onde é que arranjaste essa aliança? Kasey olhou para a mão. — Era da minha mãe. Porquê?

— Simples curiosidade. — Pegou no cesto. — Vamos ver então o que é que o François preparou para nós?

3

Os dias eram verdes e dourados no eterno Verão de Palm Springs. O céu límpido, o ar do deserto seco e quente. Para Kasey, a monotonia era simultaneamente inevitável e sufocante. A rotina era uma parte necessária da vida contra a qual ela por norma se rebelava. Em casa da família Taylor tudo corria sem incidentes – demasiado bem. Não havia discussões; altos e baixos. Se havia uma coisa que conseguia enervar Kasey, era uma organização perfeita. A condição humana incluía falhas que Kasey compreendia e aceitava. Mas as falhas eram coisa rara na mansão dos Taylor.

Ela trabalhava diariamente com Jordan, e embora estivesse ciente de que a sua falta de disciplina o frustrava, estava certa de que ele não podia apontar falhas aos seus conhecimentos. Kasey era boa na sua área. Aos poucos começou a conhecê-lo melhor. Jordan era um escritor disciplinado e um homem exigente e meticuloso. Era capaz de extrapolar precisamente o que queria da enxurrada de factos e teorias que ela lhe fornecia. E Kasey, uma crítica severa, começou a respeitar e a admirar a sua mente. Era mais fácil para ela concentrar-se na inteligência e no talento dele do que ter de lidar com ele enquanto homem, um indivíduo que a atraía e inquietava. Não estava habituada a sentir-se inquieta.

Kasey não tinha a completa certeza de gostar dele. Eram o oposto um do outro em muitos aspectos. Ele era pragmático; ela volúvel. Ele era reservado; ela extrovertida. Ele era racional; ela emocional. Contudo, ambos estavam acostumados a ter o controlo da situação. Perturbava-a o facto de não conseguir controlar a atracção que sentia por ele.

Kasey nunca se teria considerado idealista. Mas sempre pensara que quando se envolvesse profundamente com um homem, seria com alguém que encaixasse na perfeição com as suas exigências. Teria de ser forte, inteligente, e ter um poço de emoções que ela pudesse extrair com facilidade. Teriam de se compreender um ao outro. Ela estava bastante convicta de que Jordan não a compreendia mais do que ela a ele. Os estilos de vida dos dois eram completamente diferentes. Ainda assim, continuava a pensar nele, a observá-lo, a indagar-se. Ele estava a apinhar-lhe os pensamentos.

Sentada no gabinete dele, enquanto lia um rascunho de um capítulo novo, Kasey reconheceu que, pelo menos, àquele nível, estavam a atingir uma compatibilidade firme. Ele estava a conseguir captar as ideias que ela lhe tentava transmitir e depois misturava-as com factos e dados. Era uma prova da utilidade que ela tinha. Sentir-se útil era para si essencial.

Voltou a pousar as folhas no colo e olhou para ele. — Está maravilhoso, Jordan.

Ele parou de escrever e, erguendo uma sobrancelha, fitou-a nos olhos.

— Pareces surpreendida.

— Agradada — corrigiu ela. — Existe aqui maior empatia do que eu esperava.

— A sério? — O comentário pareceu interessá-lo e ele recostou-se na cadeira para a observar.

Kasey sentiu-se constrangida. Ela achava que ele era suficientemente intuitivo para lhe ler os pensamentos, se assim o desejasse. Mas não se ia

preocupar com isso. Levantou-se e dirigiu-se à janela.

— Acho que podias aprofundar mais as duas subculturas da vida nas Grandes Planícies. As tribos semiagricultoras das planícies orientais viviam em aldeias e tinham características das Grandes Planícies bem como das áreas culturais do Leste e do Sudeste. Estas consistiam em…

— Kasey.

— Sim? — Enfiou as mãos nos bolsos e virou-se de novo para ele.

— Estás nervosa?

— Claro que não. Porque estaria? — Começou à procura do maço de cigarros.

— Quando estás nervosa, vais até à janela, — parou e pegou nos cigarros dela, — ou procuras isto.

— Vou à janela para ver o que se passa lá fora — replicou ela, irritada com a percepção dele. Estendeu a mão para aceitar o maço de cigarros, mas pousou-os na secretária e levantou-se.

— Quando estás nervosa, — continuou ele, aproximando-se, — tens dificuldade em manter-te quieta. Tens de mexer alguma coisa; as mãos, os ombros.

— Tenho a certeza de que isso é fascinante, Jordan. — Kasey manteve as mãos dentro dos bolsos. — Tiraste algum curso de psicologia com o Dr. Rhodes? Acho que estávamos a falar das subculturas dos índios das Grandes Planícies.

— Não. — Ele estendeu a mão e enrolou um dos caracóis dela em redor do dedo. — Eu estava a perguntar-te porque é que estás nervosa.

— Não estou nervosa. — Kasey esforçou-se por manter o corpo perfeitamente quieto. — Eu nunca fico nervosa. — Ele esboçou um sorriso.

— De que é que estás a rir-te?

— É muito recompensador enervar-te, Kasey.

— Olha, Jordan…

— Acho que nunca te vi irritada — comentou ele, levando a outra mão ao pescoço dela. A pulsação dela estava a começar a acelerar. Ele sentiu o desejo acender-se ao senti-la sob a palma da mão.

— Não ias gostar de ver.

— Não estou muito certo disso — murmurou ele. Queria-a. Àquela distância só lhe faltava sentir o movimento do corpo dela debaixo do seu. Queria tocá-la, explorar os ângulos agudos do corpo dela e a suavidade da pele. Queria que ela se entregasse com o entusiasmo que lhe era tão característico. Jordan não se lembrava de alguma vez ter desejado tanto uma mulher. — É sempre interessante ver uma pessoa forte perder o controlo — disse-lhe, acariciando-lhe ainda o pescoço. — És uma mulher muito forte e muito suave. É uma combinação excitante.

— Não estou aqui para te excitar, Jordan. — O corpo dela ansiava por ele. — Estou aqui para trabalhar contigo.

— Fazes muito bem ambas as coisas. Diz-me… — A voz dele deslizava sobre a pele dela tão suavemente como os dedos. — Pensas em mim quando estás sozinha à noite, no quarto?

— Não.

Ele sorriu outra vez. Embora ele não a tivesse puxado mais para per-

to, Kasey sentia o desejo agitar-se dentro dela. Ela não estava acostumada a refrear a paixão, nunca sentira essa necessidade.

— Não sabes mentir lá muito bem.

— A tua arrogância está a evidenciar-se de novo, Jordan.

— Eu penso em ti. — Os dedos dele apertaram-lhe a parte de trás do pescoço. — Penso de mais.

— Não quero que penses. — A voz dela estava fraca e isso assustou-a.

— Não, não quero. — Abanando a cabeça, afastou-se dele. — Não ia funcionar.— Porquê?

— Porque… — Atrapalhou-se e ficou ainda mais assustada. Nunca ninguém a tinha posto naquele estado. — Porque queremos coisas diferentes. Preciso de mais do que o que tu serias capaz de me dar. — Passou uma mão pelos cabelos com a certeza de que tinha de sair dali. — Vou fazer um intervalo. Retomamos depois do almoço.

Jordan viu-a sair apressadamente do gabinete.

Claro que ela tem razão, pensou, franzindo o sobrolho em direcção à porta. *O que ela diz faz todo o sentido. Então porque é que não consigo deixar de pensar nela?* Deu a volta à secretária e voltou a sentar-se em frente da máquina de escrever. *Ela não devia atrair-me desta forma*. Recostando-se, tentou analisar o que sentia por ela e o porquê. Seria simplesmente uma atracção física? Se era, porque se sentiria atraído por uma mulher que não tinha nada a ver com as outras que tinha desejado até então? E porque é que dava por si a pensar nela nas alturas mais improváveis – quando estava a fazer a barba, quando estava a meio da construção de um parágrafo? Seria melhor se aceitasse simplesmente os seus sentimentos como desejo e nada

mais. Não havia espaço para mais nada. Ela tinha razão, decidiu. Nunca iria funcionar.

Voltou-se de novo para os apontamentos, escreveu duas frases e amaldiçoou-se.

Quando atravessava a sala de estar a caminho do quarto, Kasey viu Alison a ler muito bem sentada no sofá. A menina levantou os olhos e estes iluminaram-se.

— Olá. — Kasey ainda sentia nervos e desejos percorrerem-lhe o corpo. — Fizeste gazeta?

— É sábado — disse-lhe Alison. Fez um sorriso hesitante a Kasey.

— Oh. — Era preciso ser-se cego para não ver as carências nos olhos da criança. Pondo de parte os próprios problemas, sentou-se ao lado de Alison. — O que estás a ler?

— *O Monte dos Vendavais*.

— Pesado — comentou Kasey, folheando alguma páginas e desmarcando o sítio onde Alison tinha parado a leitura. — Na tua idade eu lia a banda desenhada do Super-Homem. — Sorriu e passou uma mão pelos cabelos de Alison. — E, às vezes, ainda leio.

A criança olhava fixamente para ela com um misto de espanto e desejo. Kasey baixou-se para lhe beijar o topo da cabeça. — Alison. — Pousou os olhos no fato de calça e casaco de linho azul que a menina tinha vestido.

— Estás colada a esse uniforme?

Alison olhou para baixo e gaguejou: — N-não sei.

— Não tens roupa de andar por casa?

— Roupa de andar por casa? — repetiu Alison.

— Pois, calças de ganga velhas, alguma coisa já com buracos ou uma nódoa de chocolate.

— Não. Não me parece…

— Deixa estar. — Kasey sorriu e pôs o livro de parte. — Com todas as roupas que tens, não se deve dar pela falta de um fato. Anda. — Levantou-se, agarrou na mão de Alison e puxou-a para a porta do pátio.

— Onde vamos?

Kasey olhou para Alison. — Vamos pedir a mangueira ao jardineiro e fazer esculturas de lama. Quero ver se consegues sujar-te. — Saíram as duas. — Esculturas de lama? — repetiu Alison enquanto percorriam o jardim.

— Pensa como se fosse um projecto de arte — sugeriu Kasey. — Uma experiência educativa.

— Não sei se o Haverson nos vai emprestar a mangueira — avisou Alison.— Ah, não? — Kasey sorriu de expectativa quando se aproximaram do jardineiro. — Vejamos.

— Bom-dia, menina. — Haverson tocou na ponta do boné e parou de podar.

— Olá, Sr. Haverson. — Kasey dirigiu-lhe um sorriso luminoso. — Queria dizer-lhe o quanto admiro o seu jardim. Especialmente as azáleas.

— Tocou numa flor em forma de funil. — Diga-me, utiliza folhas de carvalho como protecção?

Quinze minutos depois, Kasey tinha a mangueira e estava muito ata-

refada a fabricar lama atrás de um bloco de arbustos de rododendro.

— Como é que sabias aquilo tudo? — perguntou Alison.

— Aquilo o quê?

— Como é que sabias tanto sobre flores? És antropóloga!

— Achas que um canalizador só percebe de canos? — Sorriu para Alison, divertida com a expressão de concentração no rosto da criança. — A aprendizagem é uma maravilha, Alison. Não há nada que não possamos aprender se quisermos. — Desligou a mangueira e agachou-se. — O que é que gostavas de fazer?

Alison sentou-se alegremente ao lado dela e tocou na lama com a ponta de um dedo. — Não sei como.

Kasey riu-se. — Não é acido, querida. — Enterrou a mão na lama até ao pulso. — Quem poderá saber se Michelangelo não começou assim? Acho que vou fazer um busto do Jordan. — Suspirou, desejando que ele não lhe tivesse vindo à ideia. — Ele tem uma cara fascinante, não achas?

— Acho que sim. Mas já é um bocado velho. — Alison, ainda cautelosa, começou a fazer um monte com a lama.

— Oh. — Kasey franziu o nariz. — Ele é apenas uns anos mais velho que eu, e eu ainda mal saí da adolescência.

— Não és velha, Kasey. — Alison ergueu de novo os olhos. O olhar ficou subitamente intenso. — Não tens idade para ser minha mãe, pois não?

Kasey apaixonou-se. O coração rendeu-se e não havia forma de voltar atrás. Alguém precisava dela. — Não, Alison, não tenho idade para ser tua mãe. — A voz era suave, compreensiva. Quando a menina baixou os olhos,

Kasey levantou-lhe o queixo com um dedo. — Mas tenho idade suficiente

para ser tua amiga. E também não me importava de ter uma.

— A sério?

A criança ansiava por ser amada, por ser tocada. Kasey sentiu raiva

0

de Jordan ao emoldurar o rosto de Alison com as mãos. — A sério. — Ob-

servou o sorriso formar-se timidamente no rosto da criança.

— Mostras-me como se faz um cão? — perguntou Alison, enfiando

as mãos na lama.

Uma hora depois, regressaram para dentro de casa aos risinhos. Cada

uma levava um par de sapatos cobertos de lama. A mente de Kasey estava

mais leve. *Preciso dela tanto quanto ela precisa de mim,* pensou, olhando para Alison. Riu-se e parou para levantar o rosto sujo da menina.

— Estás linda — disse-lhe. Dobrou-se e beijou-lhe o nariz. — Contu-

do, a tua avó pode não concordar, por isso é melhor subires e tomares um

banho.— Ela foi a uma reunião social — comentou Alison, dando mais

umas risadinhas ao ver a lama na bochecha de Kasey. — Ela está sempre

em reuniões.

— Então não precisamos de a aborrecer, pois não? — Kasey segurou

na mão de Alison e recomeçou a andar. — Claro que não deves mentir-lhe.

Se a tua avó te perguntar se estiveste a esculpir esculturas de lama atrás dos

rododendros, terás de confessar.

Alison prendeu o cabelo desgrenhado atrás da orelha. — Mas ela

nunca me iria perguntar uma coisa dessas.

— Isso simplifica as coisas, não é? — Abriu a porta do pátio. — Gosto do cão que fizeste. Acho que tens talento para as artes. — Ao atravessarem a sala de estar, Kasey começou a revistar os bolsos à procura de um fósforo. A sala metia-lhe nervos.

— Eu gostei mais do teu busto. Parecia mesmo o… Tio Jordan!

— Sim, ficou bastante bem. — Kasey parou ao fundo das escadas e revistou os bolsos de trás. — Sabes, parece que nunca encontro um fósforo quando preciso. Porque será? — Depois, reparando na expressão de espanto na cara de Alison, levantou os olhos. — Ah, olá, Jordan. — Sorriu amigavelmente. — Tens lume?

Ele desceu lentamente os degraus, desviando os olhos da menina para a mulher. As calças de linho de Alison estavam todas emporcalhadas. O cabelo soltara-se da fita e tinha bocados de lama agarrados. Os olhos dela fitavam-no num rosto bastante sujo. As mãos estavam castanhas até ao pulso. Assim como as de Kasey. Passaram-lhe pela cabeça uma dúzia de explicações que ele descartou. Se tinha aprendido alguma coisa nos dias que passara com Kasey, era que o melhor era explorar primeiro o improvável.

— Que diabos andaram a fazer?

— Estivemos a fazer arte — respondeu Kasey com descontracção.

— Muito educativo. — Apertou a mão de Alison. — É melhor ires tomar o teu banho, querida.

Os olhos de Alison voaram dos do tio para os de Kasey. Subiu as escadas a correr e desapareceu.

— A fazer arte? — repetiu Jordan, seguindo a sobrinha com os olhos.

Franziu o sobrolho a Kasey. — Parece-me que andaram a chafurdar na lama. — Não foi a chafurdar, Jordan. Foi a criar. — Kasey desviou o cabelo desalinhado dos olhos. — Estivemos a fazer esculturas de lama. A Alison é bastante boa.

— Esculturas de lama? Estiveram a brincar na lama? Nós nem sequer temos lama!

— Fizemos um pouco. É muito fácil. Só é preciso água…

— Por amor de Deus, Kasey! Eu sei como se faz lama.

— Claro que sabes, Jordan. — A voz era tranquila mas ele percebeu a diversão nos olhos dela. — És um homem inteligente.

Jordan sentiu que estava a perder a paciência. — Não mudes de assunto.— Que assunto? — Ela fez-lhe um sorriso ingénuo e quase arreganhou os dentes quando ele respirou fundo.

— Lama, Kasey. O assunto era lama.

— Bem, não há muito mais que eu te possa dizer acerca disso. Disseste que sabias como se fazia.

Ele praguejou e cerrou os punhos. — Kasey, não achas que é um pouco infantil para uma mulher levar uma menina de onze anos a passar a tarde num monte de lama?

Então sempre sabes a idade dela, pensou Kasey olhando atentamente para ele. — Bem, Jordan, isso depende.

— De quê?

— De quereres uma sobrinha de onze anos ou uma quarentona anã.

— O que é que estás para aí a dizer? Mesmo para ti, é difícil de com-

preender.

— A menina está quase na meia-idade e tu estás tão preocupado

com o Jordan Taylor que não vês isso. Ela lê *O Monte dos Vendavais* e toca Brahms. É limpinha e sossegada e não se intromete na tua vida.

— Espera. Repete lá.

— Repetir! — A fúria dela costumava aflorar rapidamente. Ajeitou

de novo o cabelo. — Ela não passa de uma menina! Precisa de ti, precisa de

alguém. Quando é que conversaste com ela a última vez?

— Não sejas ridícula. Converso com ela todos os dias.

— Tu *falas* com ela — replicou Kasey, furiosa. — Há uma grande

diferença!

— Estás a tentar dizer-me que estou a negligenciá-la?

— Não estou a tentar dizer nada. Estou a afirmar! Se não querias ou-

vir, não devias ter perguntado.

— Ela nunca se queixou.

— Oh, bolas! — Virou costas e depois voltou-se de novo para ele.

— Como é que um homem tão inteligente pode fazer uma afirmação tão

ridícula? És realmente assim tão insensível?

— Tem cuidado, Kasey — avisou ele.

— Se não gostas que digam que és um tolo, não devias comportar-te

como tal. — Ela já não queria saber o quão furioso ele pudesse ficar. Eram

o seu próprio temperamento e sentido de justiça que comandavam as pa-

lavras. — Achas que ter casa, comida e banho é suficiente? A Alison não é

um animal de estimação, e até um animal de estimação exige afecto. Ela está

carente mesmo à frente dos teus olhos. Agora, se me deres licença, queria ir lavar-me.

Jordan agarrou-lhe no braço quando ela ia a passar por ele. Virou-a e empurrou-a para uma casinha de banho ao fundo do corredor. Sem dizer nada, Kasey abriu a torneira e começou a esfregar-se. Jordan manteve-se calado enquanto as palavras dela ressoavam na sua mente. Em silêncio, Kasey amaldiçoava-se.

Ela não tencionara perder as estribeiras. Embora tivesse planeado falar com ele acerca de Alison, fora sua intenção abordar diplomática e calmamente o assunto. A última coisa que queria era expressar as ideias numa torrente de insultos. Sempre achara que quanto mais se gritava, menos uma pessoa se fazia ouvir. Dizia continuamente para si mesma para não se descontrolar quando estivesse a lidar com Jordan Taylor. E continuava a fazê-lo.

Pegou na toalha que ele lhe estendeu e secou cuidadosamente as mãos.

— Jordan, peço desculpa.

Os olhos dele estavam firmes. — Pelo quê, mais precisamente?

— Mais precisamente por ter gritado contigo.

Ele anuiu lentamente com a cabeça. — Pela forma mas não pelo conteúdo — comentou, e Kasey suspirou. Ele não era uma pessoa fácil.

— Exactamente. Tenho uma tendência para a falta de tacto.

Jordan reparou na forma como ela passava a toalha pelas mãos. Ela sentia-se desconfortável mas não ia recuar, observou. Sentiu uma agitação de relutante admiração. — Porque não recomeças? — sugeriu. — Sem a gritaria.

— Está bem. — Kasey levou um momento a organizar a abordagem.

— A Alison veio apresentar-se a mim na noite em que cheguei. Vi uma menina impecavelmente arranjada e muito educada. E olhos entediados.

— A compaixão dela foi despertada pela recordação. — Não posso aceitar o tédio numa criança tão nova, Jordan. Partiu-me o coração.

A paixão regressara à voz, mas era uma paixão de tipo diferente. Desta vez não era raiva. Estava a pedir-lhe que visse o que ela via. Jordan duvidava que ela estivesse ciente da intensidade do próprio olhar. Estava a pensar apenas na menina. A compaixão dela comoveu-o. Era mais uma surpresa.

— Continua — disse-lhe ele quando Kasey se calou. — Desembucha. — Não tenho nada a ver com o assunto. — Kasey passou novamente a toalha pelas mãos. — Tens toda a liberdade de mo dizer, mas não vai fazer qualquer diferença quanto ao que sinto. Eu sei como é perder-se os pais… a rejeição, a terrível confusão. Precisamos de alguém que nos ajude a encontrar um sentido, para preencher os espaços que nem sequer compreendemos. Não há nada tão devastador como a morte de pessoas que amamos e de quem dependemos. — Respirou fundo. Estava a dizer-lhe mais do que tencionara mas parecia que não era capaz de parar. — Não é coisa que se ultrapasse num dia ou numa semana.

— Eu sei disso, Kasey. Ele era meu irmão.

Os olhos dela procuraram os dele e encontraram algo inesperado.

Também ele amara profundamente. Kasey ficou sem defesas. Esticou o braço para lhe tocar na mão. — Ela precisa de ti, Jordan. Não há nada como o amor de uma criança. As crianças não impõem condições às suas emoções.

Dão simplesmente. Têm uma pureza que perdemos quando crescemos. A Alison está à espera de amar alguém de novo.

Ele olhou para a mão que estava sobre a sua. Pensativamente, voltou-a para cima e examinou a palma. — Tu impões condições às tuas emoções?

O olhar de Kasey manteve-se firme. — Quando as dou, não.

Ele estudou-a por um momento com uma expressão de concentração nos olhos. — Preocupas-te mesmo com a Alison, não é?

— Claro que sim.

— Porquê?

Kasey olhou fixamente para ele, sinceramente confusa. — Porquê? — repetiu. — Ela é uma criança, um ser humano. Como poderia não me preocupar?

— Ela é filha do meu irmão — respondeu ele calmamente. — E parece que eu não me preocupei o suficiente.

Tocada, Kasey levou as mãos aos ombros dele. — Não. Não compreender e não querer saber são coisas completamente diferentes.

O gesto simples comoveu-o. — Perdoas sempre assim com essa facilidade?Algo nos olhos dele lançou avisos de alerta ao cérebro dela. Ele estava de novo a chegar demasiado perto do seu âmago. Uma vez lá, Kasey sabia que nunca mais conseguiria libertar-se dele. — Não me canonizes, Jordan — disse ela loquazmente. Era a defesa de maior sucesso que tinha. — Seria uma péssima santa.

— Não te sentes à vontade com os elogios, pois não? — Ela começou a baixar as mãos, mas ele agarrou-lhas para as manter nos ombros.

— Adoro-os — replicou ela. — Diz-me que sou inteligente e eu der-

reto-me toda.

— Ah, elogios sobre a tua inteligência! Imagino que estejas habituada

a isso. — Sorriu. — Por outro lado, se eu te dissesse que és uma pessoa mui-

to carinhosa e generosa, a quem tenho dificuldade de resistir, tu rejeitarias

isso. — Não faças isto, Jordan. — Ele estava demasiado perto e a porta

isolava-os do resto da casa. — Estou vulnerável.

— Pois. — Olhou-a de forma estranha. — Também isso é uma sur-

presa.Baixou os lábios para a saborear. Ao primeiro toque sentiu os dedos

dela retesarem-se sobre os ombros. Depois ela relaxou e cedeu. Pela segun-

da vez naquele dia, Kasey apaixonou-se. Sentiu o coração perder-se numa

sensação física, desta vez dolorosa. *Ele vai fazer-te sofrer*, pensou ela, mas já era demasiado tarde.

— Cheiras a sabonete — murmurou ele quando passava a boca pelo

rosto dela. — E tens uma dúzia de sardas no nariz. Desejo-te mais do que

alguma vez desejei uma mulher. — A voz enrouqueceu. — Raios, não con-

sigo compreender!

Quando a boca regressou à dela, Kasey sentiu o sabor da raiva. A

língua penetrou fundo no momento em que a puxou mais contra ele. Pela

primeira vez na vida, Kasey deu tudo: corpo, coração e mente.

Quando as mãos dele começaram a explorá-la, ela não ofereceu re-

sistência e deixou-as deambular. Ela sabia que a razão regressaria muito

em breve. Puxou-o mais, querendo encher-se com o sabor dele. Passou os

dedos pelos cabelos dele e depois desceu até aos músculos dos ombros e

costas. Queria a força dele – uma força equivalente à sua.

Jordan enfiou as mãos debaixo da camisa dela para lhe envolver os seios. A pele dela era extremamente macia – tão macia como o interior da boca. Ouviu-a gemer quando os polegares roçaram nos mamilos. Ele sabia que era loucura, mas só queria possuí-la. O desejo impelia-o como nunca acontecera antes. Jordan sentia uma enorme tentação de a empurrar para o chão e de a possuir rápida e selvaticamente. Regressaria depois a sanidade? Conseguiria a sua vida de volta?

Afastou-a abruptamente e olhou fixamente para ela. A respiração de Kasey era rápida, e a vulnerabilidade que ela alegara era bastante evidente nos seus olhos.

— Preciso de ti — disse ele sucintamente. — Não gosto disso.

— Pois. — Ela acenou com a cabeça, compreendendo demasiado bem a sensação. — Nem eu.

— E se eu fosse ao teu quarto esta noite?

— Não. — Kasey afastou o cabelo da cara com as duas mãos. Tinha de pensar, mas pensar era impossível quando ela só conseguia sentir. — Nenhum de nós está preparado.

— Não tenho a certeza que tenhamos escolha.

— Talvez não. — Kasey respirou profundamente e sentiu o equilíbrio começar a regressar. — Mas, por enquanto, acho melhor evitarmos estar juntos na mesma casa de banho.

Ele riu-se e segurou-lhe no rosto. Nunca conhecera alguém que o fizesse rir com tanta facilidade. — Achas mesmo que isso vai ajudar?

Kasey abanou a cabeça. — Não, acho que não. Mas é o melhor que posso fazer neste momento.

4

Alison estava sentada sobre a colcha de seda cor-de-rosa a ver Kasey maquilhar-se. Os frascos e tubos de cor espalhados sobre a mesinha de toucador fascinavam-na. Aproximou-se e começou a tocar-lhes de modo hesitante.

— Quando é que achas que terei idade suficiente para usar maquilhagem? — Pegou numa embalagem de sombra para olhos para a examinar mais atentamente.

— Só daqui a alguns anos — murmurou Kasey enquanto escurecia as pestanas. — Mas com essa carinha, não vais precisar de ilusões.

Alison inclinou-se para espreitar as duas caras no espelho. — Mas tu usas e és muito mais bonita do que eu. Tens olhos verdes.

— Também os gatos — comentou Kasey, e sorriu. — Os olhos castanhos são bastante eficazes, especialmente numa loura. Nada devasta mais os homens do que olhos castanhos intensos e pestanas longas. Quando tiveres quinze anos, os rapazes vão todos cair de amores por ti. — Viu Alison sorrir e corar. — Mas não tenhas pressa em começar a seduzir — avisou ela, dando um puxão no cabelo de Alison. — E nada de fazer olhinhos esta noite. Acho que o Dr. Rhodes não ia aguentar.

Com uma risadinha, Alison sentou-se na beira da chaise-longue.

— A avó diz que o Dr. Rhodes é um homem distinto e um bem social.

Aposto que sim, pensou Kasey pegando no batom. — Eu vi-o mais como um ursinho de peluche.

Alison tapou a boca e revirou os olhos. — Kasey, dizes cada coisa

mais estranha!

— Achas? — Kasey começou à procura de um pincel. — Achei que era uma descrição bastante exacta. É todo rechonchudo e fofinho. O Ursinho Pooh de óculos. Eu sempre gostei do Ursinho Pooh. Ele é bastante querido, inocente e esperto ao mesmo tempo. Viste o meu pincel? Alison apanhou-o de cima da chaise-longue e entregou-lho. — Ele faz-me festinhas na cabeça — disse ela com um suspiro.

Reprimindo um sorriso, Kasey tentou domar o cabelo. — Ele não consegue evitar. Os homens mais velhos que são solteirões inveterados têm uma tendência para fazer festinhas na cabeça das crianças. Não sabem o que mais fazer com elas. — Kasey pegou no frasco de perfume e espargiu um borrifo sobre Alison. Gostava de ouvir a menina a rir. — Vamos ver se o Pooh já chegou.

Entraram juntas na sala de estar. Quando viu Harry Rhodes do outro lado, Kasey olhou para Alison e piscou-lhe o olho num sinal de cumplicidade. Ao lado de Harry, Jordan reparou na troca de olhares. Perdeu o fio à meada da conversa do amigo. Quando fora a última vez que vira Alison sorrir daquela forma? Quando fora a última vez que se dera ao trabalho de olhar para ela? Sentiu uma pontada de culpa. Enquanto tutor, não podiam apontar-lhe faltas. Mas enquanto pai, falhara por completo. Estava na hora de a compensar – e a ele também.

Pousou uma mão no ombro de Harry para parar a dissertação do amigo e depois atravessou a sala em direcção à sobrinha. — Bem, não estava preparado para duas mulheres tão belas! — Levantou o queixo de Alison

com a mão e examinou-a. Ela era bastante bonita. E mais adulta do que ele pensara. — Terei de te trancar muito em breve se quiser ficar contigo só para mim.

Os olhos de Alison esbugalharam-se de espanto. O olhar fê-lo repreender-se por a ter dado como garantida. Como podia ter vivido tanto tempo com ela e não ter reparado? Enquanto a observava, Alison olhou confusa para Kasey. Jordan sentiu um momento de pânico quando a menina voltou a olhar para ele. Seria demasiado tarde?

— Oh, tio Jordan! — Jordan viu a emoção nos olhos de Alison.

Amor sem condições. Sentiu algo abrir-se no seu âmago. — Ah, sim — disse ele em voz baixa, tocando na face da sobrinha. — Acho que vou ficar contigo.

— Alison — chamou Beatrice do outro lado da sala. — Onde estão os teus modos? Vem cumprimentar o Dr. Rhodes.

Alison lançou um sorriso aberto a Kasey e foi fazer o que a avó lhe mandara.

— Bem, Jordan. — Kasey engoliu em seco e clareou a voz. — És um homem e tanto.

Ele olhou para ela e sorriu. — Lágrimas, Kasey?

— Pára. — Ela abanou a cabeça e engoliu de novo em seco. — Vou desgraçar-me.

Os olhos dele voltaram-se fugazmente para Alison. — Tenho de te agradecer por isto.

— Não, por favor. — Kasey abanou mais resolutamente a cabeça.

Ele pegou-lhe na mão e levou-a aos lábios. — Sim. Tenho um pressentimento de que será uma dívida difícil de pagar. Tinha o amor mesmo à minha frente e não o via.

Kasey observou-o atentamente e expirou longamente. *Ainda tens*, pensou. *Só que é um pouco mais complicado*. — Jordan, a não ser que queiras provocar um ataque ao Dr. Rhodes e à tua mãe e manchares esse lenço perfeito que tens no bolso do casaco, é melhor mudares de assunto e preparares-me uma bebida.

— Está bem. — Beijou-lhe de novo os dedos. — Por agora.

…

Por entre pratos de sopa de cebola, costeletas de borrego e salada do chefe, Harry Rhodes bombardeava Kasey com perguntas sobre a ciência da antropologia. Não conseguia, mesmo com aquele segundo encontro, equiparar Kathleen Wyatt, cujo trabalho lera e admirara, com a mulher sagaz que estava sentada à sua frente. Ela passava rapidamente de um assunto para outro, fazendo ocasionalmente afirmações que o deixavam completamente boquiaberto. Como conhecia bem Jordan, foi para si fácil ver que o interesse do amigo por ela não era estritamente académico. E, como Kasey chegara à casa dos Taylor por indicação sua, isso preocupava-o. Teria arranjado um problema a Jordan, em vez de uma solução?

Contudo, os conhecimentos que ela tinha naquela área eram bastante abrangentes. Na altura em que estava a ser servido o pêssego *flambé*, Harry começou a relaxar.

— A antropologia não é psicologia — respondeu Kasey a um dos comentários dele. — Enquanto psicólogo, o Dr. Rhodes tenta manter a cultu-

ra constante e explorar a mente e a psique. Enquanto antropóloga, eu tento manter a mente e a psique constantes e explorar a cultura. Tenho um bom livro sobre o assunto. Talvez gostasse de o ler.

— Sim. — A conversa dela parecia lógica e aliviou-lhe a mente. — Teria muito gosto, Menina Wyatt.

— Óptimo. Se eu conseguir encontrá-lo, pode levá-lo esta noite. —

Kasey comeu mais uma colherada de sobremesa.

— Tudo isso está para além do meu entendimento — interrompeu Beatrice. Fez um sorriso caloroso a Harry. Ignorou Kasey por completo.

— Os psicólogos e os antropólogos fascinam-me com as suas teorias e filosofias sobre a vida.

— Ora, Beatrice, eu não consideraria as minhas teorias fascinantes — disse Harry com modéstia.

— Interrogo-me qual será a filosofia de vida da Kasey — reflectiu Jordan. Lançou-lhe um dos habituais sorrisos deslumbrantes. — Tenho a certeza de que ficaríamos todos fascinados.

Kasey lambeu a parte de trás da colher. — Do ponto de vista desta antropóloga… — Calou-se para pegar no copo de vinho. — A vida é como um bigode. Pode ser maravilhosa ou terrível. Mas faz sempre comichão.

Jordan riu-se e Harry bebeu um enorme gole de vinho.

Meia hora depois os dois homens isolaram-se na sala de jogos. Jordan jogava snooker e escutava os comentários constrangidos de Harry sobre Kasey.— Harry, não precisas de estar preocupado. A Kasey está a dar-me tudo o que preciso, e não só. Estou a achar incrível a quantidade de conhe-

cimentos que ela tem armazenados naquele cérebro estranho.

— É precisamente essa a questão. — Harry franziu o sobrolho. — Ela é estranha.

— Talvez nós é que sejamos estranhos — murmurou Jordan. Desde que ela entrara na sua vida que ele já não tinha a certeza. — Seja como for, ela conhece a área dela como a maioria das pessoas conhece o alfabeto. — Colocou-se em posição para uma tacada. — Sem ela eu nunca conseguiria a profundidade que procuro. — Deu a tacada e mudou de posição. — Mais, ela é a mulher mais intrigante que já conheci.

— Não estás a envolver-te pessoalmente com ela, pois não?

— Estou a fazer os possíveis. — Jordan franziu o sobrolho quando a quinta bola não entrou.

— Jordan, um envolvimento pessoal com ela poderia interferir com o teu trabalho. Já te tinha dito, quando li o resumo, que este livro tem potencial para um Pulitzer. A reputação já tu tens.

— Talvez seja mais sensato terminar o livro antes de começarmos a pensar em Pulitzers. É a tua vez, Harry — lembrou-lhe Jordan.

Harry enfiou duas bolas e falhou a terceira. Enquanto jogava, reflectia cuidadosamente sobre as palavras que iria dizer: — Jordan, já tinha reparado que tens andado um bocado inquieto. Ia sugerir-te umas férias quando terminasses o livro.

Jordan sorriu abertamente e debruçou-se sobre a mesa. Posicionou o taco. — Estás a tentar proteger-me da Kasey, Harry?

— Eu não poria a coisa exactamente nesses termos. — Harry res-

mungou e apoiou-se no taco. — Percebo que a Menina Wyatt seja bastante atraente, de um modo bastante fora do comum. Mas também é desconcertante. — Hum. Desconcertante — murmurou Jordan. — Ela consegue realmente dominar-me. Não há nada que eu pudesse fazer contra isso, mesmo que quisesse. A única coisa de que tenho a certeza é que ela me abriu algumas portas que eu não sabia que tinha fechado.

— Não me digas que estás a ficar emocionalmente… — Harry tentou encontrar a palavra mais adequada. — Envolvido?

0

— Se estou apaixonado por ela? — Jordan franziu o sobrolho. Enfiou a nona bola. — Não faço a mínima ideia. Sei que a desejo.

— Meu caro, — começou Harry, — o sexo é… — Hesitou e pigarreou. — Sim? — perguntou Jordan, não conseguindo conter um sorriso.

— Uma parte necessária da vida — terminou Harry rigidamente.

— Harry, tu surpreendes-me. — O sorriso alargou. — É a tua vez.

Os dois homens olharam quando a porta se escancarou.

— Céus, Jordan! Devias mesmo espalhar mapas pela casa. — Kasey entrou de rompante com um livro grosso nas mãos. — Nunca vi tantos corredores! O seu livro, Dr. Rhodes. — Pousou-o na mesa e soprou a franja da frente dos olhos. — Intrometi-me em terreno sagrado?

Jordan apoiou-se no taco. Porque é que parecia que uma sala ganhava vida sempre que ela entrava? — E isso faria alguma diferença? — perguntou ele, e sorriu.

— Claro que não. Estou sempre a pisar terreno sagrado. Posso tomar

alguma coisa?

— Vermute? Não tenho tequila aqui em baixo.

— Sim, obrigada. — Kasey estava já a perscrutar a sala.

Era grande e desafogada, com uma maravilhosa ausência de sedas e brocados. O soalho de madeira, que imaginara na sala de estar, estava ali em evidência e as janelas tinham uns simples estores de bambu. A sala estava escrupulosamente limpa, mas havia sinais de vida. Uma vela grossa tinha derretido até meio no seu castiçal de estanho. Uma colecção de discos estava disposta numa prateleira, um ou dois em ângulos estranhos.

— Gosto deste sítio — disse ela, dirigindo-se a uma mesa de vidro que tinha algumas peças primitivas em barro. — Muito mesmo — acrescentou quando se virou para aceitar o copo de vermute da mão de Jordan.

— Obrigada.

Ele não tinha a certeza do porquê de a aprovação dela lhe agradar tanto, mas sabia que agradava. Kasey inclinou a cabeça como se quisesse vê-lo de outro ângulo.

— Esta sala é tua — murmurou ela. — Como o gabinete.

— Acho que se pode dizer que sim.

— Que bom. — Bebeu um pouco de vinho. — Estou a começar a gostar de ti, Jordan. Quase desejava que assim não fosse.

— Parece que temos o mesmo problema.

Kasey afastou-se com um aceno de cabeça. — Snooker, hum? Não quero interromper-vos. Vou terminar a minha bebida antes de voltar para

o labirinto. — Olhou em volta de novo. Era a única sala na casa, para além do escritório, onde se sentia confortável. — Gostaria de falar consigo sobre o livro quando terminar de o ler, Dr. Rhodes.

— Claro. — O sorriso dela era de facto bastante cativante, pensou ele. — Não quer jogar uma partida connosco, Menina Wyatt? — propôs, surpreendendo-se a si próprio.

— É muito simpático da sua parte. — Ela sorriu de novo e viu-o, embevecida, endireitar os ombros. — Mas devem estar a jogar a dinheiro, não? — Não é obrigatório — disse Harry.

— Ah, mas eu não quero que alterem as regras por minha causa. — Kasey bebericou mais um pouco e olhou para um taco de bilhar. — Quais são os montantes? Talvez estejam dentro das minhas possibilidades.

— Estou certo de que podemos encaixar-te, Kasey. — Jordan fez uma pausa para acender um charuto. — Que tal um dólar por bola?

— Um dólar por bola — repetiu ela, aproximando-se da mesa. — Vejamos, quantas são? — Franziu o sobrolho e contou-as. — Quinze. Acho que posso suportar isso. Como é que se joga?

— A rotação deve ser mais simples — comentou Jordan, e olhou para Harry.— Ok. — O mais velho começou a passar giz no taco.

— Rotação — repetiu Kasey, e depois sorriu quando Harry lhe entregou o taco. — Quais são as regras?

— O objectivo é enfiar as bolas por ordem numérica nas bolsas — explicou Jordan, reparando que naquela noite ela tinha posto brincos. Pequenas argolas de prata que reflectiam a luz. Mesmo do outro lado da mesa, o

cheiro dela chegava até ele. Despertou dos pensamentos. — Ou bater com a bola seguinte noutra para enfiar essa, ou o maior número possível delas. Bater na bola branca, projectando-a contra as outras do número mais baixo para o mais alto. O objectivo é enfiar todas as bolas numeradas.

— Percebo. — Kasey olhou circunspectamente para o feltro verde e acenou afirmativamente com a cabeça. — Parece bastante simples, não é?

— Depressa vai apanhar o jeito, Menina Wyatt — disse-lhe galanteadoramente Harry. — Gostaria de treinar primeiro um pouco?

— Não, porque não começamos já? — Lançou-lhe outro sorriso.

— Quem avança primeiro?

— Talvez a menina queira começar — continuou Harry, sentindo-se mais descontraído enquanto Jordan posicionava de novo as bolas. — Projecte a bola branca de encontro às outras. — A que entrar é sua.

— Obrigada, Dr. Rhodes. — Kasey dirigiu-se à extremidade da mesa.

— Segura no taco assim — mostrou-lhe Jordan, posicionando-lhe os dedos. — Mantém-no estável, mas deixa-o deslizar. Vês?

— Sim. — Ela olhou para ele por cima do ombro. — Tenho de acertar na bola com o número um, certo?

— É uma forma de começar. — Ele podia beijá-la naquele preciso momento e provocar um ataque cardíaco a Harry. Sentia o perfume do cabelo dela e a pele macia do ombro sob a sua mão.

— Não vou ser capaz de acertar em nada do que está na mesa se

não parares de olhar assim para mim — murmurou ela. — E o Dr. Rhodes está a começar a corar.

Jordan afastou-se. Kasey aguardou um momento para se acalmar e depois debruçou-se sobre a mesa e atirou.

Enfiou três bolas de uma só tacada. Deslocando-se em volta da mesa, posicionou-se e jogou de novo. Mais uma tacada. Dobrou-se, semicerrou os olhos para calcular o ângulo e meteu a bola seguinte. Parou para passar giz no taco enquanto os olhos percorriam a mesa para analisar a melhor estratégia. A sala estava completamente silenciosa.

Kasey pegou na bebida, bebeu um gole rápido e regressou ao trabalho. Ouviu-se um estalido e o bater de bolas e depois o praguejar de Harry quando ela enfiou três bolas de uma vez. Jordan observou-a enquanto ela se concentrava na jogada seguinte. Apoiado no taco, desfrutava a vista quando ela se debruçava sobre a mesa e empurrava a bola seguinte para a bolsa. Kasey enfiou todas as bolas, enviando duas para cantos opostos. Depois endireitou-se, esfregou o nariz com as costas da mão e sorriu para os adversários.

— Vejamos, são quinze dólares de cada um, não é? Quer começar desta vez, Harry?

Jordan atirou a cabeça para trás e riu-se. — Harry — disse ele batendo no ombro do amigo. — Acabámos de ser enganados.

5

Jordan observava-a atentamente. Kasey lia uma parte dos apontamentos dele em silêncio. Já estava calada há mais de vinte minutos. Havia algo de inexplicável acerca da forma como ela conseguia parecer ligar e desligar a corrente. Ela estava a perturbar-lhe a mente como nunca nenhuma mulher tinha feito. Quando lhe fazia uma pergunta pessoal, ela respondia, divagando agradavelmente, mas a maior parte das vezes fugia à questão. Ela revelava muito pouco sobre Kasey Wyatt.

Que segredos deambulariam por aquele cérebro? – indagava-se ele.

O que é que ela não me diz quando parece que está a dizer tudo o que lhe vem à cabeça? E porque é que eu estou obcecado com a ideia de saber tudo sobre ela? Jordan franziu o sobrolho e pensou nas alterações que ela já introduzira na sua vida. Agora vivia naquela casa uma criança. Havia riso, barulho e entusiasmo. Quanto tempo deixara as coisas andarem à deriva? Os três anos que Alison estivera com ele? E quanto tempo antes disso?

Deixara o governo da casa – e a responsabilidade pela sobrinha – quase exclusivamente nas mãos da mãe. Tinha sido mais simples. *Mais simples*, reflectiu ele. De um modo geral, a sua vida fora mais simples até Kasey ter entrado pela porta da frente. Até aí considerara-se uma pessoa satisfeita. E, tal como Alison, uma pessoa entediada. Harry chamara-lhe inquietação.

Fazia pouca diferença. Ninguém naquela casa ficara indiferente à chegada de Kasey.

A mãe. Jordan franziu de novo o sobrolho e puxou de um charuto.

Beatrice já fizera algumas queixas subtis. Mas ele também já tinha aprendido a ignorar os comentários da mãe há vários anos. Desde que tinha me-

mória que Beatrice sempre estivera envolvida nas suas reuniões sociais, nos seus almoços formais. Tanto ele como o irmão tinham sido entregues aos cuidados de amas e tutores. Jordan aceitara isso. Contudo, agora indagava-se se teria sido sensato deixar a educação de Alison nas mãos dela. *Mais simples*, pensou ele outra vez. Mas o que era simples estava muitas vezes longe do que era certo. Aparentemente, chegara a hora de ver as coisas por outra perspectiva. Estudou Kasey de novo. Uma série de coisas.

— És muito perceptivo, Jordan — comentou Kasey, ajeitando os óculos no nariz.

— Achas? — perguntou ele. Em tempos teria concordado. Naquele momento estava a começar a interrogar-se quantas coisas lhe teriam passado ao lado.

— Explicaste muito bem aqui a motivação da tua personagem. Está muito bem exposto. Invejo-te.

— Invejas-me? — Jordan deu uma passa longa. — Porquê?

— Palavras, Jordan. — Olhou para ele e sorriu. — Invejo as tuas palavras.— Reparei que também não te faltam.

— Toneladas delas — concordou ela. — Mas nunca conseguiria conjugá-las desta forma. — Jordan viu-a passar rapidamente os olhos pelas páginas enquanto continuava a ler o manuscrito.

— Devias compreender e aprofundar mais esta secção; a interacção entre parentes na cultura indiana — salientou ela.

— Famílias — murmurou Jordan, pensando na sua.

— Sim. Em muitas tribos, os familiares faziam admoestações públi-

cas. Os infractores eram muitas vezes banidos. Isso era equivalente à execução, já que as tribos inimigas não hesitavam em matar um índio banido.

— Um pai era capaz de condenar um filho à morte?

— Honra, Jordan. Era um povo de honra e orgulho. Não te esqueças disso. — Dobrou as pernas debaixo dela e entrelaçou os dedos. — O assassinato era tido como prejudicial para a tribo toda. O exílio era o castigo padrão. Não muito diferente do que fazemos hoje em dia. O comportamento entre parentes era frequentemente regulado por um estrito código de regras.

— Kasey?

— Sim?

— Posso fazer-te uma pergunta pessoal?

Ela ergueu os ombros. Pôs-se à defesa. — Desde que eu não seja obrigada a responder.

Ele examinou por um momento a cinza na ponta do charuto. — Porque é que te tornaste antropóloga?

Ela sorriu. — Consideras isso uma pergunta pessoal? Na verdade, é bastante simples. Ou era isso ou a corrida em patins.

Ele suspirou. Ela ia fugir novamente ao assunto. — Sabe-se lá porquê, mas vou perguntar. O que é que a corrida em patins tem a ver com a antropologia?

— E eu disse que tinha? — Tirou os óculos e fê-los balançar pela haste. — Não me parece. Só te apresentei as minhas duas hipóteses de carreira. Decidi não enveredar pela corrida em patins por ser uma profissão perigo-

sa. O chão é bastante duro. Não me dou muito bem com a dor.

— E a antropologia era uma alternativa lógica.

— Era a minha. — Estudou-o por um momento. — Sabias que as rugas na tua face se acentuam quando sorris? É tremendamente atraente.

— Desejo-te, Kasey.

Os óculos pararam de balançar. — Pois, Jordan. Eu sei.

— E tu desejas-me.

Kasey sentiu claramente o desejo, como se estivesse nos braços dele, a boca dele na sua. — Talvez. — Baixou novamente os olhos para os apontamentos dele e começou a organizá-los.

— Kasey. — Ela olhou de novo para ele. — Quando?

Ela sabia o que ele estava a perguntar. Levantou-se, então, incapaz de se manter sentada. — Não é assim tão simples, Jordan.

— Porquê?

Ela virou-se e olhou pela janela. *Porque estou apaixonada por ti*, pensou. *Porque vais magoar-me. Porque tenho pavor de não ser capaz de me afastar quando tudo terminar. Assim que te deixar entrar, não haverá volta atrás*. — Jordan, — disse ela suavemente, — eu disse-te que não me dou muito bem com a dor.

— Achas que vou magoar-te?

Ela percebeu a surpresa na voz dele e encostou a testa ao vidro. — Oh, Deus! Eu sei que vais.

Quando as mãos dele pousaram nos ombros dela, Jordan sentiu os músculos tensos. — Kasey. — Passou os lábios pelo topo da cabeça dela.

— Não tenho qualquer intenção de te magoar.

O desejo já estava a crescer, a disseminar-se. — Intenção, Jordan? —

A voz dela estava a engrossar; ele conseguia perceber as lágrimas. — Não, não acho que possa ser com intenção, mas isso não evita nada. — Os dedos dele subiram para lhe acariciar o pescoço. Ela sentia o controlo a escapar.

— Jordan, por favor, pára. — Kasey começou a afastar-se, mas ele virou-a para si.Jordan observou-a atentamente. Depois levantou um polegar e limpou-lhe uma lágrima das pestanas. — Porque estás a chorar?

— Jordan, por favor. — Kasey abanou a cabeça. Sabia que estava a perder. — Não suporto fazer figuras tristes. — As próprias emoções eram demasiado fortes para suportar; estavam a pressioná-la. E o olhar dele era demasiado directo e exigente. Começou a sentir o chão fugir-lhe de debaixo dos pés. Desejo, carências, medos apossavam-se dela. Estava a aproximar-se rapidamente o momento em que não teria outra opção senão ceder-lhe as suas emoções – sem condições. — Larga-me — disse-lhe, lutando por se recompor. — Já te dei o suficiente esta manhã.

— Não. — Ele apertou-a com mais força. — Não chega. Não, até me explicares porque é que estás a desmoronar mesmo à minha frente.

— Explicar! — Kasey atirou a cabeça para trás numa fúria súbita.

— Não tenho de te explicar nada! Porque deveria?!

— Eu acho — disse ele lentamente — que a pergunta deveria ser:

« Porque não?»

Ela estava a sofrer, e o temperamento exaltou-se para a proteger:

— Como posso ter dito que eras perceptivo?! Como posso ter pensado

isso, quando não vês o que está mesmo diante dos teus olhos? Estou apaixonada por ti! — Susteve a respiração, incrédula e chocada com o que acabara de dizer. Olharam fixamente um para o outro, ambos abalados pelas palavras.

— Eu não queria dizer isso. — Kasey abanou a cabeça e tentou afastar-se. — Perdi o controlo. Não queria dizer isso. Larga-me, Jordan.

— Não. — Ele abanou-a uma vez para a fazer parar de tentar libertar-se. Os olhos dele estavam escuros e intensos quando fitaram os dela.

— Achas que podes dizer-me isso e depois sair daqui para fora? Não, não querias ter dito isso — disse ele lentamente. — Mas estavas a falar a sério?

Já não havia lágrimas. O desespero tinha-as secado. — E se eu disse-se que não?

— Eu não ia acreditar em ti.

— Então é retórico, não é? — Ela tentou de novo afastar-se, mas ele manteve-a presa.

— Não me venhas agora com essa. Não vai funcionar.

— Jordan. — A voz de Kasey estava de novo firme. — O que queres de mim?

— Não tenho a certeza. — Jordan afrouxou um pouco os dedos, subitamente ciente de que devia estar a magoá-la. — Estás apaixonada por mim, Kasey? — Ela começou a recuar, mas ele abanou a cabeça. — Não. Olha para mim e diz-me.

Kasey respirou fundo. — Amo-te, Jordan. Sem condições. Sem compromisso. Eu sei que há pessoas que se sentem desconfortáveis ao serem

amadas. Não compreendo isso.

— Assim simplesmente? — murmurou ele.

— Assim simplesmente — concordou ela, e sorriu. Sentia que lhe ti-

nha saído um peso de cima. — Não franzas o sobrolho, Jordan — disse-lhe

ela. — Ser-se amado é fácil. Amar é que é difícil.

— Kasey. — Ele hesitou. Ela comovera-o, desnorteara-o, e ele já não

tinha a certeza do que estava a sentir. — Não sei o que te dizer.

— Então é melhor não dizeres nada. — *Não é fácil para nenhum de*

nós, pensou ela, e tentou aliviar um pouco a tensão. — Jordan, gostava de me explicar. E fá-lo-ia melhor se não estivesses a tocar-me. — Ele soltou-a

e ela recuou. A ausência de contacto ajudou-a a acalmar-se. — Disse-te que

te amava. Pode ter sido um erro, mas está feito. Gostava que o aceitasses

simplesmente.

Kasey podia ver que ele não compreendia. Emoções dadas sem exi-

gências eram sempre difíceis de entender. Como poderia explicar-lhe uma

coisa que o seu coração aceitara com a objecção da sua mente?

— Toda a minha vida me ensinaram que dar amor, expressar o amor,

não é tanto uma opção mas uma obrigação — continuou ela. — Por favor,

aceita-o simplesmente e não me faças agora mais perguntas.

— Nem sei o que perguntar. — Ele queria tocar-lhe outra vez, abra-

çá-la, mas a expressão nos olhos dela deteve-o. Ele não queria magoá-la,

não queria que ela também estivesse certa nesse ponto. — Kasey, não que-

res nada de mim?

— Não — respondeu ela rapidamente, como se já estivesse à espera da

pergunta. — Disse-te que não havia compromisso, Jordan. Estava a falar a sério. Acho que hoje não vamos ser capazes de trabalhar mais em conjunto, e não me parece de todo que neste momento sejamos capazes de conversar racionalmente sobre isto. De qualquer forma, já é tarde. Eu disse à Alison que a deixava vencer-me no ténis antes do jantar. — Dirigiu-se à porta.

— Kasey.

Custou-lhe imenso virar-se para trás. — Sim?

A mente dele tinha passado de apinhada para vazia. Sentia-se um tolo. — Obrigado.

— De nada, Jordan.

Conseguiu atravessar a porta antes de o sofrimento começar.

…

Já tinha anoitecido quando Kasey conseguiu um momento a sós. Da janela do quarto conseguia ver a Lua subir no céu. Estava cheia, com uma tonalidade laranja que a fazia pensar em campos cultivados e em fardos de palha. O que estaria a acontecer no mundo lá fora? – indagou-se. *Já estou nesta casa há demasiado tempo, presa por um amor que não me vai levar a lado nenhum. O que é que eu fiz? Num mês perdi o que mais valorizei a vida toda: a minha liberdade.*

Cruzou os braços em redor do corpo e voltou-se para o interior do quarto. *Mesmo quando sair daqui, e me afastar dele, nunca mais serei livre. O amor amarra-nos – eu sabia disso.*

E o que estará ele a sentir neste momento? O que iremos dizer amanhã um ao outro? Conseguirei continuar a ser descontraída, a dizer piadas como

se nada tivesse acontecido? Riu-se um pouco e abanou a cabeça. *Preciso de fazer isso*, lembrou a si mesma. *Devemos terminar sempre o que começamos*

– não é a primeira regra da Kasey? Vim para fazer um trabalho e o trabalho

tem de ser feito. Ofereci-lhe o meu amor incondicional e vou ter de viver com isso. Oh, Deus! Pensou ela, apertando-se com mais força. *Como detesto sofrer. Que cobarde sou.*

Pressionou uma mão contra a têmpora e entrou na casa de banho à procura de uma aspirina. *Pelo menos vai aliviar-me a dor de cabeça*, decidiu.

Ao pegar num copo, escutou um som vindo do quarto de Alison. Franziu o sobrolho e parou para ouvir com atenção.

O som era baixinho e abafado, mas tratava-se inequivocamente de choro. Pousou o frasco de aspirinas e dirigiu-se à porta ao lado. Alison estava encolhida sob os cobertores, soluçando com a cara voltada para a almofada. Kasey não conseguiu pensar em mais nada a não ser na criança.

— Alison. — Sentou-se na beira da cama e tocou no cabelo louro emaranhado. — O que foi?

— Tive um pesadelo. — Alison atirou os braços em volta do pescoço de Kasey e agarrou-se. — Foi horrível. Havia aranhas por todo o lado.

— Agarrou-se com mais força quando Kasey a abraçou. — A cama estava cheia delas.

— Aranhas. — Kasey apertou-a e afagou-a. — Terrível. Ninguém devia ter de as enfrentar sozinho. Porque não me chamaste?

Alison conseguia ouvir o ritmo calmo do coração de Kasey debaixo do ouvido e sentiu-se confortada. — A avó diz que é má educação incomodar alguém que está a dormir.

Kasey controlou uma súbita e poderosa onda de fúria e manteve as

mãos delicadas. — Não se tivermos um pesadelo. Eu costumava berrar como uma doida quando os tinha.

— A sério? — Alison desencostou a cara. — Também tinhas pesadelos?— Dos piores. O papá costumava dizer-me que eram consequência de uma imaginação criativa. Quase me fazia sentir orgulhosa deles. — Desviou o cabelo das faces de Alison. — Mais uma coisa — acrescentou. — Tu nunca me incomodas, Alison.

Com um suspiro, Alison voltou a encostar a cabeça ao peito de Kasey.

— Eram aranhas enormes. Pretas.

— Já se foram embora. Devias experimentar cangurus. Pensar em cangurus é muito melhor do que pensar em aranhas.

— Cangurus? — Kasey conseguiu perceber o sorriso sonolento na voz da menina.

— Claro. Deita-te. — Quando Alison obedeceu, Kasey deitou-se na cama ao lado dela.

— Vais ficar aqui comigo? — A voz era fraca e admirada.

— Um bocadinho. — Abraçou-se à criança e sentiu calor. — Sonha com cangurus.

— Kasey.

— Hum? — Olhou para baixo para ver os solenes olhos castanhos de Alison a fitá-la.

— Amo-te.

Ali estava, percebeu Kasey. Sem condição, sem exigências. Amor puro. Até àquele momento ela não se tinha apercebido do quanto necessi-

tava disso. — E eu a ti, Alison. Fecha os olhos.

Jordan estava à porta a observar as duas figuras adormecidas. A cabeça de Alison repousava no ombro de Kasey. Ele perdera a noção do tempo, fascinado pela visão das duas. Estavam voltadas uma para a outra como se tivessem encontrado algo que há muito procuravam.

São as duas minhas, pensou, surpreendido com a ternura que o invadia naquele momento. As duas amavam-no e ele não tinha visto isso. Agora que sabia, o que deveria fazer em seguida? O amor não era tão simples como Kasey lhe dissera. Lembrou-se da forma como tinham olhado para ele: Alison, atordoada e esperançosa; Kasey, exposta e assustada. Aproximou-se da cama e observou-as a dormir.

Baixou-se e mudou suavemente a posição de Alison. Ela estremeceu uma vez e depois parou; estava a dormir profundamente. Jordan pegou cuidadosamente em Kasey ao colo. Ela murmurou qualquer coisa, pôs os braços em volta do pescoço dele e pousou a cabeça sobre o ombro. Algo na confiança do gesto excitou-o mais do que uma sedução propositada. Virou-se para a levar para a cama dela. Os olhos de Kasey abriram-se lentamente e olharam para ele.

— Jordan? — Estava desorientada e tinha a voz embargada do sono. — Kasey. — Jordan beijou-lhe a testa. Como era possível ela passar de inocente a provocadora só por abrir os olhos?

— O que estás a fazer?

— A tentar decidir se te hei-de levar para o teu quarto ou para o meu.

— Parou à porta do quarto dela. — Porque estavas na cama da Alison?

— Aranhas. — Kasey lembrou-se e tentou organizar as ideias.

— Desculpa?

— Ela teve um pesadelo. — Suspirou. Kasey nunca fora pessoa de conseguir acordar de repente. — O que é que estavas a fazer ali?

— Ultimamente costumo ir ver se ela está a dormir bem. Algo que já devia ter começado a fazer há muito mais tempo.

Com um sorriso, Kasey tocou-lhe no rosto. — És um homem bom, Jordan. Eu tinha a certeza. — Bocejou e encostou de novo a cabeça no om-

bro dele. — Podes pousar-me quando quiseres. — Sem muito esforço, poderia adormecer profundamente de novo.

— Kasey. — Jordan reparou na almofada e nos cobertores em cima da chaise-longue. — Porque não dormes na cama?

— Claustrofobia — disse-lhe ela, ensonada. — Entre o dossel e aquelas cortinas sinto como se estivesse num caixão. Vou ser cremada.

— É fácil mudar o teu quarto. — Ela encaixou-se melhor no ombro dele e fê-lo sentir uma onda de desejo.

— Não. Não é preciso. A chaise-longue serve perfeitamente, e o pessoal da casa já acha que sou excêntrica.

— Não sei porquê. — Jordan deitou-a na chaise-longue e sentou-se ao lado dela. — Cheiras sempre a violetas — murmurou ele. A boca procurou a dela e encontrou-a macia, quente e carente. Ele percebeu o momento exacto em que o sono desapareceu do cérebro dela.

— Jordan. — Kasey já estava bem acordada e de coração aos pulos.

— Apanhaste-me em desvantagem. — Pôs as mãos contra o peito dele e manteve-as firmes.

— Sim, eu sei. Já me tinha indagado se alguma vez te apanharia. — Pegou numa das mãos dela e beijou-lhe a palma. — Tenciono tirar proveito da situação, Kasey. — Passou um dedo pelo ombro dela e desceu até ao seio. Sentiu o mamilo endurecer contra o tecido fino da camisa de noite. — Esta noite — murmurou ele. — Agora.

— Jordan. — O desejo ardia dentro dela, exigindo satisfação. — Já te tinha dito, é uma questão de opção.

— E também me disseste, apenas há algumas horas, que me amavas.

— Baixou novamente a boca sobre a dela. Céus, como a queria! Nunca uma mulher lhe provocara tamanho desejo. O desejo estava-lhe no sangue, nos ossos. Ela podia ter opção, mas não lhe deixara nenhuma.

— Eu disse-te que te amava. — Kasey invocou o último resquício de força. — Não te disse que ia fazer amor contigo. Tens de me deixar alguma coisa, Jordan.

Ela não podia permitir que tal acontecesse. Sabia que assim que se entregasse ficaria completamente ligada a ele. Não se tratava simplesmente de uma questão de querer ser tocada ou de sentir prazer, era uma questão de necessitar de pertencer.

Jordan estudou-a em silêncio, segurando-lhe ainda na mão. Ela estava de novo indefesa, como estivera enquanto dormia com a menina. Ele não ia magoá-la; jurou a si mesmo que não iria magoá-la. Mas não conseguia deixá-la. Quando lhe largou a mão e se levantou para sair, Kasey soltou

um suspiro baixinho de alívio. Mas ele trancou a porta e virou-se para ela. Ela sentou-se de repente, pronta para o mandar embora.

— Kasey. — Aproximou-se dela mas não lhe tocou. — Deixa-me amar-te esta noite. Preciso de ti. É a primeira vez na vida que preciso de alguém.

Ela não o mandou embora. Poderia ter resistido a uma tentativa de sedução. Recusaria uma exigência. Mas sentia-se impotente perante uma carência. Envolveu-o nos braços.

A boca dele ficou imediatamente desesperada, esmagando-se contra a dela até ficarem os dois zonzos. Ele puxou-a mais – apertou-a com mais força, como se receasse que ela fugisse de repente. Mas o que ela oferecia não voltava a tirar. Jordan desceu-lhe a camisa de noite dos ombros, ansioso por sentir a pele dela. Pensou de novo quão magra ela era, o quão cuidadoso teria de ser para não a partir. Mas as mãos recusavam-se a ser meigas.

Kasey não sentia qualquer dor, apenas um desejo avassalador. Sentia a urgência explodir de dentro dele. Queria que ele precisasse dela. Naquele momento, era suficiente. Puxou-o em direcção à cama.

Ele deitou-se em cima dela. Ela queria sentir o peso dele; estava impaciente com a roupa que os separava. A boca estava ávida. Kasey deu-lhe tudo o que tinha através do beijo; um beijo longo, profundo e de tal forma envolvente que as mãos dele deixaram de a procurar. Aplacou ambos.

Lentamente, com cuidado, ele começou a despi-la. Já não havia a pressão de uma satisfação rápida. Queria saboreá-la. Levou os lábios ao pescoço dela, e o suspiro de prazer que ela emitiu arrepiou-o. Ainda

procurando, mas já não desesperado, passou ao seio. Kasey abriu-lhe o robe até conseguir sentir a pele dele sob as mãos. Encontrou o vigor que queria.Deixou-o possuí-la profunda e lentamente, não tanto com ternura mas com meticulosidade; nenhum dos dois queria ternura naquele momento. Talvez mais tarde, quando o calor estivesse menos intenso e as forças esgotadas. Ele mordiscou-lhe o seio, experimentando texturas e sabores. Ela despiu-lhe o robe e ele ficou tão nu quanto ela. Jordan passou a língua pelo mamilo dela e depois fez uma lenta viagem até ao pescoço. Ali o sabor era forte e quente, e atraía-o.

Kasey deixou as mãos deambularem livremente, testando músculos, explorando o contorno das costelas, deslizando sobre as ancas estreitas e rijas. Estava perdida nele. Ele era tudo o que ela desejava, e os lábios no pescoço dela estavam a fazê-la delirar de prazer. Querendo saboreá-lo de novo, murmurou-lhe que a beijasse outra vez.

Erguia-se uma tempestade. Kasey sentiu-a na textura do beijo. O corpo já estava a responder, movendo-se debaixo dele, aceitando, exigindo. Os gemidos passavam dos lábios dela para os dele. Jordan deslizou a mão sobre o seio dela e desceu até à anca. As coxas eram magras e fortes. Os dedos dela agarraram com força os ombros dele. O corpo dela ardia de paixão. Kasey abriu-se para ele, estremecendo de desejo.

Estava quente e húmida. Ele queria perder o controlo. O seu estava a escapar-lhe rapidamente. Rápido de mais. Jordan não queria que nada daquilo acabasse. Queria continuar a tocá-la, a saboreá-la. Queria continuar a ouvi-la gemer o seu nome. Enlouquecia-o de excitação. Sentia

o sangue pulsar-lhe nas veias, mas avançava lentamente, deixando os lábios roçarem ao de leve na anca dela e a língua delinear-lhe a barriga. Ouvia a respiração dela – rápida e superficial. Ela movia-se debaixo dele numa entrega total. Era totalmente sua. Ele precisava de o saber e não perguntou o motivo.

Quando voltou a colar os lábios aos dela, sabia que tinha perdido todo o controlo. Sentiu uma onda de poder por saber que só ele, e apenas ele, tinha a chave para chegar a ela. Então Kasey segurou-o e conduziu-o para dentro dela. Ele deixou de pensar. Era dela.

…

Kasey estava aninhada nele e suspirava de felicidade. Não sentia quaisquer remorsos. Amava-o. Só sabia que tinha encontrado o homem por quem esperara a vida inteira. E tê-lo-ia o máximo que pudesse. Pensaria no amanhã quando chegasse. Naquela noite tinha tudo o que queria.

Jordan estava quieto na escuridão. O corpo relaxado. Não se tinha apercebido da tensão a que o tinha sujeitado nas últimas semanas. Mas a sua mente…

Nunca foi assim… pensava ele, um pouco zonzo com a constatação.

Não lhe posso dizer isso. Ela não ia acreditar. Nem eu sei se acredito. Ela atrai-me; eu não devia deixá-la. Fechou os olhos e tentou limpar a mente. Mas ela estava quente e macia encostada a ele, a mão sobre o seu peito.

Deus! Acabei de a possuir e quero-a de novo. Ela é como uma droga. Ele queria sentir-se zangado, contrariado com o que ela lhe estava a fazer, mas não conseguia deixar de sentir simplesmente necessidade dela. Ouviu-a suspi-

rar e sentiu-a mexer a cabeça e olhar para ele.

— Jordan?

— Sim? — Sem conseguir conter-se, estendeu a mão para a acariciar. — Esqueci-me completamente do dossel. Não é estranho?

Ele olhou para baixo e viu o brilho alegre nos olhos dela. Todas as dúvidas e tensões se desvaneceram da mente e ele sorriu. Não havia como resistir-lhe. — Uma cura para a claustrofobia?

— Sem dúvida. — Rolou para cima dele. — Mas uma cientista testa sempre uma teoria diversas vezes. Estás disposto a doar o teu corpo à experiência?

— Sem dúvida. — Puxou a boca dela de encontro à sua.

6

—As tribos nómadas das altas planícies viviam quase exclusivamente dos búfalos. Não tinham agricultura e dedicavam-se pouco à pesca. — Kasey bocejou e recostou-se na cadeira. — Desculpa. — Sorriu para Jordan. — Estive acordada até tarde.

A descontracção dela naquela manhã não era fingida. Kasey sentia-se à vontade. Tinha-lhe dito que o amava, agira com base nesse amor e não se arrependia. A tensão que sentira antes resultara do facto de insistir em lutar contra os próprios instintos e em esconder a verdade. — Estava a pensar se poderia abandonar por momentos os meus valores e chamar alguém para me trazer café. — Bocejou de novo.

Ele observou-a atentamente enquanto ela se espreguiçava voluptuosamente. — Não gostas de criados, pois não?

— Claro que gosto. — Kasey apoiou os cotovelos nos joelhos. — Não gosto é de os ter. E quanto ao café, eu própria não me importava de o fazer mas o François não gosta que ninguém se meta na cozinha dele.

— Porque é que não gostas de os ter?

— Jordan, não consigo filosofar adequadamente só com três horas de sono. — Suspirou quando ele não disse nada e continuou a fitá-la. — De que cor são os olhos da Mil icent?

— A que propósito vem isso?

— Para realçar que as pessoas raramente reparam em quem as serve. Eu servi à mesa na faculdade e…

— Eras empregada de mesa?

— Sim. Isso surpreende-te?

— Estou perplexo! — Sorriu para ela. — Não consigo imaginar-te a equilibrar tabuleiros e a anotar pedidos.

— Eu era uma óptima empregada de mesa. — Kasey franziu a testa e ajeitou os óculos sobre o nariz. — O que é que eu estava a tentar dizer?

— Quando?

— Como é que consegues estar tão desperto e implicante quando não dormiste mais do que eu?

Ele sorriu enquanto se levantava e se dirigia a ela. — Porque tenho estado aqui a ouvir-te falar sobre os Arapho e as diversas tribos das Grandes Planícies e a pensar que o que mais quero é fazer amor contigo outra vez. — Levantou-a da cadeira. — Agora!

Kasey aceitou o beijo com um murmúrio de concordância. Se tivera alguma desilusão, fora a de não ter sido capaz de acordar ao lado dele naquela manhã. Mas tinha de pensar em Alison. A última noite tinha sido demasiado curta, pensou ela com a boca ardendo sob a dele. E a daquele dia ainda ia demorar a chegar.

— Não me parece que consigamos adiantar muito o trabalho desta forma — sussurrou ela.

— Não vamos fazer trabalho nenhum. — Jordan tirou-lhe os óculos e pousou-os atrás dele sobre a mesa. — Anda.

— Onde?

— Lá para cima. — Já estava a puxá-la em direcção à porta.

— Jordan. — Kasey riu-se e tentou libertar-se. — São onze da manhã.

— Onze e dez — corrigiu ele, olhando para o relógio quando atravessaram a sala de estar.

— Jordan, não estás a falar a sério, pois não?

— Diz-me isso daqui a meia hora. — Começou a empurrá-la escada acima. — A Alison está na escola, a minha mãe está numa das famosas reuniões sociais e eu quero-te. — Abriu a porta do quarto. — Na minha cama.Ela viu-se dentro do quarto presa nos braços dele. Não havia como negar a fome dele. Já se sentia zonza. A boca dele devorava a dela como se ele estivesse sedento do seu sabor.

— Jordan. — Kasey conseguiu respirar quando os lábios dele desceram até ao pescoço. — Não estamos propriamente sozinhos aqui.

— Não estou a ver mais ninguém — murmurou ele deslizando os lábios até à orelha dela.

Ela gemeu e tentou manter o equilíbrio. — A esta hora da manhã há criados espalhados pela casa toda. — Ele puxou-a para um beijo rápido e violento, e depois soltou-a. Kasey sentiu o chão oscilar.

Em duas passadas largas, Jordan estava ao pé do telefone. Levantou o auscultador e pressionou um botão sem tirar os olhos dela. — John, dá dia de folga ao pessoal. Sim, ao pessoal todo. Agora. De nada. — Desligou o telefone e sorriu para ela. — Quinze pessoas estão prestes a ficar-me muito gratas.— Dezasseis — corrigiu Kasey. — Obrigada, Jordan.

Ele voltou para ao pé dela. — Porquê?

— Por compreenderes que eu precisava de estar sozinha contigo.

Mesmo sozinha. É importante para mim.

Jordan levou uma mão ao rosto dela. Kasey estava a tornar-se importante para ele. Muito importante. — Mas agora vais ter de ser tu a fazer o café — murmurou ele.

— Que café? — Com um sorriso, Kasey começou a desabotoar-lhe a camisa. — Queres saber a minha opinião sobre o café?

— Agora não. — Jordan sentiu o desejo apoderar-se dele quando ela passou ao segundo botão.

— Bem, se calhar ia aborrecer-te um bocado — reflectiu ela, desapertando o terceiro botão.

— Se há coisa que não acredito que me possas fazer, é aborrecer-me.

Os dedos de Kasey pararam e o sorriso alargou-se lentamente. — Obrigada, Jordan. É muito simpático da tua parte dizeres isso.

Ele levou os dedos ao botão superior da camisa dela. — Mas se eu te dissesse que és a pessoa mais generosa e genuína que conheço, ias mudar de assunto.

Ela sentiu-se inundar de paixão e deixou de conseguir raciocinar.

Não sabia o que responder, estava apavorada com a hipótese de reagir de forma exagerada e de estragar o momento. Estar apaixonada tornava muito mais complicado, e também necessário, controlar as emoções. — Sim, imagino que sim. Provavelmente diria algo do estilo: « Onde é que compras as camisas? Este tecido é realmente maravilhoso» .

— Kasey. — O olhar dela foi ao encontro do dele. — És linda.

Ela riu-se, imediatamente mais relaxada. — Não sou nada!

— Fazes uma covinha na bochecha esquerda quando sorris. Quando

estás excitada, os teus olhos escurecem e turvam de tal forma que o dourado desaparece.

Ela sentia a pulsação acelerar, a pele ruborescer de calor. — Estás a tentar pôr-me nervosa, Jordan?

— Sim. — Despiu-lhe a camisa. Depois deslizou as mãos até à cintura dela. — Estou a conseguir?

Ela estava a tremer. E estupefacta com o facto. Ele mal lhe tocara e o corpo pulsava de desejo. Ele tinha demasiado poder sobre ela, a todos os níveis – coração, corpo e mente. Ela tentava resistir. Entregara-lhe o seu amor mas recusava-se ceder a sua força. Ele tinha de a querer tanto quanto ela o queria. Kasey desapertou-lhe o último botão.

— Tu pões-me nervosa, Jordan — segredou ela deslizando lentamente as mãos sobre o estômago, costelas e peito dele. Sentia os músculos dele retesarem sob as palmas das mãos. Quando lhe despiu a camisa, beijou-lhe o ombro. — Fazes-me suspirar por ti. — Desceu as mãos e levou os lábios ao pescoço dele. — Fazes-me sentir desejo. — Desapertou-lhe as calças e começou a descer-lhas. Quando os lábios dela começaram a descer pelo pescoço, ela ouviu-o gemer de prazer. Empurrou-o para o chão.

A paixão tinha sabores. A pele dele estava quente e húmida de paixão onde ela o beijava. Ela sentia o batimento do coração dele sob a língua. Era como um sonho. O corpo estava drogado, mas a mente activa. Kasey queria conhecer cada pedacinho dele – o que lhe agradava, o que o excitava. Seguia o instinto, deixando as mãos deambularem; quando sentia uma reacção, insistia. O corpo dele era bem musculado e tonificado, e excitava-a. As

carências dele excitavam-na. Ela sentia-as jorrarem de dentro dele. Naquele momento ele estava tão vulnerável quanto ela.

Kasey regressou ao pescoço dele com uma série de beijos lentos. A respiração dele era rouca aos ouvidos dela. Agarrando-a pelos cabelos, Jordan gemeu o nome dela e puxou-a até as bocas se encontrarem. A paixão explodiu no beijo. Kasey sentiu-a chicoteá-la – uma mistura incrível de dor e prazer. Jordan mordeu-lhe o lábio e ela gemeu. Aquilo não era nenhum sonho, mas a pura realidade. As mãos dele tornaram-se subitamente violentas quando a voltou de costas. Penetrou-a rápida e violentamente e levou-a à loucura. Ela acompanhava-o, indefesa, forte. Ela sabia que tinha parado de respirar. Estavam unidos por pele húmida e desejo. Não pararam até serem apenas corpos exauridos e mentes vazias.

Ele deitou-se sobre ela, rosto enterrado nos cabelos, incapaz de se mover, embora soubesse que ela era demasiado frágil para o peso dele. O corpo dela ainda estremecia levemente sob o seu. Jordan levantou a cabeça. Queria vê-la à plena luz do dia, depois de a amar.

A expressão era suave, o olhar ainda meio turvo. Sentiu uma dor inesperada e aguda atingi-lo no estômago. Ela sorriu e a dor aumentou. Seria possível que a quisesse outra vez? Tão rapidamente? Decerto isso explicaria o desejo incontrolável que sentia só de olhar para ela. Levou a boca à dela, mas foi recebido com ternura e não paixão.

— Kasey. — Beijou-a na face, sem ter a certeza do que iria dizer em seguida. As emoções que sentia eram completamente novas. Ela tinha uma nódoa negra no ombro e ele levantou outra vez a cabeça para

a examinar. Era pequena e ténue e parecia ser uma dedada. Ficou horrorizado. Que se tivesse apercebido, nunca na vida tinha marcado uma mulher.

— O que se passa? — Kasey viu o choque no olhar dele e seguiu-lhe a direcção. Depois sorriu um pouco quando viu a nódoa negra. — Tens mãos fortes — comentou.

Ele fitou-a nos olhos. Era difícil para ele; a opinião dele quanto a magoar uma mulher era muito concreta. Jordan não encontrava desculpa para o acontecido. De repente, lembrou-se da expressão dela quando lhe dissera que ele iria magoá-la. — Kasey. — Abanou a cabeça. — Não quero magoar-te.

— Jordan. — Ela reconheceu o significado profundo das palavras e levou a mão ao rosto dele. — Eu sei que não. — Quando ele se deitou de costas, ela acompanhou-o e encostou a cabeça ao ombro dele. — Não penses agora no futuro — murmurou. — Vamos viver um dia de cada vez.

Ele aconchegou-a mais contra si, encaixando melhor os corpos. *Um dia de cada vez,* pensou, e fechou os olhos. — Estás cansada. — Percebera a fadiga na voz dela.

— Tu disseste alguma coisa sobre uma cama — respondeu ela, mas estava satisfeita por estar onde estava. Perto dele.

Jordan levantou-se, e antes que ela conseguisse terminar o protesto, levantou-a em braços. — Precisas de dormir um bocado. — Quando a deitou na cama, Kasey estendeu os braços.

— Dorme comigo.

Jordan puxou as cobertas para trás e envolveu-a nos braços.

…

Já era bem tarde quando Kasey acordou. Lembrava-se de quando Jordan a deixara, dizendo-lhe para continuar a dormir. Ela puxara-o para um beijo que conduzira a mais uma tempestade de amor. Uma vista de olhos ao seu relógio informou-a de que ele já tinha saído há mais de uma hora. *Preguiçosa*, disse para si mesma. Espreguiçou-se. Se ele ainda ali estivesse, Kasey não teria tido qualquer problema em virar-se para o outro lado e continuado a dormir. Imaginou-o lá em baixo no escritório a trabalhar. Tinha trabalho para fazer, lembrou a si mesma. Obrigou-se a sair da cama e vestiu-se.

Quando ia a meio das escadas, ouviu Alison a ensaiar no piano. Desta vez era Beethoven. Uma peça lindíssima tocada sem entusiasmo. Parou à porta e ficou a observá-la. *Está a cumprir uma obrigação*, pensou Kasey com alguma pena.

— Sabias que Beethoven foi considerado um revolucionário no tempo dele? — A cabeça de Alison ergueu-se de repente ao ouvir a voz de Kasey. Estava à espera de a ouvir desde que regressara da escola. Kasey sorriu e aproximou-se dela. — A música dele é tão poderosa.

Alison olhou para os seus dedos. — Não quando eu a toco. O tio Jordan disse que estavas a dormir.

— E estava. — Kasey passou uma mão pelos cabelos de Alison. — Tocas muito bem, Alison, mas não te entregas.

— É importante ter boa formação nos clássicos — afirmou Alison.

Kasey conseguiu ouvir Beatrice naquelas palavras e reprimiu um suspiro.

— A música é um dos grandes prazeres da vida.

Alison encolheu os ombros e franziu o sobrolho enquanto tocava.

— Acho que não gosto de música. Se calhar não tenho ouvido musical.

Desta vez Kasey fez um esforço para não sorrir. — Isso podia ser realmente um problema. — Surgiu-lhe uma ideia. — Espera um minuto.

Saiu da sala. Alison soltou um suspiro e regressou a Beethoven. Ainda estava a debater-se com as notas quando Kasey regressou.

— Esta é uma grande amiga minha — informou-a Kasey, pousando o estojo da guitarra. — É uma óptima companhia — continuou, retirando o instrumento já usado do estojo. — Ela dá-se bem com as viagens. Eu não. — Sorriu para Alison e ficou contente por ter captado o interesse da menina. — Posso levá-la comigo para uma escavação, para uma palestra; é muito mais prático para mim do que um piano. Eu preciso de música. — Começou a afinar a guitarra enquanto falava. Alison levantou-se do banco do piano e observou mais atentamente. — Relaxa-me, dá-me prazer, acalma-me. Também é bom tocá-la e fazer o mesmo por outra pessoa.— Nunca tinha pensado dessa forma. — Alison estendeu a mão para tocar no braço da guitarra. — Não se pode tocar Beethoven com isto.

— Ah, não? — Puxando pela memória, Kasey começou a tocar o andamento que Alison tinha estado a ensaiar.

Os olhos de Alison esbugalharam-se. A menina ajoelhou-se para ver com mais atenção. — Não parece a mesma coisa.

— Um instrumento diferente. — Kasey parou e segurou no queixo da criança. — Uma sensação diferente. A música pode apresentar-se sob

muitas formas, Alison, mas continua a ser música. — *Porque é que ninguém*

se dá ao trabalho de conversar com esta criança? – indagou-se Kasey. *Ela absorve as palavras como uma esponja.*

— Podes tocar outra coisa? — Alison sentou-se aos pés de Kasey.

— Tem um som maravilhoso.

— Talvez afinal sempre tenhas ouvido para a música. — Kasey sorriu

para ela e recomeçou a tocar.

Jordan estava à porta a observá-las. Ela não parava de o surpreen-

der. Não era a música dela que o surpreendia. Se lhe tivessem acabado

de dizer que ela sabia conduzir uma orquestra, nem teria pestanejado.

Duvidava que houvesse alguma coisa que ela não conseguisse fazer. Mas

a capacidade que ela tinha para dar e atrair amor enchia-lhe as medidas.

Teria nascido assim? Teria aprendido? Teria ela consciência do poder

que tinha?

Alison amava-a. Podia ver-se nos olhos da menina. Aceitava sim-

plesmente Kasey pelo que ela era e amava-a. Sem questões, sem dúvidas.

E Kasey retribuía-lhe da mesma forma. *Mas eu tenho dúvidas*, reflectiu ele.

E questões. Ela tem razão novamente. Quando crescemos, perdemos o talento

para amar incondicionalmente.

0

Kasey levantou os olhos e viu-o. Abriu imediatamente um sorriso.

— Olá, Jordan. Estamos na hora de apreciação musical.

Ele devolveu o sorriso. — Estou convidado?

— Tio Jordan. — Alison levantou-se rapidamente e esqueceu-se

de alisar as rugas da saia. — Devia ouvir a Kasey tocar. Ela é maravilhosa.— Já ouvi. — Olhou de novo para Kasey. — És mesmo.

— A Alison estava a ter alguma dificuldade com Beethoven — explicou Kasey. — Por isso fui lá acima buscar a minha amiga. Ela tem estado a ajudar-me.

— Amiga? — Jordan olhou para Alison quando se sentou no sofá. Puxou-a para o colo. — Não achas um pouco estranho tratar uma guitarra por « amiga» ?

Alison deu umas risadinhas e olhou para ele. — Eu achei, mas não quis dizer.

— Muito discreta. — Encostou o nariz ao pescoço dela.

Alison respondeu agarrando-se ao pescoço dele. A profundidade da reacção abalou-o. Kasey dissera-lhe que não existia nada como o amor de uma criança, mas ele não tinha compreendido plenamente o que ela quisera dizer. Agora, com a menina abraçada a si, sentia todo o poder desse amor. Como é que nunca tinha dado por isso? Como é que pudera ignorá-lo? Fechou os olhos, apertou-a bem e deixou o simples prazer do amor incondicional inundá-lo. Ela cheirava a pó de talco e champô, e o cabelo era fino e macio contra o rosto dele. A filha do seu irmão. Agora sua. E ele já perdera demasiado tempo.

— Amo-te, Alison — murmurou.

Sentiu-a agarrar-se mais ainda. — A sério? — A voz dela estava abafada contra o pescoço dele.

— Sim. — Beijou-a nos cabelos. — A sério.

Ouviu-a suspirar e relaxar. Ela manteve o rosto enterrado contra o pescoço dele. Jordan abriu os olhos e cruzou-os com os de Kasey.

Ela estava a chorar em silêncio. Quando ele olhou para ela, Kasey abanou violentamente a cabeça como se quisesse negar as lágrimas. Levantou-se, mas ele impediu-a de sair disparada da sala.

— Não vás — disse-lhe.

Ela voltou-se para olhar para ele e depois começou atabalhoadamente à procura de um cigarro. Pela primeira vez, ouviu-a praguejar por não ter um fósforo. Kasey dirigiu-se à janela e olhou lá para fora.

Amo ambos, pensou ela encostando a testa ao vidro. *Amo de mais.*

Vê-los juntos, a descobrirem-se um ao outro, encheu-a de alegria. Suspirou e deixou as lágrimas escorrerem-lhe pelo rosto. Ele parecera-lhe tão atordoado quando a menina o abraçara. Kasey conseguia ver as emoções que o atingiam.

Quanto tempo tenho antes de perder ambos? Respirou fundo para tentar controlar-se. *Não vou pensar nisso agora. Não posso pensar nisso agora. Quando abri a porta, sabia que mais cedo ou mais tarde se ia fechar na minha cara*. Sentiu a dor crescer dentro dela. Afastou as lágrimas do rosto e virou-se no preciso momento em que Beatrice entrou na sala.

— Jordan, vou sair agora. Vou à festa dos Conway. — Franziu a testa ao ver Alison ao colo dele. — A Alison está doente?

— Não. — Jordan sentiu a criança endireitar-se e manteve o braço à volta dela. — A Alison está óptima. Divirta-se.

Beatrice ergueu uma sobrancelha. — Devias estar a cuidar de ti. Não

devias negligenciar as tuas obrigações sociais.

— Vou ter de as negligenciar por mais algum tempo. Dê cumprimentos meus aos Conway.

Beatrice suspirou. Quando se preparava para sair, viu a guitarra de Kasey. — O que é isto?

— É uma guitarra, Sra. Taylor. — Kasey recuou para o meio da sala.

— Eu sei, Menina Wyatt. — Beatrice olhou-a de esguelha. — O que é que está a fazer aqui?

— É da Kasey — disse Alison. Sentia-se protegida e segura nos braços de Jordan. — Ela vai ensinar-me a tocar. — Olhou para Kasey por não lho ter perguntado antes.

— Ah, sim? — A voz de Beatrice era ríspida e fria. — E que interesse teria para ti aprenderes a tocar um instrumento destes?

— É fundamental que uma criança desenvolva interesse pela música em tenra idade, não acha, Sra. Taylor? — Kasey sorriu e evitou a resposta fria que Jordan tinha na ponta da língua. Ele viu a mãe arquear a sobrancelha e relaxou de novo.

— Naturalmente.

— Eu sou defensora da apresentação dos clássicos às crianças, e de todas as formas de música na infância. Têm-se feito estudos bastante interessantes sobre a matéria.

— Estou certa que sim. — Os olhos de Beatrice regressaram à guitarra. — Mas…

— A guitarra espanhola, como esta, foi desenvolvida no século dezas-

sete a partir de modelos orientais. — Kasey tinha ligado a voz de palestra e Jordan estava a tentar não sorrir. A mãe tinha sido definitivamente derrotada. — Durante os séculos dezanove e vinte, uma sucessão de virtuosos espanhóis, incluindo, como estou certa de que saberá, Andrés Segovia, demonstraram que a guitarra é um importante instrumento artístico. Tenho a certeza de que concordará que alargar as capacidades musicais da Alison será uma maravilhosa mais-valia quando ela tiver de assumir o seu lugar na sociedade adulta.

Beatrice ainda estava de sobrolho franzido mas parecia um pouco surpreendida. Kasey fez-lhe um sorriso amistoso. — O seu vestido é muito bonito, Sra. Taylor — acrescentou.

Beatrice olhou para a seda malva. — Obrigada. — Roçou levemente a mão pela saia. — Eu tinha planeado usar o meu *voile* branco, mas esta noite está bastante fria. Não se usa branco quando está frio.

— A sério? — As sobrancelhas de Kasey ergueram-se de curiosidade.

— Esse vestido não me parece muito quente.

Beatrice lançou-lhe um olhar de descrédito. — Tenho um vison para usar por cima. — Virou-se e saiu da sala, sem perceber bem como é que tinha perdido a posição de superioridade.

— Meu Deus — resmungou Kasey. — Não sou mesmo uma tola?

— Uma tola muito astuta — salientou Jordan. A mãe tinha-a irritado, disso não restavam dúvidas. Mas ela conseguira controlar-se muito mais do que ele. E o olhar dela ainda continha vestígios de humor. Riu-se subitamente.

— A tua avó acabou de ser confundida por uma perita — disse ele a Alison. — Guitarras orientais e século dezassete. — Abanou a cabeça. — Há alguma coisa que esse teu cérebro enciclopédico não contenha?

Kasey ficou pensativa por um momento. — Não, não me parece. Alguma coisa que quisesses saber?

Ele inclinou a cabeça, divertido com o desafio. — Qual é a capital do Arcansas?

Alison deu umas risadinhas e sussurrou-lhe ao ouvido.

— Arcansas — murmurou Kasey. Olhou para o tecto. — Arcansas… centro-sul dos Estados Unidos. Fronteira a norte: Missouri; fronteira leste: Mississípi e Tennessee; a sul: Louisiana; a ocidente: Texas e Oklahoma. Vigésimo quinto Estado desde Junho de mil oitocentos e trinta e seis. O Arcansas tem solo favorável para a agricultura, numerosos depósitos minerais que incluem a única mina de diamantes nos Estados Unidos e vastas áreas florestais. O nome vem de uma tribo Siouan, a Quapaw. Não tem lagos naturais de relevância e tem um clima relativamente temperado. Ah, sim! — Levantou um dedo. — Little Rocké a capital, bem como a maior cidade.Baixou os olhos e sorriu alegremente para Jordan. — Alguém está interessado em dar uma volta antes do jantar?

7

O clima em Palm Springs era seco, quente e soalheiro. Os criados da mansão Taylor eram bem preparados e solícitos. A comida era invariavelmente soberba. E a monotonia de tudo isso estava a dar com ela em doida.

Se Kasey pudesse ter amado menos Jordan, poderia ter fugido.

Mas à medida que os dias passavam, ela sabia que acrescentava anéis às correntes que a prendiam àquele lugar. O tempo que passava com Jordan a fazer pesquisa era um estimulante, assim como o tempo que passava com Alison. Mas havia longas horas apenas de ócio e ela nunca conseguira lidar muito bem com o ócio.

De noite, nos braços de Jordan, permitia-se esquecer de tudo o resto. Mas as horas que passavam juntos como homem e mulher eram demasiado fugazes. Quando ele saía da cama dela, ela ficava com demasiado tempo para pensar. Era difícil admitir que, com toda a educação sofisticada e ideias liberais, se sentia desconfortável em ter um caso amoroso. Se o relacionamento pudesse ter sido mais aberto, talvez ela tivesse tido menos dúvidas. Mas tinha uma criança em que pensar.

Já estavam em Dezembro. Para Kasey, o tempo estava a esgotar-se. Mais um mês, talvez seis semanas, e a sua utilidade findaria. E depois? – indagou-se ao sair para o jardim. Quanto mais tempo poderia adiar pensar no futuro? Devia estar a agendar outra palestra para Janeiro. Devia informar-se se a escavação Patterson iria iniciar-se em Março, dentro do prazo previsto.

Enfiou as mãos nos bolsos e fitou uma palmeira. Precisava de sair dali, decidiu. Precisava de voltar a pensar em si. Tinha de escrever a tese de doutoramento. Fechou os olhos de encontro à luz do Sol.

Se não começasse já a fazer um corte, seria muito mais doloroso depois quando chegasse a hora. Como se sentiria Jordan quando ela se fosse embora? Kasey saiu do pátio para o relvado. Sentiria como se tivesse perdido algo? Ou recordaria simplesmente os momentos que tinham passado juntos como um Outono agradável?

Sendo alguém que tinha o hábito de analisar o cérebro humano, achava estranho não conseguir compreender totalmente o de Jordan. Talvez fosse porque para ela ele era mais importante do que qualquer outra pessoa. As emoções enublavam-lhe a intuição e ela não conseguia ver com clareza. Só tinha certezas quanto a Alison.

Tinha o amor da criança. Era simples, sincero. Aos onze anos uma criança não tinha máscaras. *Quantas terá ele* – indagou-se, pensando em Jordan. *Quantas tenho eu? Porque fazemos questão de as usar?* Olhou novamente em redor para a relva bem aparada, para as árvores bem tratadas e flores organizadas. *Tenho de sair daqui*, pensou novamente. *Não suporto muito mais a perfeição*.

— Kasey!

Virou-se e viu Alison correr na sua direcção alguns passos à frente de Jordan.

E quando eu for realmente, eles ter-se-ão um ao outro, reflectiu. *Pelo menos disso posso estar certa*.

— Não conseguíamos encontrar-te. — Alison agarrou-lhe na mão e

sorriu para ela. — Queríamos que viesses nadar connosco.

O simples pedido desencadeou uma série de reacções emocionais.

Eles não te pertencem, lembrou a si mesma quando o coração começou a

bater com mais força. *Tens de parar de fingir que sim*. Manteve os olhos na menina, nada disposta a lidar com um dos olhares intuitivos de Jordan.

— Hoje não, querida. Ia agora fazer uma corrida.

— A natação exercita mais músculos — comentou Jordan. — E não

suamos.

Kasey levantou o olhar e cruzou-o com o dele. Viu os olhos de Jordan

semicerrarem-se imediatamente e percebeu que ele pressentira que algo se

passava. Ela não estava disposta a ser lida tão claramente.

Sorrindo, deu um rápido apertão na mão de Alison. — Continuo a

achar que prefiro correr. — Virou costas e afastou-se.

— Passa-se alguma coisa de errado com a Kasey. — Alison olhou

para o tio, mas ele estava a ver Kasey correr em direcção ao muro que deli-

mitava a propriedade. — Estava com uns olhos tristes.

Jordan olhou para Alison. As palavras dela tinham espelhado os seus

pensamentos. — Sim, estavam.

— Fomos nós que a pusemos triste, tio Jordan?

A pergunta abalou-o e ele ergueu os olhos a tempo de ver Kasey desa-

parecer pelo portão lateral. *Teremos sido?* A capacidade dela para sentir era muito maior do que a de qualquer outra pessoa que ele conhecia. Não sig-

nificaria que a capacidade dela para sofrer seria igualmente grande? Jordan

abanou a cabeça. Talvez estivesse a exagerar e ela estivesse simplesmente de

mau humor.

— Toda a gente fica de mau humor de vez em quando, Alison — murmurou ele. — Até a Kasey tem direito a isso. — Quando voltou a olhar para a menina, ela ainda tinha os olhos postos no portão. Jordan pendurou-a ao ombro para a ouvir rir.

— Não me atire para a água! — Ela ria-se e contorcia-se.

— Atirar-te? — ripostou Jordan como se fosse uma coisa que não lhe tivesse passado pela cabeça. Aproximou-se da piscina. — O que é que te leva a pensar que eu faria uma coisa dessas?

— Foi o que o tio fez ontem.

— Foi? — Olhou por cima do ombro em direcção aos arbustos e muro. Kasey estava do outro lado. Isso fê-lo sentir-se desconfortável. Com um esforço, voltou de novo a atenção para Alison. — Detesto repetir-me — disse, atirando-a para dentro da piscina.

Uma hora depois encontrou Kasey na sala de estar. A corrida não lhe tinha melhorado o humor. Viu-a andar de um lado para o outro, de janela em janela. Sentiu a inquietação dela.

— Estás a pensar fugir?

Kasey voltou-se ao ouvir a voz dele. — Não te ouvi entrar. — Procurou uma descontracção que não conseguiu encontrar e depois virou costas de novo. — Mudei de ideias — disse-lhe. — Este lugar não é um museu, é um mausoléu.

Jordan ergueu uma sobrancelha e sentou-se no sofá. — Porque não me dizes o que se passa, Kasey?

Quando ela se virou para ele, havia raiva no olhar. Era mais fácil sen-

tir raiva do que desespero. — Como é que aguentas? — atirou-lhe. — O Sol constante não te incomoda?

Ele estudou-a por um momento, depois recostou-se nas almofadas.

— Estás a tentar dizer-me que estás irritada por causa do tempo?

— Não é o tempo — corrigiu ela. — O tempo muda. — Kasey desviou o cabelo do rosto com ambas as mãos. Sentia uma dor incomodativa na base do pescoço.

— Kasey. — A voz de Jordan era baixa e razoável. — Senta-te e fala comigo.

Ela abanou a cabeça. Não estava com vontade nenhuma de ser razoável. — Espanta-me — continuou ela. — Espanta-me completamente que consigas escrever como escreves quando te isolaste de tudo.

Ele ergueu de novo a sobrancelha. — Achas que essa é uma afirmação rigorosa? Vivo num clima favorável, por isso isolei-me de tudo?

— És tão pretensioso! — Ela virou costas de novo e cerrou as mãos em punhos dentro dos bolsos. — Estás aqui no teu pequeno mundo esterilizado sem fazeres a mínima ideia de como as pessoas vivem no mundo real. Não precisas de te preocupar com o facto de o teu frigorífico poder avariar.— Kasey. — Jordan esforçou-se por manter a paciência. — Estás outra vez a divagar.

Ela virou-se e fitou-o. Porque é que ele não compreendia? Porque é que não conseguia ver o que estava subjacente a tudo aquilo? — Nem toda a gente pode criar fama e deitar-se na cama.

— Ah, voltámos a isso. — Jordan levantou-se e aproximou-se dela. —

Porque é que consideras o meu dinheiro uma mancha no meu carácter?

— Não faço ideia de quantas manchas tens no carácter — retorquiu ela. — A minha objecção quanto ao teu dinheiro é que o utilizas para te isolares.

— Do teu ponto de vista.

— Claro. — Ela acenou concordantemente com a cabeça. — Do meu ponto de vista, toda esta secção da Califórnia é uma afronta: golfe, peles, festas, jacuzzis…

— Com licença. — Alison estava parada à porta a olhar especada para os dois. Era a primeira vez que os via zangados. Jordan sufocou uma resposta e virou-se para ela.

— É alguma coisa importante, Alison? — A voz estava calma, mas os olhos não. — A Kasey e eu estamos a ter uma discussão.

— Estamos a ter uma briga — corrigiu Kasey. — As pessoas brigam, e eu nunca grito durante uma discussão.

— Está bem. — Ele anuiu com a cabeça a Kasey e depois olhou de novo para a sobrinha. — Estamos a ter uma briga. Importas-te de nos dar alguns minutos para a terminarmos?

Alison deu um passo atrás mas hesitou. — Vão gritar um com o outro e tudo? — Havia mais fascinação do que preocupação na pergunta, e Jordan reprimiu um sorriso.

— Sim — disse-lhe Kasey. Alison olhou mais uma vez para os dois e depois correu escada acima.

Jordan riu-se antes de se voltar para Kasey. — Aparentemente ela está

satisfeita com a perspectiva de uma briga a sério.

— Não é a única.

Ele estudou Kasey por um momento. — Pois, posso ver que não. Talvez gostasses de atirar alguma coisa. Fica sempre bem.

— Qual preferes perder? — replicou ela, detestando o facto de ele estar controlado e ela não. — A jarra Ming ou a caixa Fabergé?

— Kasey. — Jordan colocou as mãos nos ombros dela. *Chega*, pensou; *já chega*. — Porque não te sentas e me dizes o que realmente se passa?

— Não te armes em condescendente, Jordan. — Afastou-se dele, bastante irritada. — Já me basta a tua mãe.

Havia pouco que ele pudesse responder àquilo, já que sabia que era verdade. O que ele ainda não sabia era que as atitudes de Beatrice afectavam Kasey. Talvez ainda houvesse muito a saber sobre Kasey. E talvez a altura certa para as saber fosse quando ela estivesse suficientemente alterada para baixar a guarda.

— A minha mãe não tem nada a ver connosco, Kasey. — A voz dele tinha suavizado, mas ele não se aproximou dela.

— Ah, não? — Kasey abanou a cabeça. Como era possível que ele não reparasse nem compreendesse o quão difícil era fazerem amor numa casa em que ela tinha de lidar com constantes reprovações? — Bem, esse é um pequeno ponto de desentendimento. Temos outros.

— Que são?…

— Não te preocupa que a principal preocupação na cabeça da Alison daqui a cinco anos seja que vestido há-de usar?

— Por amor de Deus, Kasey! Do que é que estás a falar? — A frustração fê-lo exaltar-se tanto quanto ela. — Não te importas de ir ao cerne da questão?

— Questão?! — Ela já estava aos gritos, furiosa pela incapacidade de exprimir os seus sentimentos e pela incapacidade dele para compreender o que ela estava a tentar dizer. — Que questão pode haver quando não tens qualquer noção de como me sinto nem do que preciso? — Abanou de novo a cabeça. — Não vale a pena, Jordan. Não vale mesmo. — Saiu a correr pela porta do pátio.

Dez minutos depois estava sentada sob um carvalho no canto norte do relvado a tentar controlar as emoções. Detestava perder as estribeiras. Nada do que dissera a Jordan fizera qualquer sentido – nem para ele, nem para si mesma. A honestidade forçava-a a admitir que era um medo primitivo que a impedia de dizer o que lhe ia no coração. Amava-o demasiado para ter paz de espírito.

Coração ou intelecto – a qual dos dois devia dar ouvidos? O intelecto dizia-lhe que ela não devia amá-lo. Ele não a amava. Desejava-a, precisava dela, talvez se preocupasse com ela. Tudo palavras brandas e fracas comparadas com amor. O intelecto lembrava-a de que havia demasiadas diferenças fundamentais entre eles que tornavam impossível mais do que uma relação passageira. O intelecto afirmava que estava na hora de se lembrar das prioridades – do doutoramento, do trabalho de campo. Estava na hora de fazer as malas e regressar.

Mas o coração dizia-lhe que o amava. Estava dividida entre os dois

– coração ou intelecto – e não era capaz, talvez pela primeira vez na vida, de tomar uma decisão clara.

Levantou as pernas e encostou a testa nos joelhos. Quando ouviu Jordan sentar-se ao seu lado, não se mexeu. Precisava de mais algum tempo, e ele, pressentindo isso, não disse nada. Ficaram sentados lado a lado, mas não suficientemente perto para se tocarem, enquanto um passarinho começava a cantar nas folhas mesmo acima das suas cabeças. Ela suspirou. — Desculpa, Jordan.

— Pela forma, mas não pelo conteúdo? — retorquiu ele, lembrando-se da outra vez em que ela tinha pedido desculpas.

Ela deu uma rápida gargalhada mas manteve a cabeça apoiada nos joelhos. — Não tenho a certeza.

— Acho que não me importo que gritem comigo desde que eu saiba o motivo.

— Culpa a Lua — murmurou ela. Mas ele pôs-lhe uma mão debaixo do queixo e levantou-o.

— Kasey, fala comigo. — Ela abriu a boca, mas ele interrompeu-a antes de ela poder começar. — Fala mesmo a sério — acrescentou ele em voz baixa. — Sem as evasões sagazes. Se eu não te conheço nem sei do que precisas, talvez seja porque fazes os possíveis para me impedir de o descobrir.

Os olhos dela estavam muito claros e fixos nos dele. — Tenho medo de te deixar entrar mais do que já deixei.

A doçura dela desequilibrou-o. Após um momento encostou-se ao

tronco da árvore e puxou-a para ele. Talvez a forma mais fácil de começar a saber mais sobre ela fosse através do passado. — Fala-me do teu avô — pediu Jordan. — A Alison disse-me que ele era médico.

— O meu avô? — Kasey manteve-se encostada ao braço dele e tentou relaxar. O assunto parecia-lhe bastante seguro. — Ele vive na Virgínia Ocidental. Nas montanhas. — Olhou para o relvado bem aparado. Não havia uma única pedra à vista. — É médico há quase cinquenta anos. Todas as Primaveras planta um jardim de vegetais, e no Outono corta a própria lenha. No Inverno a casa cheira a fumo de madeira. — Fechou os olhos e, encostada a Jordan, deixou as recordações aflorarem. — No Verão há gerânios na estufa fora da cozinha.

— E os teus pais? — Jordan sentiu-a relaxar enquanto o pássaro continuava a cantar acima deles.

— Eu tinha oito anos quando eles morreram. — Kasey suspirou de novo. Cada vez que pensava neles o absurdo da sua morte abalava-a. — Tinham ido passar um fim-de-semana fora. Eu estava com o meu avô. Estavam a ir buscar-me quando outro carro atravessou um separador central e lhes bateu de frente. O outro condutor tinha estado a beber. Escapou com um braço partido. Eles não escaparam de todo. — A dor tinha amainado com o tempo, mas ainda permanecia. — Eu sempre dei graças por eles terem tido primeiro aqueles dois dias a sós.

Jordan deixou-se ficar calado uns momentos. Começava a perceber porque é que ela compreendera tão rapidamente Alison. — Depois foste viver com o teu avô?

— Sim, após o primeiro ano.

— O que é que aconteceu no primeiro ano?

Kasey hesitou. Não tencionara abordar aqueles assuntos, mas a falta de exigência nas perguntas dele tinham facilitado a conversa. Com um encolhimento de ombros, continuou: — Eu tinha uma tia, irmã do meu pai. Era bem mais velha do que ele; acho que uns dez ou quinze anos.

— Viveste com ela durante o primeiro ano?

— Vivi com ela e com o meu avô durante esse ano. Houve uma disputa pela custódia. A minha tia não queria que uma Wyat fosse viver para a selva. Era assim que ela chamava à casa do meu avô. Ela era de Georgetown, DC.

Jordan recordou-se de algo. — O teu pai chamava-se Robert Wyatt?

— Sim.

Jordan ficou em silêncio enquanto tentava organizar os pensamentos. A família Wyatt de Georgetown – uma família antiga e bem conhecida. Dinheiro e política. Samuel Wyatt devia ser o avô paterno. Ele fizera fortuna na banca e depois tornara-se um dos principais conselheiros presidenciais. Robert Wyatt era o filho mais novo. Dois irmãos mais velhos tinham conseguido lugar no Senado. A irmã devia ser Alice Wyatt Longstream, mulher de um congressista e anfitriã política. Uma família bastante rica e conservadora. Tanto quanto se lembrava, falara-se a certa altura no filho mais novo para um lugar em Washington.

Robert Wyat era um jovem e brilhante advogado. Tinha saído muita coisa na imprensa quando ele morrera. E a mulher… Jordan franziu o sobrolho ao tentar lembrar-se de coisas que tinha lido e ouvido dezassete anos

antes. A mulher também era advogada. Tinham aberto em conjunto um escritório de advocacia, algo que a família dele não tinha de todo aprovado.

— Lembro-me de ter lido sobre o acidente — murmurou Jordan. — E, de vez em quando, alguma coisa sobre o processo de custódia. A minha mãe e o meu pai discutiam ocasionalmente o assunto. Ela conhece a tua tia. Houve bastante publicidade.

— Claro. — Kasey ergueu um ombro. — Família rica disputa custódia de uma criança com um médico rural. O que há de melhor para a imprensa? — Jordan percebeu uma ponta de amargura nas palavras.

— Fala-me disso, Kasey.

— O que há para dizer? — Ela ter-se-ia levantado nessa atura, mas o braço dele manteve-a no lugar. O abraço foi suave mas firme. — Processos de guarda são feios e horríveis para a criança envolvida.

— Os teus pais eram advogados — interrompeu Jordan. — Decerto teriam testamentos bem claros quanto a um tutor legal para ti.

0

— Claro que sim. O meu avô. — Kasey abanou a cabeça. Como é que ele conseguira arrancar tanto dela apenas com algumas palavras? Ela nunca discutia aquela parte da sua vida com ninguém. — Os testamentos podem ser contestados, especialmente quando se tem muito dinheiro e muito poder. Ela queria-me, não por mim, mas porque eu tinha o nome Wyatt. Até aos oito anos eu percebi isso. Não era difícil; ela nunca gostou da minha mãe. Os meus pais conheceram-se na Faculdade de Direito. Foi uma daquelas atracções imediatas. Casaram-se duas semanas depois. A minha

tia nunca o perdoou por se ter casado com uma desconhecida estudante de Direito que só estava na Universidade de Georgetown graças a uma bolsa.

— Disseste que durante o primeiro ano viveste com o teu avô e a tua tia. O que querias dizer com isso?

— Jordan, isto foi tudo há muito tempo…

— Kasey. — Interrompeu-a e virou o rosto dela para ele. — Fala comigo.Ela aninhou-se outra vez no ombro dele e fechou os olhos. A tensão tinha regressado aos músculos. — Quando a minha tia deu entrada no processo, as coisas começaram a ficar feias. Começaram a aparecer jornalistas. Iam à minha escola, à casa do meu avô. A minha tia contratou uma firma de detectives para provar que ele não estava a cuidar bem de mim. Seja como for, eu estava a ter bastante dificuldade em lidar com tudo isso. O meu avô achou que talvez fosse melhor para mim eu ir viver uns tempos com a minha tia. Aliviaria alguma da pressão e talvez eu chegasse à conclusão de que queria viver com ela. Nessa altura odiei-o por me ter mandado embora. Pensei que ele não me queria. Não parei para pensar que tinha sido a coisa mais difícil que ele já tinha feito. Eu era tudo o que lhe restara da minha mãe.

Jordan viu-a passar o polegar sobre a fita de cabelo dourada que tinha na cabeça. — A minha tia tinha uma linda casa em Georgetown. Na Thirty-fifth Street. Tectos altos e lareiras em todas as divisões. Antiguidades fabulosas e porcelana Sèvres. Ela tinha uma colecção de bonecas de porcelana e um mordomo negro a quem chamava Lawrence. — Kasey começou de novo a levantar-se. Precisava de se movimentar.

— Não. — Jordan manteve-a contra ele. — Senta-te. — Ele sabia que, se ela se levantasse, encontraria forma de evitar dizer-lhe mais alguma coisa. — O que aconteceu?

— Ela comprava-me vestidos de organdi e doces e exibia-me por toda a parte. Eu estava inscrita numa escola privada e tinha aulas de piano. Foi a época mais triste da minha vida. Ainda não tinha ultrapassado a morte dos meus pais e a minha tia era tudo menos maternal. Ela queria um símbolo; uma criança simpática e sossegada que pudesse embonecar e mostrar às amigas. O meu tio estava quase sempre fora de casa. Acho que ele até era bastante simpático, mas muito voltado para si mesmo. Ou talvez eu não esteja a ser justa; ele tinha uma grande carga de responsabilidades. Nenhum dos dois conseguia dar-me o que eu precisava e eu não conseguia dar-lhes o que eles queriam. Eu fazia perguntas desagradáveis.

Jordan riu-se um pouco e beijou-lhe a têmpora. — Aposto que sim.

— Ela queria moldar-me e eu recusava-me a ser moldada. Era tão simples quanto isso. Eu estava rodeada de coisas belas que não podia tocar. Iam à casa pessoas fascinantes com quem eu não podia falar, a não ser responder « Sim, senhor» , ou « Não, senhora» , quando me perguntavam alguma coisa. Era como estar enjaulada.

— A tua tia desistiu do processo.

— Levou três meses a perceber que não conseguia viver comigo.

Disse-me que se existia alguma coisa de Wyatt em mim, estava muito bem escondida e mandou-me de volta para casa do meu avô. Foi como poder voltar a respirar.

Jordan franziu a testa e olhou para o relvado. De onde se encontravam só conseguia ver o andar superior da casa. *Estará ela a sentir-se enjaulada aqui?* Recordou-se da forma como ela andara de janela em janela na sala de estar. Ele queria um pouco de tempo para digerir as coisas que acabava de saber. — És muito chegada ao teu avô — murmurou.

— Ele foi a minha âncora durante o meu crescimento. — Sorriu e puxou uma folhinha de relva. — É um homem carinhoso e inteligente que consegue sustentar três pontos de vista ao mesmo tempo e acreditar em todos. Ele conhece-me, aceita-me como sou e ama-me. — Ergueu de novo os joelhos e pousou a cabeça neles. — Ele tem setenta anos e eu já há quase um ano que não vou a casa. Daqui a três semanas é Natal. Vai haver neve e alguém lhe oferecerá uma árvore como pagamento. Os pacientes dele vão encher a casa o dia inteiro, oferecendo-lhe tudo desde pão a whisky caseiro. *Ela está a pensar ir-se embora*, percebeu ele com um pânico repentino e inesperado. Viu o sol atravessar as folhas e iluminar os cabelos dela. *Ainda não*, pensou. *Ainda não*. — Kasey. — Tocou-lhe nos cabelos. — Não tenho o direito de te pedir para ficares. Mas vou pedir à mesma. Fica.

Ela soltou um suspiro. *Por quanto tempo?* – indagou-se. *Eu devia ir para casa até recuperar disto, recuperar dele*. Kasey levantou a cabeça, preparada para dizer o que achava que tinha de ser dito.

Jordan estava a olhar para ela. Os olhos claros e expectantes. Não ia perguntar-lhe de novo; não ia insistir. Kasey apercebeu-se de que ele não precisava. O silêncio – os olhos – estavam a fazê-lo por ele.

— Abraça-me — sussurrou ela, estendendo os braços.

Não ia conseguir deixá-lo, pensou enquanto o apertava contra si. Não até não ter outra hipótese. Tinha-se aberto a ele, tinha-lhe oferecido o seu

amor. Não podia afastar-se agora.

Ele começou a beijá-la suavemente, sem exigências. Nunca tinha sido assim tão carinhoso, abraçando-a como se ela fosse algo frágil. Não, não ia conseguir deixá-lo naquele momento. O coração de Kasey tinha maior poder sobre a sua vida do que o intelecto. Onde amava, era vulnerável, e onde era vulnerável, a mente não tinha domínio. Apertou-o com mais força.

O beijo aprofundou-se, mais terno ainda, mas íntimo e envolvente.

A mão dele acariciou-lhe a pele da face. Era macia, tão macia, e fê-lo sentir desejo. Jordan murmurou o nome dela e deslizou os lábios até ao pescoço.

Ali havia calor e um sabor por que ele ansiava.

Como é que ela podia dar-lhe tanto e não pedir nada em troca? Mas havia uma coisa que ele podia dar-lhe, que podia dar a ambos. — Kasey, este fim-de-semana preciso de ir a Nova Iorque. Tenho uns assuntos a tratar com o meu editor. — Não acrescentou que andava a adiar a viagem há semanas. — Vem comigo.

— Nova Iorque? — Kasey ergueu as sobrancelhas. — Não me tinhas dito nada.

— Pois não. Dependia do progresso do livro. Kasey. — Beijou-a de novo. Não queria que ela fizesse perguntas. — Vem comigo. Quero passar algum tempo contigo, a sós. Quero mais do que algumas horas à noite. Quero dormir contigo. Quero acordar contigo.

Ela também queria. Estar com ele, longe da casa. Poder passar a noite com ele em total liberdade. Kasey começou a sentir algum do peso começar a aliviar. — E a Alison?

— Por acaso, ela perguntou-me esta tarde se podia passar o fim-de-semana com uma amiga da escola. — Jordan sorriu e afastou um caracol do rosto de Kasey. — Chamemos-lhe destino, Kasey, e aproveitemos.

— Destino. — Os lábios dela curvaram-se num sorriso e Jordan viu-o chegar-lhe finalmente aos olhos. — Eu acredito muito no destino.

8

Nova Iorque. O avião tinha aterrado sob uma chuva gelada que rapidamente se estava a transformar em neve. As ruas estavam enlameadas, escorregadias, apinhadas de carros. Os passeios estavam cheios de pessoas caminhando apressadamente. Nada poderia ter agradado mais a Kasey. Os nova-iorquinos estavam sempre com pressa, reflectiu ela. E não havia cidade que ela conhecesse que apreciasse melhor a época do Natal. Para onde olhava havia decorações – árvores, luzes e enfeites cintilantes. E havia Pais Natais por toda a parte.

Ela tinha tentado absorver tudo aquilo durante a viagem de táxi do aeroporto até ao hotel. Naquele momento, no quarto da suite que iria partilhar com Jordan, encostou o nariz ao vidro da janela e continuou a olhar. Havia luzes e pessoas e o ruído abafado do trânsito. Abalava-a o quão sentira a falta das visões e cheiros de humanidade. Tinha sentido a necessidade do barulho e do movimento.

Jordan não estava à espera que ela tivesse aquele tipo de entusiasmo pela cidade. Por aquilo que ela lhe contara sobre a infância, achara que ela preferisse um ambiente rural. Mas ela não fora capaz de ver o suficiente. Não se calara durante a viagem de táxi, apontando e rindo-se. Qualquer pessoa pensaria que se tratava da sua primeira visita, mas ele sabia que ela passara várias semanas em Manhattan no início do Outono.

— Ages como se nunca cá tivesses estado — comentou ele.

Ela voltou-se e sorriu para ele. O brilho estava lá de novo. Ele quase conseguia esquecer a infelicidade que vira nos olhos dela apenas uns dias

antes. — É um lugar maravilhoso, não é? Tantas pessoas, tanta vida. E está a nevar! Não sei se teria conseguido passar Dezembro sem ver neve.

— Foi por isso que vieste? — Aproximou-se dela para lhe passar uma mão pelos cabelos. — Para ver neve?

— Claro. — Ela levantou o rosto para roçar os lábios nos dele. — Não me ocorre outro motivo. E a ti?

— Ocorrem-me um ou dois — murmurou ele.

Ela soltou-se dos braços dele para deambular pelo quarto. — Bonito — comentou, passando um dedo pela superfície da cómoda. O vago aroma a verniz pairava no ar. — Não são as minha habituais condições de trabalho. — Não estamos a trabalhar.

Ela olhou para ele por cima do ombro. — Não?

— Uma festa, algumas reuniões. — Jordan deslocou-se de novo até ela e virou-a de frente para ele. — Eu podia ter recusado o convite para a festa e tratado das reuniões por telefone se o único propósito da nossa viagem fosse o trabalho.

— Jordan, eu sei que fizeste isto por mim. — Kasey cobriu as mãos dele com as suas. — Obrigada.

— Também o fiz por mim. — Abraçou-a. O que é que ela lhe estava a fazer? Conhecia-a há dois meses e ela estava a tornar-se rapidamente a coisa mais importante da sua vida.

— Estamos mesmo sozinhos? — murmurou ela. Sentiu um alívio percorrê-la. — Céus! Estamos mesmo sozinhos?!

— Sozinhos — concordou ele, atraindo a boca dela até à sua.

— Quando é que é a festa? — Baixou o casaco dos ombros dele e começou a mexer-lhe na camisa.

— Daqui a uma hora. — As mãos dele deslizaram por debaixo da camisola dela.

— Diz-me… — Mordiscou-lhe o lábio e sentiu um estremecimento em resposta. — Consideras-te rude, ou elegante?

— Rude. — Baixou as mãos para desapertar o cinto fino que ela usava. — Muito rude.

— Vamos ser rudes, Jordan. — Abriu-lhe a camisa e suspirou quando passou as mãos pelo torso dele. — Vamos ser terrivelmente rudes.

Quando se deitaram nus sobre a cama, ele não teve pressas. Tinham tempo para amar. Kasey deslizou para uma nuvem de prazer. Onde ele tocava, ela ardia de desejo; onde ele beijava, ela ansiava. Ele foi cuidadoso para manter o toque suave, lembrando-se das marcas que lhe deixara antes. A força e determinação dela tornavam difícil lembrar-se da sua fragilidade.

A pele dela era macia e clara, apenas com uma ténue marca de bronzeado. Embora tivesse passado bastantes horas ao ar livre, ela não bronzeava com facilidade. Jordan conseguia ver o contraste da sua mão bronzeada contra o branco leitoso do seio dela. Levou a boca ao mamilo e ouviu-a gemer. Ela era mais responsiva do que qualquer outra mulher que ele já conhecera. Não tinha quaisquer inibições. Amava livremente.

Com muito cuidado, mordiscou-lhe o mamilo e sentiu-a arquear debaixo dele ao catapultar da satisfação para a paixão. Jordan usou a língua para a fazer estremecer até ela perder o fôlego. Kasey enterrou as unhas

nos ombros dele. Os murmúrios dela incitavam-no a apressar-se. Mas ele passou sem pressas para o outro seio.

— Jordan. — Ela mal conseguia falar, pois ondas de desejo assolavam-na. — Quero-te agora.

— Ainda é cedo. — Desceu com os lábios pelo peito dela. — Muito cedo. A boca dele deambulava e ela continuava a tremer. Jordan enfiou os dedos dentro dela, conduzindo-a a um violento clímax.

Delírio. Kasey sabia que tinha perdido completamente o controlo.

O prazer não podia ser maior, a paixão não podia levar mais nada dela.

Mas ele continuava a enlouquecê-la. Cada célula do seu corpo pulsava com vida. Ela estava desesperada por tê-lo e agarrou-se a ele, querendo que ele sentisse o mesmo desespero. As mãos dele ardiam na pele dela e faziam-na estremecer.

Então ele levou a boca de novo à dela – faminta, urgente. Levou-a ao pescoço e mordeu-lho. Esquecera a promessa de ser cuidadoso. Esquecera tudo a não ser a sensação do corpo delgado e frágil sob o seu – e o seu próprio desespero.

Necessidades despoletavam necessidades, e ele entrou finalmente nela. Já não havia tempo para amar devagar.

…

Jordan chegou à conclusão de que não se estava a habituar a Kasey com o passar do tempo, mas que cada vez se sentia mais intrigado com ela.

A elegante cooperativa que dava para o Central Park estava apinhada de membros do mundo literário: escritores, editores, agentes literários. Mas

ela era o vórtice. Outras mulheres cintilavam com jóias, diamantes, safiras, esmeraldas. Ela não precisava de nada disso.

Estava sentada no braço de um cadeirão, bebericando champanhe e rindo com Simon Germaine, o presidente de uma das principais editoras do país. J. R. Richards estava debruçado sobre o ombro dela. Ia no quarto de uma série de romances de grande sucesso que tinham sido transpostos com enorme êxito para o cinema. Ao lado dela estava Agnes Greenfield, uma das melhores e mais implacáveis agentes do ramo. Ela representava Jordan há dez anos e ele percebeu que era a primeira vez que a via sorrir. Enquanto a observava, Kasey pousou uma mão no ombro de Germaine e disse-lhe algo que o fez atirar a cabeça para trás e rir às gargalhadas.

Os olhos de Kasey levantaram-se e encontraram Jordan no meio da multidão. Ela sorriu lentamente enquanto levantava o copo para mais um gole. Uma onda de desejo percorreu-o, fazendo-o quase perder o equilíbrio. *Como é que ela faz isto?* – indagou-se. *Como é que me faz desejá-la desta forma quando ainda há pouco a possuí? Quando é que me vou dar por satisfeito?* Pôs as questões de parte e indagou-se quanto tempo ainda faltaria para poderem sair dali e poder tê-la de novo só para si.

— O cisma cada vez maior entre a literatura elitista e popular tornou difícil para o leitor comum desfrutar de uma leitura agradável e leve sem se sentir culpado.

Kasey ergueu o sobrolho a J. R. quando Jordan se aproximou. — Eu li os seus livros todos e tenho a consciência tranquila. — Bebericou o champanhe e sorriu para Jordan.

J. R. demorou algum tempo antes de começar a rir por entre dentes. — Acho que acabaram de me pôr no lugar. Sinto-me tentado

a começar a colaborar se conseguir encontrar uma parceira como esta, Jordan.— Tenho estado a tentar convencer a Kasey a escrever um livro.

— Germaine emborcou o whisky sem pestanejar. Tinha uma cara redonda e vermelha e um bigode grisalho sobre o lábio. Kasey achou que ele se parecia ligeiramente com um apresentador de programas infantis da televisão que ela via quando era criança.

— Agradeço, Simon. — Kasey prendeu os caracóis atrás das orelhas e cruzou as pernas. — Mas sempre achei que ser-se escritor significava ser-se frugal com as palavras. Eu sou muito pródiga com as minhas.

— É realmente uma óptima contadora de histórias, Kasey. — Deu-lhe umas palmadinhas amigáveis no joelho e ela viu Jordan erguer uma sobrancelha. — Tenho editores para lidar com o excesso.

— E sou temperamental. — Kasey terminou o champanhe e entregaram-lhe imediatamente outra taça. — Obrigada. — Lançou um sorriso amigável a J. R.

— Que escritor não é? — Germaine bufou e puxou de um charuto.

— És temperamental, Jordan?

— Por vezes.

— Eu sou uma colaboradora sempre difícil, o que, pelo menos, me torna previsível — interpôs Kasey.

— Se há coisa que descobri é que não és nada previsível. — Jordan ergueu a taça de champanhe.

— O elogio perfeito. Jordan, está ali um caviar com óptimo aspecto. Não me sentiria bem se não me empanturrasse.

Atravessaram a sala até um bufete sumptuosamente preparado. Jordan observou Kasey pôr caviar numa tosta. — Tu e o Germaine parecem ter-se entendido muito bem.

— Ele é um querido — disse Kasey de boca cheia. Já estava a pegar noutra tosta. — Deus! Estou a morrer de fome! Sabes que horas são, de acordo com o horário da costa oeste? Comemos no avião? Nunca me lembro do que acontece a trinta mil pés de altitude.

— Querido? — repetiu Jordan, ignorando o resto. O adjectivo aplicado a Germaine foi suficiente para lhe prender a atenção. — Acho que nunca tinha ouvido ninguém descrevê-lo nesses termos.

— Ah, já ouvi as histórias. — Kasey começou a procurar outra coisa e encontrou uma travessa de camarões. — O paraíso — murmurou ela por entre dentes, espetando um com um palito. — É suposto ele ser rijo como couro e mau como um cão esfaimado. O que é isto? — Apontou para outra travessa.

— Língua de vaca.

— Vamos passar isso — decidiu. Serviu-se de mais um camarão.

— Eu gosto dele.

— Aparentemente, o sentimento é mútuo.

Kasey sorriu e parou o tempo suficiente para beber um pouco de champanhe. — A tua sensibilidade foi atingida quando ele pôs a mão em cima do meu joelho. Ficas terrivelmente querido quando és reservado e convencional, Jordan. Ficarias extremamente embaraçado se eu te beijasse neste preciso momento?

Ela estava a picá-lo e ele sabia. Com firmeza, agarrou-a pela nuca e puxou-a. Os olhos dela riram-se para ele antes de ele lhe dar um beijo longo e violento. Ela tinha o sabor forte e exótico da comida do bufete. Quando a afastou, Kasey ainda estava a sorrir.

— O caviar é bom, não é?

— Aparentemente, é algo de que gosto bastante.

Kasey virou-se e cobriu outra tosta. — Come mais um pouco — convidou com um sorriso provocador. — Nem eu consigo fartar-me.

Jordan deu uma dentada na tosta que ela lhe levou à boca. — Quero-te fora daqui — disse-lhe em voz baixa. — Quero-te a sós, onde possa arrancar-te essa roupa, peça a peça.

— Uma proposta interessante — murmurou Kasey, levando um dedo à gravata dele. — Posso fazer-te o mesmo?

— Deves.

— Jordan! — Uma mulher robusta, na casa dos quarenta e desavergonhadamente loura e curvilínea, aproximou-se dos dois. Kasey reconheceu-a de fotos dos jornais como sendo Serena Newport, uma romancista de renome que escrevia livros cheios de homens bons e de sexo.

Serena beijou Jordan em ambas as faces. — Não costumas aparecer nestas coisas — queixou-se ela. — Eu gosto de ser vista com homens de classe.

— Serena. É um prazer rever-te.

— E quem é esta? — Olhou intensamente para Kasey. — Deus! Magra como um palito e extremamente atraente! Se eu ficar aqui demasiado tempo, vou acabar por parecer um elefante albino. És escritora, querida?

Quem é que te pinta o cabelo?

— Uma fã, e o cabelo é natural.

— Deus, que horror! — Pôs a mão na anca larga e abanou a cabeça.

— Não a parte da fã, mas a do cabelo. É natural? Terrivelmente injusto. E és fã de quem? Do Jordan ou minha?

— De ambos. — Kasey estava a gostar cada vez mais dela.

Serena riu-se. — Isso é muito invulgar. Não é qualquer pessoa que lê *Última Abstinência* e *A Vitoria da Paixão*, pois não, Jordan?

— A Kasey é invulgar, Serena. Serena Newport, Kathleen Wyatt.

— E o que fazes? Já sei. — Levantou uma mão antes que Kasey pudesse responder. — Não me digas… és modelo.

Kasey sorriu, divertida.

— Não… actriz — afirmou ela, mudando de ideias. — Tens um rosto bastante expressivo.

— Obrigada, mas não sou actriz profissional. Só em situações do dia-a-dia.

— E inteligente também — murmurou Serena. — Não és uma agente que está a tentar tirar o Jordan à Agnes?

— Não, se dou valor à vida — respondeu Kasey.

— Bem, querida, estou fascinada e completamente desorientada. — Serena fez sinal a um empregado que estava de passagem e agarrou numa taça de champanhe. Tinha os dedos cheios de anéis com enormes pedras preciosas, e as unhas eram de um vermelho-vivo. — O que fazes, então?

— Sou antropóloga.

— Estás a brincar. — Serena olhou para Jordan para confirmar. — Ela está a brincar?

— Não farias essa pergunta se a questionasses sobre os rituais tribais dos Sioux — respondeu Jordan, e terminou a bebida.

— Não me digas!

— A Kasey está a colaborar comigo num livro.

— Humm. — Serena bebeu um bom gole de champanhe. — Por acaso não sabes nada de interessante sobre os Algonquinos, sabes, querida?

— Originalmente uma tribo da América do Norte que foi dispersa pelos Iroqueses no século dezassete. A maioria implantou-se no Quebeque e Ontário — retrucou Kasey.

— Destino! — exclamou Serena, agarrando no braço de Kasey. — Acreditas no destino, querida?

Kasey olhou para Jordan e sorriu. — Por acaso, acredito.

— Acabo de iniciar um livro. A primeira parte passa-se em Inglaterra, mas na segunda o meu aristocrata falido vai para as colónias. Está meio faminto e quase a morrer quando encontra um grupo de Algonquinos. Eles não iriam escalpá-lo nem fazer nada de horrível, pois não?

Kasey sorriu. — Muitos dos Algonquinos foram durante algum tempo amigos dos brancos. Depende de que tribo está a falar. Contudo…

— Perfeito. Maravilhoso. — Serena enfiou o braço de Kasey no seu.

— Vou roubá-la por uma hora, Jordan. É bom de mais para perder esta oportunidade. Toma mais um bocado de champanhe. — Deu-lhe uma palmadinha maternal na bochecha. — Mando-ta de volta quando terminar.

Kasey olhou para trás e encolheu os ombros enquanto era arrastada.

…

— Foi a primeira vez que conheci alguém que consegue falar mais do que eu — disse Kasey mais tarde. Encostou-se no banco traseiro do táxi e aninhou-se na curva do braço de Jordan. — Reconheço-o com humildade.

— Pensei seriamente em estrangulá-la depois da primeira hora. —

Ela estava perto e o aroma dos seus cabelos pairava sobre ele. Kasey estava quente e ligeiramente ensonada, e um pouco alegre do champanhe. Ele desejava-a. — Ela massacrou-te durante duas horas e dez minutos.

Kasey riu baixinho. — É uma pessoa maravilhosa.

— Também sempre achei, até esta noite.

— Ela gosta muito de ti. — Kasey sorriu para ele. — Disse-me que eras um escritor maravilhoso e um homem encantador, especialmente quando te esqueces de ser educado. — Riu-se quando o viu erguer a sobrancelha.

— Eu tive de concordar com ela.

— Se os livros da Serena forem um barómetro, ela prefere um tipo mais… rudimentar.

— Oh, Jordan! Adoro quando te armas em fino. — Mordiscou-lhe a orelha. — Porque não me beijas outra vez como me beijaste na festa? Tipo macho dominante.

— Raios te partam, Kasey. — Estava a rir quando cobriu os lábios dela. — Ui! Trata-me mal e eu sou tua — murmurou ela.

— Tem cuidado — avisou ele, sentindo-se cada vez mais excitado apesar da brincadeira. — Perdi a paciência há uma hora.

Kasey riu-se outra vez e encostou a cabeça zonza no ombro dele. — E ele ardia de desejo por ela, ardia com uma intensidade que só ela podia satisfazer. — Ela suspirou e aconchegou-se. — Serena Newport, *A Mulher de Chesterfield.*

Ela estava mais do que alegre com o champanhe, percebeu Jordan. Estava praticamente embriagada. — Kasey, estás com os copos — disse ele, divertido.

— Bem dito — concordou ela. — Vocês escritores têm bastante jeito

0

para as palavras. — Aproximou a boca da dele. — Vais aproveitar-te da minha condição?

— Claro.

— Ah, ainda bem. — Colocou os braços em volta do pescoço dele.

— Começa agora.

O táxi encostou e Jordan desenleou-se. — Acho que é melhor pagar primeiro ao taxista.

— Detalhes. — Kasey saiu para o passeio com a ajuda do porteiro. O ar frio, ainda cheirando a neve, chicoteava-lhe as faces. Mas em nada contribuiu para lhe clarear as ideias. — Jordan. — Deu-lhe o braço quando ele chegou ao pé dela. — Acabo de me lembrar de uma coisa que me disseste no táxi sobre o barómetro da Serena. Isso quer dizer que lês os livros dela?

— Claro que leio os livros dela. — Jordan conduziu Kasey através das portas e do átrio do hotel. — Isso surpreende-te?

— Estou pasmada.

— O que é de pasmar é que consigas aguentar-te de pé — ripostou ele, premindo o botão do elevador.

— Mas, Jordan, tenho dificuldade em imaginar-te a ler *A Mulher de Chesterfield.* — Kasey deixou-se arrastar para dentro do elevador.

— Porquê? — Ele premiu o botão do andar correspondente e puxou-a para os braços. — Citando o Germaine, ela é uma óptima contadora de histórias.

Jordan começou a beijá-la com uma fome rápida e desesperada que a fez perder o equilíbrio. Ela ficaria tonta, mesmo sem o champanhe. Kasey sentiu a seda fria contra a pele quando ele passou a mão pelas suas costas. Foi aquecendo lentamente, até ficar totalmente rendida nos braços dele. Paixão temperada com vinho efervescia com o toque dele. A boca dela era macia sob a dele, e a língua dele entrou em busca da dela. As coxas dela estremeciam com desejo e a cabeça não parava de girar. Ela estava zonza, excitada e mole. Já não conseguia agarrar-se e entregou-se por completo.

— Céus, Kasey. Nunca vi um elevador tão lento. — Enterrou a cara nos cabelos dela e tentou recuperar a própria sanidade. Ela estava tão maleável, tão completamente disposta a que ele a amasse; Jordan sentiu-se incrivelmente forte. Nunca pensara que até a fraqueza dela o pudesse excitar quando tinha sido precisamente a força que o atraíra a princípio.

A porta do elevador abriu-se e ele conduziu-a pelo corredor.

— Jordan. — Kasey virou-se de novo para ele, encostando-se com o rosto levantado. Os olhos dela estavam turvos, mas percebia-se o sorriso.

— O que foi?

— Lembras-te o que o Chesterfield faz à Melanie no capítulo oito mesmo antes de o navio ser atacado pela fragata britânica?

Ele sorriu, lembrando-se muito bem. — Sim, por acaso, lembro-me. Porquê?

— Bem… — Kasey pôs de novo os braços em volta do pescoço dele. — Estava a pensar… uma ideia puramente académica… se a ficção poderia ser transposta para a realidade. Estou a pensar fazer um artigo sobre o assunto.

— E gostavas que eu te ajudasse a testares a tua teoria?

— Exactamente. — Passou uma mão pelo cabelo dele. — Importas-te?— No interesse da academia, posso deixar-me persuadir. — Tomou-a nos braços. — Não começava mais ou menos assim? — Enfiou a chave na fechadura e levou-a para dentro.

9

Ela ainda estava a dormir quando ele acordou. Jordan sentiu imediatamente o calor dela e o suave toque dos cabelos dela no seu ombro. O quarto ainda estava pouco iluminado, com as pesadas cortinas corridas, mas uma vista de olhos ao relógio informou-o de que já era manhã. Jordan tinha uma reunião marcada para daí a pouco mais de uma hora. Com um suspiro, olhou para Kasey.

Nunca vira ninguém dormir tão profundamente. Afastou-lhe o cabelo da testa. Ela nem se mexeu.

Jordan pensou em como ela fora na noite anterior; a sexualidade sonolenta, o riso rouco, os olhos pesados. Se ele fosse um homem fantasioso, teria achado que se tratava de uma bruxa. Ela tinha algo do outro mundo. Cada vez que tinha algum poder sobre ela, acabava por ser apanhado pelo dela. Mas naquele momento, enquanto dormia, ela era como qualquer outra mulher. Naquele momento era apenas uma mulher a descansar de uma noite de champanhe e amor. Por isso, como é que, mesmo assim, ainda o atraía? Enquanto dormia, não podia lançar-lhe nenhum olhar sedutor nem aqueles olhares que eram simultaneamente convidativos e o desafiavam.

E, ainda assim, sentia-se atraído por ela. Beijou-a nos lábios.

O beijo foi suave e Kasey não se mexeu. Ele tinha desejado aquilo: acordar ao lado dela. Acordá-la. Os lábios dela eram tão macios que ele achava que podia perder-se neles. Murmurou o nome dela e beijou-a de novo. O rosto dela era pálido sem a maquilhagem e tinha meia dúzia de sardas sobre o nariz. Beijou-lhe a face, e com a mão procurou-lhe o seio.

Ela não acordou, não se mexeu, mas suspirou no sono como se estivesse a sonhar com ele. Jordan encontrou a pulsação no pescoço dela com os lábios e sentiu-a lenta. A sua estava a começar a acelerar.

Acariciou-a docemente, sentindo a paixão aumentar. Conhecendo a excitação da possessão, percorreu-a com a mão de cima a baixo. A pele no interior das coxas era suave como água. Jordan gemeu, atordoado com o desejo que sentia por ela.

Levou a boca à orelha dela, à têmpora, e depois regressou à boca para a beijar com fervor. Kasey acordou lentamente do sonho e moveu os lábios sob os dele com um gemido baixo. O coração dela disparou subitamente sob a mão dele. Ele penetrou-a antes de ela estar totalmente acordada, conduzindo-a a uma paixão tão delirante como a sua.

Kasey estava de novo aninhada nele, braços bem apertados, cabeça pousada no ombro. Suspirou e beijou onde os lábios chegavam com facilidade. — Bom-dia — murmurou.

Ela conseguia arrancar algo de primitivo nele que ele não tinha a certeza de lhe agradar. Jordan nunca experimentara o grau de paixão que ela conseguia extrair dele. O riso na voz dela era irresistível. — Bom-dia. Como te sentes?

— Humm… maravilhosamente. — Aconchegou-se mais a ele. — E tu? — Óptimo, mas não era eu que estava a cambalear ontem à noite.

— Afastou-se apenas o suficiente para conseguir olhar para ela. Os olhos dela estavam límpidos. A covinha na bochecha surgiu quando ela sorriu.

— Nada de ressaca? Tens direito a uma.

— Eu nunca tenho ressacas. — Beijou-o ao de leve. — Recuso-me a acreditar nelas. — Rolou até ficar encostada ao peito dele a olhar para ele. — Já pensaste na quantidade de chatices que podiam ser evitadas se simplesmente não acreditássemos nas ressacas?

— Uma teoria interessante.

— Tenho dúzias delas.

— Já reparei. — Sorriu e passou um dedo pela face dela. — A tua teoria ontem à noite foi particularmente interessante.

Kasey riu-se e encostou a testa ao peito dele. — Funcionou.

— Lindamente.

— Vamos contar à Serena? — Levantou novamente a cabeça e os olhos estavam vivos com humor.

— Acho que não.

Kasey beijou-o de novo, mais lentamente. — Lembras-te de eu te ter dito uma vez que tinhas um corpo estupendo?

— Sim. Recordo-me de ter ficado surpreendido na altura. Mas nessa altura não te conhecia tão bem.

Kasey suspirou ao sentir as mãos dele descerem até às ancas. — Ainda acho. —Encostou a cara ao peito dele. Sentia uma alegria que nunca sentira antes. — Hoje tens reuniões, não tens?

— Sim. Tenho uma… — Levantou o braço para olhar para o relógio.

— Daqui a cerca de meia hora. Vou chegar atrasado.

— Se estivéssemos nas Fiji, podíamos ficar assim o dia todo e não ias precisar de nenhum relógio — murmurou ela.

— Se estivéssemos nas Fiji, não terias tido a tua neve — retrucou ele.

Kasey suspirou de novo e fechou os olhos. — És tão lógico, Jordan. É uma das coisas de que mais gosto em ti.

Ele ficou calado por um momento. Ela não lhe falava em amor desde o primeiro dia em que lho confessara. Jordan desejara ouvi-lo de novo para poder explorar a própria reacção. Naquele momento sentiu-a começar a adormecer outra vez.

— Não gosto de te deixar sozinha — murmurou.

— Há milhares de pessoas ali fora. — Kasey bocejou e aninhou-se sob as cobertas. — Não vou estar sozinha.

— Preferia estar contigo.

— Não te preocupes comigo, Jordan. Vou procurar uma sweatshirt e umas calças de ganga para a Alison. Alguma coisa barata e simbólica com que ela possa andar à vontade em casa.

— Para fazer esculturas de lama? — Sentiu um sorriso formar-se-lhe novamente nos lábios.

— Hum-hum. — Ela sorriu, lembrando-se da expressão na cara dele no primeiro dia em que ela e Alison as tinham feito. — E quero ver todas as decorações de Natal. Vou divertir-me muito mais do que tu.

— Podes interromper a tua agenda para ires almoçar comigo?

— Talvez. Onde?

— Onde gostavas de ir? — Ele sabia que já devia estar a vestir-se, mas não conseguia mexer-se.

— No Rajah — disse ela, sonolenta. — Na Forty-eight Street.

— Então, às duas.

— Ok. Eu trouxe o meu relógio? — perguntou-lhe ela.

— Nunca te vi de relógio.

— Trago-o dentro da mala para não me sentir intimidada.

Ele beijou-lhe o cimo da cabeça. — Tenho de me levantar. Se ficar

muito mais, vou ter de fazer amor contigo outra vez.

Ela levantou o rosto, e os olhos estavam meio fechados. — Prome-

tes? Ele puxou-a para os braços.

…

—Vinte minutos atrasado. — Agnes olhou irritada para o relógio.

— Não é nada teu costume, Jordan.

— Desculpa, Agnes. — Jordan instalou-se numa cadeira de pele. Ag-

nes estava sentada atrás de uma secretária de dois metros apinhada de ma-

nuscritos e memorandos. Jordan sempre achara que, sentada atrás daquela

mesa, ela parecia um general a planear uma batalha.

— Bem. — Ela viu o humor nos olhos dele e recostou-se, batucando

com um lápis no lábio. — Espero que tenha valido a pena.

Jordan levantou uma sobrancelha e não disse nada. Agnes não espe-

rara outra coisa. Nunca fora capaz de o apanhar. *Um sujeito muito contro-*

lado, pensou ela. Lembrou-se da mulher animada que ele levara à festa da noite anterior. Uma combinação interessante.

— Acerca da tua colaboradora — começou Agnes, desviando alguns

papéis. — É tão boa como te fizeram crer?

— Melhor — disse-lhe ele.

Ela anuiu com a cabeça. — Então é dinheiro bem aplicado.

— Quero que ela fique com uma percentagem dos direitos.

— Uma percentagem dos direitos? — Agnes franziu o sobrolho e ajeitou-se na cadeira. — Contrataste-a por um montante fixo.

— Ela também vai receber isso. — Jordan recostou-se e entrelaçou os dedos.

— Jordan, o montante que lhe vais pagar é bastante generoso. — A voz dela era paciente. — A tua vida pessoal é uma coisa, mas negócio é negócio.

— Isto é negócio — replicou ele. A voz de Jordan também era paciente, mas firme. Agnes reconheceu o tom e reprimiu um suspiro. Para além de ser controlado e cauteloso, ele era teimoso e ela sabia disso. — Quando redigimos o acordo original, nunca pensei poder extrair tanto dela. Agnes, o livro é quase tanto dela quanto meu. Ela tem direito a lucrar com ele.

— Ética. — Agnes suspirou. — Tens um carácter tão recto, Jordan.

— Também tu, Agnes. — Sorriu para ela. — Ou não serias minha agente.Agnes encolheu os ombros. — Que percentagem tinhas em mente?

…

Kasey mexia-se com dificuldade na Gimbel's e estava a adorar. Tinha dado de caras com uma promoção e levava três sweatshirts e dois pares de calças. Compras era uma coisa que ela raramente fazia, mas quando fazia, fazia-o apaixonadamente. Era capaz de gastar trezentos dólares num vestido sem quaisquer remorsos e regatear furiosamente por causa de uma camisola de cinco dólares. Passava com dificuldade por entre as multidões

e vasculhava alegremente pechinchas de loja em loja.

Ao passar por uma montra, detectou um unicórnio de estanho de dois centímetros e meio de altura e correu para dentro da loja para perguntar o preço. Um rugido no estômago lembrou-a das horas e ela começou a revistar a mala à procura do relógio.

— Seis e vinte e sete — murmurou por entre dentes, franzindo o sobrolho. — Não me parece. — Voltou a enfiá-lo na mala e sorriu para o empregado que estava a embrulhar o unicórnio. — Sabe dizer-me que horas são?

— Uma e cinquenta. — Respondeu ele ao sorriso.

Decidindo que conseguia fazer vinte quarteirões em dez minutos em passo acelerado, pôs-se a caminho sem chamar um táxi. Quando chegou ao Rajah, tinha as bochechas vermelhas e os olhos brilhantes. Atravessou o pórtico elaborado e entrou.

Foi recebida pelo calor. Era uma sensação maravilhosa depois do frio cortante, e ela tirou as luvas e enfiou-as na mala.

— Senhora.

Sorriu para o recepcionista. — Jordan Taylor.

— O Sr. Taylor acabou de chegar. — Fez-lhe uma vénia. — Por aqui, por favor.

Três horas de compras sem ter tomado o pequeno-almoço tinham-na deixado faminta. Jordan viu-a aproximar-se e levantou-se.

— Olá. — Beijou-o e depois deixou-o ajudá-la a despir o casaco.

— Estou a ver que estavas a falar a sério sobre as compras — comentou ele, olhando para o saco antes de ela o enfiar debaixo da mesa.

— Completamente — concordou ela enquanto se sentava. — Comprei-te um presente. Podes abri-lo depois de eu ver o cardápio. Estou esfomeada.— Queres primeiro um pouco de vinho? — Fez sinal ao empregado que estava ao seu lado enquanto Kasey examinava a lista.

— O caranguejo de Goa é sempre bom. E a espetada de Barra também. — Pousou o cardápio e sorriu. — Acho que vou querer os dois. Andar às compras abre-me o apetite.

— Parece que tudo te abre o apetite — comentou Jordan ironicamente. Segurou-lhe na mão, sentindo necessidade de lhe tocar. — Já te vi comer. É espantoso. — Levou a mão dela aos lábios. — Compraste-me mesmo um presente?

— Sim. Está no saco com as sweatshirts da Alison. — Kasey esticou o braço para o procurar e pegou na caixa. — Podes abri-lo se prometeres encomendar imediatamente a seguir.

— De acordo. — Ele levantou a tampa da caixa e destapou o unicórnio. — É para dar sorte — disse-lhe Kasey quando o empregado apareceu com o vinho. — Nada pode dar errado com um unicórnio. Estive quase para te comprar um autocolante com uma frase obscena, mas não me pareceu que ficasse muito bem no teu Mercedes.

— Kasey. — Emocionado, ele pegou de novo na mão dela. — És muito querida. — Jordan provou o vinho e acenou afirmativamente com a cabeça. — Para a senhora é caranguejo de Goa e espetada de Barra. Eu quero caril de peixe.

— Quanta fome tens? — perguntou ela quando o empregado se re-

tirou. — Alguma. Porquê?

— Estava a pensar se poderia provar um bocado do teu peixe. — Kasey sorriu quando ele se riu e enfiou a pequena caixa no bolso.

— Então compraste um unicórnio para mim e camisolas para a Alison. Compraste alguma coisa para ti?

— Não. —Kasey afastou o cabelo dos olhos, pousou os cotovelos na mesa e apoiou o queixo nas mãos. — Havia uns brincos na loja onde comprei o unicórnio, umas gotinhas cintilantes em ouro, mas não quiseram regatear o preço. Eu estava com vontade de regatear. E fiquei com fome.

— Sorriu e pegou no copo de vinho. — Como correu a tua reunião?

— Bem. — Tinha considerado discutir os direitos com ela e decidira não o fazer. Ela poderia objectar, citando o argumento de Agnes sobre o acordo original e, de qualquer forma, ele não queria que os negócios se intrometessem no tempo que passavam juntos. Só lhes restava uma noite. — Tenho outra às quatro com o Germaine. Ele vai provavelmente pedir-me para usar a minha influência para te convencer a escrever o tal livro. Kasey riu-se e abanou a cabeça. — Acho que a escrita está segura nas tuas mãos. Mas dá-lhe os meu cumprimentos.

— O que gostarias de fazer esta noite? — Colocaram um cesto de pão à frente deles e Kasey atacou-o imediatamente. — Gostavas de ver uma peça?

— Humm… um musical. — Untou profusamente o pão com manteiga e ofereceu-lhe um bocadinho. Jordan abanou a cabeça, sorrindo quando ela deu uma enorme dentada. — Alguma coisa com muitas luzes

e um final feliz.

— Encontramo-nos no hotel às seis?

Kasey anuiu com a cabeça e depois pegou noutro pedaço de pão.

— Ok. — Semicerrando os olhos, calculou o tempo entre as seis e o início do espectáculo. Sorriu sobre o rebordo do copo. — É melhor planearmos um jantar tardio.

…

Kasey estava a sonhar. Era um sonho familiar, demasiado familiar, e a sua mente lutava para o rejeitar antes que este a dominasse. Estava sozinha, repentinamente largada num mar branco puro dentro de um pequeno barco. Ela sabia o que iria acontecer em seguida e tentou afastar a imagem. Mas não foi suficientemente forte.

O barco começou a oscilar quando o vento aumentou de intensidade, mas ela não tinha vela nem remos para se orientar. Tanto quanto a vista alcançava, só havia água. Não havia hipótese de nadar até terra. Estava perdida, sozinha e com medo. Era apenas uma criança.

Quando viu o navio vir na sua direcção, gritou, cheia de esperança. O avô estava ao leme e, erguendo uma mão, atirou-lhe uma bóia salva-vidas. Antes que ela conseguisse alcançá-la, surgiu outro navio à direita. O movimento dos dois navios fez o pequeno barco começar a oscilar perigosamente. A água atingia-lhe o rosto e depressa encheu o barco até à altura dos tornozelos. Ela estava no meio enquanto cada navio tentava puxá-la para bordo.

Kasey não conseguia alcançar a bóia do avô. As ondas faziam-na

desequilibrar-se dentro do barco até ela gritar de frustração e lhe pedir que a fosse buscar. Ele abanou a cabeça e recolheu a bóia. Ela estava muito mais próxima do segundo navio. Mas as ondas eram cada vez maiores e atiraram-na para dentro de água. O mar tapou-lhe a cabeça, a luz.

— Não!

Sentou-se subitamente na cama, tapando a cara com as mãos.

— Kasey. — O grito dela tinha acordado Jordan. Ele tocou-lhe e viu que ela estava gelada e a tremer. — O que se passa?

— Foi só um sonho. — Ela tentava controlar-se. — Estou bem, não foi nada.

A voz dela tremia tão desesperadamente como o corpo e, embora ela resistisse, ele puxou-a para perto. — Não estás nada bem. Estás gelada. Agarra-te a mim.

Kasey queria fazer o que ele dizia, mas estava com medo. Já dependia demasiado dele. Sempre tinha enfrentado sozinha o sonho, e era o que ia fazer. — Não, eu estou bem.

A voz tornou-se mais ríspida quando ela se libertou dos braços dele.

Levantou-se da cama e vestiu o robe. Quando Jordan acendeu o candeeiro da mesa-de-cabeceira, ela começou à procura dos cigarros. Ele continuou a observá-la enquanto pegava no próprio robe. A cara dela tinha perdido toda a cor, e os olhos estavam escuros de medo. Kasey tremia da cabeça aos pés, e a respiração ainda era irregular.

Quando encontrou o maço, tirou com dificuldade um cigarro.

— Sou uma cientista; sei o que é um sonho. — Tapou a boca com a mão

ao ouvir a insegurança na própria voz. Tinha os dentes a bater. — Uma sequência de sensações, imagens e pensamentos que passam pela mente adormecida de uma pessoa. Não é real. — Pegou no isqueiro de Jordan, mas a mão tremia-lhe e ela não conseguiu acender o cigarro.

Jordan aproximou-se silenciosamente dela. Pegou no cigarro e no isqueiro que ela tinha na mão e pousou-os na mesa. — Kasey. — Colocou as mãos nos ombros dela, sentindo-a estremecer convulsivamente sob as palmas. — Pára com isso. Deixa-me ajudar-te.

— Daqui a nada já estou bem. — Ela retesou-se quando ele a abraçou de novo. — Jordan, por favor. Não suporto desmoronar desta forma. Odeio.— Tens de enfrentar tudo sozinha? — Jordan acariciou-lhe as costas, tentando aquecê-la. — Precisares de consolo torna-te fraca? Se eu precisasse de ser abraçado, tu viravas-me as costas? Kasey, deixa-me ajudar-te.

Com um soluço, ela agarrou-se e encostou o rosto ao pescoço dele.

— Oh, Jordan! Assusta-me tanto como da primeira vez.

Sem dizer nada, ele pegou-a ao colo e levou-a de volta para a cama. Deitou-a e abraçou-a com força. — Já o tiveste outras vezes?

— Desde criança. — A voz dela era abafada contra o peito dele. Ele conseguia sentir o bater acelerado do coração dela. — Já não o tenho com muita frequência. Às vezes passam-se anos sem o ter. — Fechou os olhos e tentou estabilizar a respiração. — Quando o tenho, é sempre a mesma coisa, sempre tão vívido!

Os tremores tinham diminuído, mas ele manteve-a bem segura nos braços. Kasey estava a despertar algo de novo nele: a necessidade de prote-

ger. — Conta-me.

Ela abanou a cabeça. — É uma tolice.

— Conta-me à mesma.

Ela manteve-se em silêncio por um momento e depois, com um suspiro, começou. A descrição foi sucinta e as palavras não transmitiram qualquer perturbação, mas ele conseguiu sentir a emoção subjacente. Era um sonho extremamente simples de perceber, mas, também, era o sonho de uma criança.

— Nunca o contei ao meu avô — continuou ela. — Sabia que o iria perturbar. Só tive este sonho duas vezes durante o tempo em que estive na faculdade. — A voz já estava mais firme e o abraço a Jordan menos desesperado. — Tive-o uma vez quando li um novo artigo sobre o processo de custódia que um jornalista tinha ido desenterrar quando um dos meus tios se recandidatou ao Senado. E, de novo, na noite anterior à entrega dos diplomas de curso. — Suspirou e sentiu o corpo relaxar.

— E desde então? — Jordan sentira o medo e a tensão desaparecerem. O corpo dela estava a aquecer.

— Mais algumas vezes. Uma vez, quando o meu avô estava com pneumonia no hospital. Apanhei um susto de morte; ele está sempre a transbordar saúde. Outra vez numa escavação. Tínhamos precisado de matar um cão raivoso. Partiu-me o coração. — Ela sentia-se segura e começou

a ficar outra vez com sono. Agora confiara-lhe os seus receios assim como o seu amor. Naquele momento sentia-se feliz por alguém cuidar de si. — Isso

foi há dois anos. Não sei o que provocou isto esta noite.

Jordan ouviu a voz dela engrossar e não disse nada. *Está quase a adormecer*, pensou ele olhando para o tecto. Ele não ia dormir. A sua mente estava demasiado ocupada com Kasey Wyatt.

Quando a conhecera, achara-a uma excêntrica determinada e com imenso carisma. Agora percebia que havia muito mais para além disso.

A respiração dela já era estável e tranquila. No dia seguinte regressariam a Palm Springs para terminarem o livro. Daí a algumas semanas, Kasey concluiria a parte dela. Depois ficaria por conta dele.

Estendendo o braço, Jordan pegou num charuto que estava em cima da mesa-de-cabeceira e acendeu-o. Fumou-o em silêncio enquanto escutava Kasey dormir profundamente.

10

Faltavam duas semanas para o Natal. Kasey sentia o tempo correr. A breve pausa em Nova Iorque tinha contribuído imenso para a acalmar. Já se sentia de novo no controlo da situação. Já era capaz de aceitar novamente o que tinha com Jordan, sem as dúvidas e o desconforto que se tinham vindo a acumular. Amava-o, precisava de estar com ele. Quando chegasse a altura de sofrer as consequências, sofreria. Ainda assim, desejava que o tempo não passasse tão rapidamente.

Por Alison, gostaria que o Natal chegasse rapidamente, mas por si, podia esperar. Depois do Natal viria o Ano Novo. E, com o novo ano, a hora de se ir embora.

Observar o simples prazer da criança ajudava-a a distrair-se dos problemas. Durante duas semanas poderia passar o tempo livre a alegrar o Natal da menina. A elegante grinalda e os sinos prateados que vira os criados desempacotarem não eram realmente Natal. Ela passara um só Natal formal na vida. Tinha-lhe bastado.

— Jordan! — Correu escada abaixo e irrompeu pelo gabinete de Jordan. — Tens de ver isto. Vem cá acima. — Estava a puxar-lhe o braço e a rir-se.— Kasey, estou ocupado.

— Pára um pouco — ordenou ela. — Trabalhas demasiado. — Inclinou-se e deu-lhe um beijo rápido e intenso. — É realmente magnífico. Vais adorar — garantiu ela. — Anda, Jordan! Estarás de regresso antes que a tua máquina de escrever dê pela tua falta.

Era difícil dizer-lhe que não em qualquer situação, mas quando ela

lhe estava a puxar o braço e a rir-se daquela forma, era impossível. — Está bem. — Jordan levantou-se e deixou-a arrastá-lo para as escadas. — O que é?

— Uma surpresa, claro! Sou doida por surpresas! — Quando chegaram ao andar superior, Kasey abriu a porta do quarto e fez-lhe sinal para que entrasse. Ele olhou e depois examinou o quarto em silêncio.

Havia fitas de papel vermelhas e verdes penduradas por toda a parte, entrelaçadas e de parede a parede. Ornamentavam a cama e emolduravam as janelas. Havia anjos de cartolina, Pais Natais e duendes pendurados em maçanetas de portas e uma meia de feltro vermelha a abarrotar de doces. Uma estrela dourada pendia do meio do tecto.

Jordan deu uma volta e virou-se de novo para Kasey. — Andaste a fazer redecoração?

— Não fui eu. — Pôs-se em bicos de pés e beijou-o de novo. Ficava encantada quando ele utilizava aquele tom seco. — Foi a Alison. Não é maravilhoso?

— Posso certamente afirmar que estou surpreendido. — Abanando a cabeça, Jordan olhou de novo em redor. — Posso realmente dizer que nunca vi nada semelhante.

— Devias ver a casa de banho — disse-lhe Kasey. — Está um espectáculo! Ele sorriu para Kasey e fez baloiçar um duende. — E, como é óbvio, disseste-lhe que adoraste.

— E adoro mesmo — replicou Kasey. — É uma das coisas mais bonitas que alguém já me fez. Ela queria que eu me sentisse em casa no Natal.

E agora sinto.

Jordan fez-lhe uma festa nos cabelos. — Se eu soubesse que fitas de papel te faziam feliz, também tinha feito algumas.

Kasey sorriu e abraçou-se ao pescoço dele. — Sabes fazer?

— Acho que conseguia desenrascar-me.

— Sabes fazer cordões de pipocas?

— O quê?

— Cordões de pipocas — repetiu Kasey, entrelaçando as mãos atrás do pescoço dele. — O que eu gostava mesmo de fazer na véspera de Natal eram cordões de pipocas para a árvore. E quero arranjar um cachorrinho para a Alison.

— Espera um bocado. — Jordan afastou-a. — Às vezes demoro um bocadinho a perceber as coisas.

— Diz apenas que sim a ambas e pensa na confusão que vamos evitar. Não suporto uma árvore sem cordões de pipocas, Jordan. É como se estivesse nua. E a Alison precisa de um cachorrinho.

— Porquê?

— Porquê o quê?

Jordan suspirou e esfregou a cana do nariz entre o polegar e o indicador. Como é que ela conseguia fazer aquilo tantas vezes? — Porque é que a Alison precisa de um cachorrinho?

— Primeiro, porque ela gostava de ter um. O que é uma boa razão. — Sorriu para ele. — E um cachorrinho seria uma companhia e uma responsabilidade para ela. O que achas de um cocker spaniel?

Jordan encostou-se à porta. — Sou forçado a admitir que nunca pensei muito em cães.

— Então, dá-me um minuto — sugeriu ela. — É uma raça meiga, boa para as crianças. Um animal de estimação é muito importante na infância, Jordan. Ter um ensina uma variedade de coisas…

— Espera. — Jordan levantou uma mão para a fazer calar. — Seria mais simples se eu dissesse simplesmente que sim e nos poupasse muito tempo.— Eu disse-te que eras lógico. — Kasey sorriu, satisfeita consigo própria. Jordan pôs as mãos nos ombros dela. — Também acho que é muito atencioso da tua parte.

— Também eu — disse ela descontraidamente. — Sou uma pessoa muito atenciosa.

— Pois és — disse ele, puxando-a para os braços. — Quer gostes ou não de ouvir, alteraste muito a vida da Alison… e a minha.

Ela não conseguiu dizer nada e encostou simplesmente a cabeça ao peito dele. *Amo os dois*, pensou ela fechando os olhos com força.

— Isso quer também dizer sim às pipocas? — perguntou-lhe ela. Sentia-se tão aconchegada nos braços dele, tão segura. Era impossível acreditar que em breve teria de os deixar.

— Acho que não ia suportar ver uma árvore de Natal nua.

Ela apertou-o. — Obrigada.

— Agora tenho eu um pedido a fazer-te.

Kasey ergueu o rosto em direcção ao dele e sorriu. — O teu timing é excepcional — disse. — Sou obrigada a dizer sim a quase tudo.

Ele beijou-lhe o nariz. — Talvez seja bom lembrares-te disso numa altura mais oportuna, mas por agora talvez tenhas reparado que a minha mãe tem andado a suspirar muito porque eu não fui a nenhuma das festas de Natal.

— Por acaso, reparei. — Kasey manteve a voz descontraída. — E também reparei o quão bem a ignoras — disse.

— Prática de uma vida inteira — disse Jordan secamente. — Mas vai haver um baile num clube no final da semana. Eu devia ir. Vem comigo.

— Estás a convidar-me para sair, Jordan?

— Parece que sim. — Ele riu-se subitamente e abanou a cabeça.

— Kasey, fazes-me sentir como se tivéssemos dezasseis anos. Vens comigo?— Eu gosto de dançar. — Ela entrelaçou as mãos atrás do pescoço dele. — Gostava de dançar contigo. — Deu-lhe um beijo, aprofundando-o lentamente até o ouvir gemer de prazer. — Acho que vou comprar um vestido novo — murmurou. — Tens alguma cor preferida?

— Verde. — A boca dele deambulou até ao pescoço dela. — Como os teus olhos.

Ela riu-se um pouco e encostou-se mais. — Jordan, há mais uma coisa que tenho de te dizer.

— Hum. O quê? — A boca dele cobriu a dela.

— A Alison — começou Kasey, aceitando o beijo. — Quando terminou aqui, foi para o teu quarto.

— Fez o quê? — murmurou ele, deleitado com o sabor de Kasey.

— Foi para o teu quarto.

— Para o meu quarto? — Afastou-se ligeiramente para olhar para ela.

— Meu quarto?! — Olhou, por cima da cabeça dela, para as tiras de papel e as figuras de cartolina. Com uma expressão de incredulidade estampada no rosto, olhou de novo para Kasey. — *Meu* quarto?

— Jordan, estás a repetir-te. — Kasey riu-se quando ele bufou longamente. Colocou os braços em volta da cintura dele e abraçou-o com força.

— Vais adorar — prometeu-lhe. — Vais ter um boneco de neve feito de esponja.

…

Na tarde seguinte, Kasey observava Alison a dedilhar a sua guitarra. Ainda o fazia de forma um pouco desajeitada, mas tentava com entusiasmo. Kasey relembrou a primeira vez que vira Alison rigidamente sentada ao piano a tocar Brahms com precisão e desinteresse.

Acabaram-se os olhos inexpressivos, pensou ela, e estendeu a mão para tocar no cabelo da menina. Como seria ter-se um filho? Abanou a cabeça. Estava a ficar demasiado sentimental e muito, muito apegada.

— Óptimo — disse a Alison quando ela terminou. — Aprendes depressa.— Achas que vou conseguir tocar tão bem como tu?

— Em breve tocarás ainda melhor. — Kasey sorriu e guardou a guitarra no estojo. — Eu tenho gosto pela música. Tu tens gosto e jeito.

— Antes não pensava assim. — Alison sentou-se ao piano e começou a tocar. — Agora posso tocar coisas no piano e na guitarra.

Kasey sorriu. — Alison, tenho de ir às compras. Queres vir comigo?

— Às compras? — disse Alison, entusiasmada. — Compras de Na-

tal? Eu já acabei as minhas, mas gostava de te ajudar com as que ainda te faltam.— As que me faltam? Eu ainda nem comecei!

— Nenhuma? — Alison esbugalhou os olhos. — Mas só faltam dez dias! — Tantos? — Kasey levantou-se e espreguiçou-se. — Bem, acho que posso começar com antecedência. Geralmente espero até à véspera. Adoro a confusão.

— Mas, e se não conseguires encontrar o que queres?

Como era parecida com Jordan, pensou Kasey. — É esse o desafio — disse-lhe. — Dou com os vendedores de saldos em doidos. — A ideia fê-la sorrir. — De qualquer forma, preciso de um vestido. E também podemos comer um hambúrguer. Deve haver um McFarden's algures por aí.

— McFarden's? — Alison franziu o sobrolho. Estava intrigada e desconfiada. *Tão parecida com o Jordan*, pensou Kasey novamente. — Nunca fui ao McFarden's.

— Nunca foste ao McFarden's? — Kasey fez um olhar excessivamente espantado. — Isso é completamente antiamericano — disse. Agarrou na mão de Alison e pô-la de pé. — Estás a precisar de uma aula de patriotismo! Algum tempo depois, Kasey estacionou num parque. — Eu disse-te que íamos encontrar um lugar. — Desligou o motor e enfiou as chaves no bolso. Alison saiu do carro e Kasey trancou-o cuidadosamente.

— Espero que o tio Jordan não se importe de termos trazido o carro dele. — Ele disse-me que o podia usar sempre que quisesse. — Kasey deu a volta ao capô do Mercedes.

— Mas é o Charles que costuma levar toda a gente excepto o tio Jor-

dan. — Para que é que havíamos de trazer o pobre do Charles? — retrucou Kasey. — Devemos ter ido a umas cento e trinta e sete lojas. — Empurrou as portas de vidro. — Estou faminta. Sabes há quanto tempo não como um hambúrguer?

Alison olhou em volta e ficou agradada com a multidão e o barulho.

— Cheira muito bem!

Kasey riu-se e puxou-a para a fila. — Cheirar não é comer. Sou doida por batatas fritas.

Alison olhou atentamente para a lista pendurada por cima do balcão e fixou uma fotografia de um hambúrguer. — Queria um daqueles. É bom?— Fantástico. — Kasey riu-se. — Esperemos que não tenhas mais olhos que barriga, Alison.

— É realmente grande — disse Alison quando encontraram uma mesa. Deu uma dentada e sorriu. — E é bom.

— Tens um gosto muito exigente. — Kasey atacou o seu. Fechou os olhos e suspirou. — Já tinha tantas saudades. Achas que conseguimos convencer o François a experimentar fazer uma coisa destas?

— Tu podias tentar — disse Alison, deglutindo uma batata frita.

— Porque dizes isso?

— Consegues convencer qualquer pessoa a fazer qualquer coisa.

Kasey riu-se e abanou a cabeça. — És uma pivetinha muito perspicaz, não és?Alison sorriu e provou o batido de leite. — Nuca vi nada como o presente que compraste para o tio Jordan.

— O pendente xamã? — Kasey mastigou pensativamente uma ba-

tata frita. — Foi um achado. — Estava elegantemente gravado e pintado.

Era apache. Kasey ficara tão entusiasmada por o encontrar que nem sequer pensara em regatear o preço. — Vai ajudá-lo a afastar espíritos malignos.

Alison devorava o hambúrguer. — Também gosto do vestido que compraste. O verde fica-te bem.

— Não costumo usar verde. É tão óbvio com a minha cor. — Recostou-se com o batido na mão. — Mas não me importo de ser óbvia de vez em quando.

— É muito elegante — disse-lhe Alison dando outra dentada no hambúrguer. — E discreto.

Kasey sorriu. — Mas eu gostava do outro, aquele de veludo amarrotado. — Veludo enrugado — corrigiu Alison, e deu umas risadinhas.

— O que for. Queres tarte de maçã?

Alison encostou-se na cadeira e respirou fundo. — Acho que não. E tu? — Não, se quiser caber dentro daquele vestido. O que me compraste para o Natal?

— É um… Kasey! — exclamou Alison.

— Pensei que te conseguia apanhar desprevenida.

— É suposto ser segredo. — Alison limpou escrupulosamente as mãos. — Dizer-te estragava tudo.

— A sério? — Kasey fez-lhe um sorriso ingénuo. — É por isso que tens andado furtivamente pela casa a espreitar os armários?

Alison corou e depois riu-se de novo. — Achei que podia abanar alguns embrulhos.

— Isso é uma história já muito antiga.

— O Natal é muito mais divertido contigo aqui, Kasey. — Os olhos estavam de novo sérios. — Vais ficar cá para sempre?

Kasey sentiu um aperto no coração. Como podia explicar à menina algo em que ela própria não queria pensar? — Para sempre é muito tempo, Alison. — Manteve a voz calma e o olhar fixo. — Terei de partir quando terminar o meu trabalho.

— Mas não podias ficar a trabalhar para o tio Jordan?

— Ele não precisa de uma antropóloga a tempo inteiro, Alison. E eu tenho o meu próprio trabalho. — Kasey viu a menina baixar os olhos de tristeza. — Amigas serão sempre amigas, independentemente do quão longe possam estar. Eu amo-te. — Estendeu a mão e pousou-a sobre a de Alison. — Isso não vai mudar.

— Vais voltar cá? — Alison ergueu de novo os olhos. — Vens visitar-me? *Não posso*, queria ela dizer. *Como podes pedir-me isso? Não compreendes como isso me faria sofrer?* — Podias tu ir visitar-me — disse. — Gostavas?— A sério? — O sorriso de Alison reapareceu. — E ao teu avô?

— Claro, o avô ia adorar. — Começou a empilhar as coisas no tabuleiro. — És muito mais bem-comportada do que eu alguma vez fui. Porque não vais deitar isto ali no balde?

Kasey aproveitou o momento a sós na mesa para se acalmar. Era melhor assim. Alison já estava a ser preparada. *E eu?* Fechou os olhos por um instante. *Disse que sofreria as consequências quando chegasse a hora. Tenho de manter isso.*

— Pronta? — disse ela, sorrindo para Alison quando esta regressou à

mesa. — Agora temos de encontrar uma estação de correios para eu poder enviar aquelas coisas para o meu avô. Achas ele vai gostar daquele gnomo com os dentes tortos?

Quando entraram em casa, Alison estava a rir, tentando carregar parte das compras de Kasey. — Vou ajudar-te a fazer os embrulhos — disse ela, agarrando numa caixa.

— É melhor primeiro levarmos tudo lá para cima. — Kasey pegou numa caixa e ergueu os olhos quando Beatrice desceu as escadas.

— Alison, o que tens andado a fazer? — Franziu o sobrolho ao ver o cabelo desgrenhado da criança.

— A Alison esteve a ajudar-me com as compras de Natal, Sra. Taylor.Beatrice olhou para Kasey. — Não gosto que leve a Alison daqui sem falar primeiro comigo. — Virou-se novamente para a neta. — Vai pentear esse cabelo, Alison. Estás um pavor.

— Sim, senhora.

Kasey viu-a subir obedientemente as escadas. Depois virou-se para Beatrice e disse calmamente: — Desculpe se a preocupei, Sra. Taylor. Mas não estava em casa quando saímos e eu disse à Mil icent o que íamos fazer.

Beatrice ergueu uma sobrancelha. — Não gosto de ser informada do paradeiro da minha neta por uma criada.

— Não me ocorreu que desse pela falta dela.

Beatrice enrubesceu. — Está a criticar-me, Menina Wyatt?

— Claro que não, Sra. Taylor. — Kasey tentava manter a conversa ra-

zoável. — Eu gosto da companhia da Alison e ela gosta da minha. Passámos uma tarde juntas. Lamento se ficou preocupada.

— Acho a sua atitude bastante impertinente.

— Só posso reafirmar que lamento — disse Kasey calmamente. — Bem, se me der licença, gostava de ir arrumar estas coisas.

— Seria sensato da sua parte se se lembrasse do lugar que ocupa nesta casa, Menina Wyatt. — Kasey parou e pousou os sacos. Parecia que a conversa ainda não tinha terminado. — É uma empregada paga para prestar um serviço e pode facilmente ser substituída.

— Estou aqui a trabalho, Sra. Taylor, e não sou empregada de ninguém a não ser que queira. — Calou-se por momentos. — Era só isso que tinha para me dizer?

— Não vou tolerar a sua insubordinação. — A mão de Beatrice agarrou com força o corrimão. Não estava acostumada a ser enfrentada de modo tão directo por alguém que considerava uma empregada. — Não vou tolerar a sua influência maléfica sobre a minha neta.

— Eu tinha ficado com a impressão de que o tutor da Alison era o Jordan. — *O que estou eu a fazer?* – pensou Kasey de repente. *Estou a envolver a Alison na discussão*. — Sra. Taylor — começou ela, procurando uma forma de aliviar a tensão para o bem da menina.

— O que se passa? — Jordan surgiu da sala de estar. Ouvira a discussão assim que saíra do gabinete.

— Esta mulher — começou a mãe, voltando-se para ele — é insuportavelmente grosseira.

Jordan ergueu uma sobrancelha. — Kasey? — perguntou, virando-se para ela.

— Talvez — concordou ela, e tentou relaxar os músculos.

— A Menina Wyatt resolveu desaparecer com a Alison durante a tarde toda e depois teve o descaramento de me criticar quando eu me mostrei preocupada.

Meio divertido e meio irritado, Jordan olhou de novo para Kasey.

— Estiveste ocupada, não?

— Só fomos fazer compras de Natal, tio Jordan. — Alison desceu apressadamente metade da escadaria e depois parou quando a avó se voltou para ela.

— Isto não é da tua conta, Alison. Volta para o teu quarto.

— Não acho que seja necessário. — Jordan passou pela mãe e estendeu uma mão a Alison. Ela desceu rapidamente os restantes degraus.

— Bem, pareces-me relativamente bem. Divertiste-te?

— Foi maravilhoso. — Alison sorriu para ele. — Fomos ao McFarden's.

— A sério? — Jordan olhou para Kasey. Conhecia-a suficientemente bem para ver para lá da expressão descontraída. Ela estava uma pilha de nervos por dentro e sentia-se magoada. O que teria sido dito antes de ele ter entrado? Sorriu para ela, querendo acalmá-la. — Podias ter-me convidado para ir também.

Kasey estava a tentar controlar os nervos. Ela sabia muito bem que a raiva não era a melhor forma de tratar com Beatrice Taylor. E seria

necessário tratar com Beatrice Taylor se ela queria manter um bom ambiente para Alison. Ajudou-a ver Alison debaixo do braço do tio.

— Estavas a trabalhar — respondeu ela. — E não achei que a ideia de andar a correr de loja em loja te agradasse.

— A Kasey comprou-lhe um presente, tio Jordan.

— Ah, sim? — Chegou a menina mais para ele, mas os olhos não se desviaram dos de Kasey.

— Biscoitos de chocolate — disse-lhe Kasey. — A Alison achou-os bonitos.

— É óbvio que pretendes dar pouca importância a este assunto — disse Beatrice.

— Mãe. Não há aqui qualquer motivo para preocupação. A Alison está óptima.

— Muito bem. — Anuiu com a cabeça e passou por ele escada acima.Kasey olhou para Alison, que estava a olhar para as costas da avó.

— Desculpe, tio Jordan. Não sabia que a avó ia ficar preocupada. Ela não estava quando saímos e por isso dissemos à Mil icent, para o caso de o tio perguntar por nós.

— Não fizeste nada de mal. — Jordan dobrou-se e beijou-a na face.

— A tua avó está provavelmente um pouco cansada do lanche de hoje, só isso. Precisa de descansar um bocado. Porque não levas estes sacos lá para cima?

Alison pegou nos sacos. — Vou levar papel de embrulho para o teu quarto — disse ela a Kasey.

— Obrigada. — *As crianças recuperam rapidamente*, notou ela.

Alison já estava mais preocupada com os presentes do que com a irritação da avó.

Jordan pôs as mãos nos ombros de Kasey assim que Alison desapareceu escada acima. — Também devo pedir desculpas? — perguntou ele em voz baixa enquanto aliviava a restante tensão dos músculos dela.

Kasey abanou a cabeça. — Não. — Suspirou. Estava ciente de que

00

era o facto de Beatrice não simpatizar com ela que tinha originado o confronto. Sentia-se responsável. — Coloquei-te numa situação embaraçosa. E à Alison também. Não era minha intenção, Jordan.

— Deixa-me tratar das coisas com a minha mãe — disse-lhe ele.

— Já o faço há muito tempo. E da próxima vez que saíres uma tarde inteira, convida-me — acrescentou. — Talvez tivesse gostado de andar de loja em loja e de ir aos hambúrgueres.

— Está bem. — Ela sorriu, acalmando-se. — Da próxima vez, convido. Ele começou a puxá-la, mas parou. Franziu o sobrolho. — Biscoitos de chocolate?!

0

11

Kasey parou à entrada da sala de estar. Demorara a arranjar-se para ir ao baile no clube de Jordan para garantir que Beatrice já saíra antes de descer.Ali parada, teve algum tempo para observar Jordan sem ser vista enquanto ele preparava bebidas no bar. O fato formal – um smoking preto de corte perfeito, camisa branca – ficava-lhe bem. *Mexe-se bem*, pensou ela. *Um homem habituado a roupas e salas elegantes. Contudo, ele tem tanto mais do que me pareceu à primeira vista. Mais profundidade, mais perso-nalidade, mais força. Se eu pudesse ter escolhido um homem por quem me apaixonar, não teria escolhido melhor.*

Respirou fundo e entrou na sala. — Parece que o meu timing foi perfeito. Jordan virou-se para a observar. O vestido era verde-escuro e justo, com um decote acentuado. Tinha uma racha de lado que abria e fechava à medida que ela caminhava.

— Em tempos achei que eras uma bruxa — murmurou ele. — Agora tenho a certeza.

Kasey tirou-lhe o copo da mão. — Gostas? — Sorriu e bebeu um gole.

— Jordan, apanhaste o jeito a fazer isto. Podias ganhar a vida assim.

— Sim, gosto. — Tirou-lhe o copo, pousou-o e depois envolveu-a nos braços. Deu-lhe um beijo longo, profundo que suplicava mais. — Está a passar-me pela cabeça trancar aquelas portas e ficar por aqui mesmo — disse ele passando ao de leve os lábios pela face dela.

— Ah, não! — Kasey sorriu e abanou a cabeça. — Convidaste-me para sair. Vais ter de me levar.

— Podíamos atrasar-nos. — Beijou-a de novo, demoradamente.

Quase não tinham tido tempo juntos desde que haviam regressado de Nova Iorque. — Já nos atrasámos noutras alturas.

Mas não aqui, pensou ela, flutuando com o beijo. *Aqui não estamos sós*. Soltou-se cuidadosamente dos braços dele. — Alguém me disse em tempos que chegar atrasado é falta de educação. Além disso, — pegou novamente no copo, — prometeste dançar comigo. Acho que deves dançar muito bem.

Passou pela cabeça de Jordan que não ia gostar de ter de a partilhar.

0

Mas afastou o pensamento. O ciúme era uma sensação nova para ele. — Está bem — concordou. — Convidei, está convidado.

Kasey segurou-lhe na mão enquanto se encaminhavam para a porta.

— A seguir podemos ir namorar para o carro? — perguntou ela.

— Adorava. — Ele sorriu e empurrou-a para fora.

…

Jordan tirou dois copos de um tabuleiro de um dos empregados. — Champanhe? — perguntou a Kasey.

— Claro. — Kasey pegou no copo e bebericou. — Isto aqui é lindo. Ainda bem que me convidaste.

Ele tocou com a borda do copo no dela. — À antropologia — murmurou. — Uma ciência fascinante.

Kasey deu uma gargalhada baixa e levou o copo aos lábios. Depois virou-se e viu uma morena esbelta num vestido branco quase transparente aproximar-se dos dois. Quando chegou ao pé de Jordan, pôs-se em bicos de

pés e deu-lhe um beijo na face.

— Jordan. Saíste finalmente da hibernação.

— Olá, Liz. Estás linda, como sempre.

— Estou espantada que ainda te lembres de como eu sou depois deste tempo todo. Passaram-se meses. — Sorriu e voltou-se para Kasey. Tinha olhos redondos e pele de veludo. Trazia um diamante perfeito numa corrente ao pescoço.

— Kathleen Wyatt. — Jordan tocou ao de leve no ombro de Kasey.

— Elizabeth Bentley.

— Kathleen Wyatt? — repetiu Liz. — O nome é-me muito familiar, mas ainda não fomos apresentadas, pois não?

— Não, não fomos. — Kasey fez-lhe um sorriso amistoso, apreciando o interesse sincero nos olhos dela. — Quer um pouco de champanhe? — perguntou, tirando um copo de outro tabuleiro. — É realmente muito bom. — Obrigada. — Liz olhou para o copo e depois de volta para Kasey. — A Kasey tem estado a trabalhar comigo no meu livro novo — explicou Jordan. Podia perceber que Liz estava simultaneamente confusa e intrigada.

— Ah, sim. — Finalmente fez-se luz. — O Harry Rhodes mencionou o seu nome num jantar uma noite destas. — Hesitou um momento. — Ele disse que você era extraordinariamente inteligente.

— Isso foi porque eu o venci no snooker. — Os olhos de Kasey cinti-

laram divertidos por cima do copo quando ela o ergueu de novo. — Você

joga? — Jogo o quê? Snooker? — Liz abanou a cabeça e franziu ligeiramente o sobrolho. — Não. Você é arqueóloga?

— Não, antropóloga. — Kasey sorriu e não conseguiu resistir. — Arqueólogo é quem estuda a vida e a cultura de povos antigos escavando cidades antigas, relíquias, artefactos. Um antropólogo é quem estuda raças, características físicas e mentais, distribuições populacionais, hábitos, relações sociais. — Bebeu mais um pouquinho de champanhe. — O seu vestido é maravilhoso — comentou, acenando com a cabeça a Liz. — É francês?

…

—Conseguiste confundir completamente a Liz — afirmou Jordan já na pista de dança com Kasey nos braços.

— A sério? — Kasey desencostou a face da dele e riu-se quando viu o olhar de esguelha dele. — É uma rapariga muito bonita, Jordan. E também muito simpática. Gosto dela.

— És rápida a fazer juízos.

— Habitualmente poupa-me tempo. — Sorriu enquanto ele a fazia deslizar pela pista. — Também disse que eras um dançarino maravilhoso — salientou ela. — E estava certa.

— Se eu te dissesse que nunca gostei tanto de dançar valsa, acreditavas? — Talvez. — Riu-se para ele.

— Vou ter de te deixar dançar com alguns homens que não conseguem tirar os olhos de cima de ti. E não vou gostar.

Ela ergueu as sobrancelhas. — São assim tantos? — perguntou, brin-

cando com ele enquanto tentava perceber o que sentira ao ouvir aquela afirmação.

— De mais. Entras numa sala e olham logo todos para ti. Incluindo eu. Kasey riu-se e abanou a cabeça. — Tens a imaginação fértil de um escritor, Jordan.

— E a de homem — murmurou ele. — Não consigo tirar-te da cabeça. Ela olhou fixamente para ele, esquecendo a música que dançavam e as pessoas que dançavam com eles. — E queres?

Jordan não conseguiu desviar o olhar. — Não sei. — Não conseguia pensar convenientemente quando a tinha nos braços, assim encostada a

0

si. — Gostava que sim. Chega dizer-te que nunca houve uma mulher tão importante para mim como tu?

Era um passo cauteloso e Kasey não o levou adiante. Tocou-lhe com os dedos no rosto. — Sim, Jordan.

Kasey nunca esteve sozinha durante toda a noite. Despertava interesse onde quer que estivesse. Agradava-lhe responder às perguntas que lhe faziam e às insinuações sedutoras. Gostava tanto da elegância e do glamour como gostava de ir ver um filme ao cinema da esquina. Pipocas com manteiga ou champanhe, era tudo parte da vida.

— Menina Wyatt.

Kasey afastou-se de uma conversa com um casal entusiasta de vela e sorriu para Harry Rhodes. — Olá, Harry. Prazer em vê-lo.

— O prazer é todo meu. Está linda.

— O senhor também. — Tocou na lapela do fato. Ele pigarreou.

— Queria dizer-lhe o quanto gostei do livro que me emprestou.

— Sempre às ordens, Harry. — Ele tinha uma cara simpática, pensou ela. Jordan tinha sorte em tê-lo como amigo.

— Estive a treinar, sabia? Vou desafiá-la para outro jogo de snooker.

— Gostaria imenso. — Kasey sorriu. — Desta vez temos de tentar oito bolas.

— Menina Wyatt… Kathleen… Kasey — decidiu ele, quando o sorriso dela aumentou. — É assim que o Jordan a trata, não é?

— É assim que todos os meus amigos me tratam.

Harry ajeitou os óculos e sorriu. Os olhos dele eram bondosos, pensou ela, como os do pequeno ursito que ele lhe fazia lembrar.

— Kasey, importava-se de conceder uma dança a um velho professor senil?— Não vejo aqui nenhum. — Kasey pousou o copo e deu-lhe a mão.

— Mas adorava dançar consigo, Harry.

— O Jordan é um homem de grande sorte por tê-la encontrado — disse-lhe ele quando se dirigiam para a pista.

— Mas foi o Harry que me encontrou, não foi?

— Então tenho de me congratular a mim próprio. — Ele gostava da covinha na bochecha dela e da forma como os caracóis lhe caíam desordenados em volta do rosto. — Espero que o Jordan esteja satisfeito consigo.

— Ele é um homem muito generoso, não é? Generoso, amoroso e carinhoso.

— Sabe, ele adorava o irmão. — Harry deu um suspiro. — Eram mui-

to chegados. Al en, o pai, era um grande amigo meu. Morreu alguns anos antes, e a Beatrice nunca foi uma mulher maternal. Uma excelente anfitriã, bem sei — acrescentou. — Mas não foi feita para a maternidade. Os rapa-

0

zes eram uma dupla e tanto. Um bocado desvairados de vez em quando, mas…— Desvairado? — interrompeu Kasey com uma gargalhada de surpresa. — O Jordan?

— Teve os seus momentos, minha querida. — Recordando-se de alguns, Harry decidiu que seria mais discreto não os pormenorizar. — Foi muito difícil para o Jordan quando perdeu o irmão. Eram gémeos.

— Não sabia. — Perder um irmão já era complicado, mas perder um gémeo devia ser como perder parte de si próprio, pensou ela. — Ele nunca falou comigo sobre o assunto.

— Ele fechou-se bastante depois do que aconteceu. Só muito recentemente é que o vi abrir-se de novo. — Harry olhou para Kasey. — Graças a si. Gosta muito dele, não gosta?

Kasey fitou-o directamente nos olhos. — Estou apaixonada por ele.

Harry acenou com a cabeça. Já não se surpreendia com a franqueza dela. — Ele precisava de alguém assim para o devolver de novo à vida. Se ele não tiver cuidado, pode transformar-se num velho solteirão enrugado como eu.

— O Harry é um homem lindo. — A música parou e Kasey beijou-lhe a face, abraçando-o por um momento.

— O que é isto? — Jordan aproximou-se deles e pôs um braço em

volta dos ombros de Kasey. — Viro costas por um minuto e já estás embrulhado com a minha convidada? Pensava que podia confiar em ti, Harry.

Harry corou e pigarreou. — Não quando se trata desta senhora, meu caro. Faço parte da competição. E ainda não perdi o jeito — anunciou antes de se afastar.

— O que é que lhe fizeste? — Confuso, Jordan observou o andar bamboleante de Harry. — Acho que ele estava a falar a sério!

— Espero bem que sim. — Kasey virou o rosto de Jordan para si. — Ficavas com ciúmes? Isso seria um maravilhoso presente de Natal, Jordan.

— Ainda não estamos no Natal — replicou ele. — Vamos lá para fora antes que eu tenha de competir com mais alguém.

— A competição é uma coisa muito saudável — afirmou Kasey quando atravessaram as portas do terraço. — Em estudos com ratinhos brancos…Ele beijou-a com firmeza, interrompendo a palestra iminente. — Raios me partam se vou competir com ratos brancos — resmungou ele, puxando-a.

A mão estava no cabelo dela e a boca exigente. Kasey cedeu, sentindo que era daquilo que ele precisava. Beijou-o com suavidade e abraçou-o pelo pescoço. Uma submissão do momento; mais tarde haveria tempo para o

desafio, para a agressão, para o confronto de forças. Naquele momento ele precisava de algo diferente da sua parte. Era fácil render-se a ele quando conhecia o próprio poder. Sentiu o coração dele bater contra o peito.

Jordan afastou-a ligeiramente para a fitar nos olhos. — Quem és tu?

— disse por entre dentes. — Nunca sei quem tu és.

— Estás mais perto de saber do que a maioria — murmurou ela, virando-se para se encostar ao parapeito. — Isto aqui é lindo, Jordan. O ar é leve, e consigo sentir o aroma de… acho que é de lúcia-lima. — Kasey levantou a cabeça. — As estrelas estão próximas. — Suspirou e perscrutou-as. — Lá em casa eu costumava sentar-me horas a fio no campo a descobrir as constelações. O avô acabou por me comprar um telescópio. Eu ia ser a primeira mulher a ir à Lua.

— Mudaste de ideias? — Ouviu-se o clique do isqueiro e depois o aroma de tabaco no ar.

Kasey encolheu os ombros. Iria para sempre recordar aquele aroma.

— Tentei viver à base de comida desidratada durante uma semana. É um pavor. — Ele riu-se e ela apontou para o céu. — Ali está Pégaso. Vês? Ele voa na vertical. A cabeça de Andrómeda toca-lhe na asa. — Desceu a mão e suspirou. Sentia-se agradavelmente sonolenta. — Maravilhoso, não é? Aquelas imagens todas ali em cima. É confortante saber que vão ali estar amanhã.

Jordan aproximou-se para lhe tocar no ombro. A pele dela era macia e estava ligeiramente fria do ar nocturno. — É por isso que investigas o passado? Porque é uma ligação ao futuro?

Ela encolheu outra vez os ombros. — Talvez.

Jordan atirou fora o charuto e puxou-a de novo. Kasey pousou a cabeça no ombro dele. — Dança comigo outra vez, Jordan — murmurou.

— A noite está quase a acabar.

12

Véspera de Natal. Magia. Kasey queria magia. Tinha palmeiras em vez de neve, mas já tinha passado outros Natais sem neve. Desta vez tinha algo mais valioso. Passaria o dia com o homem que amava e com uma criança que pulava de excitação. Era magia suficiente para si.

Estava ciente de que o seu trabalho estava concluído, ou, pelo menos, quase concluído. Jordan passava cada vez mais tempo a trabalhar sozinho. Aquilo em que ela naquele momento o auxiliava podia perfeitamente ser feito por carta ou por telefone. Kasey estava a adiar a partida e sabia que, consciente ou inconscientemente, Jordan também o estava a fazer. Quando acabasse a quadra festiva, ela faria os seus planos, as malas e depois informá-lo-ia. Por essa ordem. Seria melhor se estivesse já tudo preparado antes de as palavras serem proferidas.

Com um plano firme em mente, sentia-se melhor. Disse a si mesma que tinha direito a uma semana. No primeiro dia do ano, afastar-se-ia dele, de Alison e recomeçaria a sua vida. Era uma mulher forte; já tinha enfrentado outras perdas. Mas agora era Natal e ela tinha uma família, mesmo que por apenas mais uma semana.

Sentou-se no tapete da sala a observar Alison vasculhar o monte de presentes debaixo da árvore de Natal. A menina arrulhava como um pombo. O que seria isto? O que era aquilo? Quantas horas faltavam?

— Fizeste essa mesma pergunta há menos de uma hora — disse-lhe Jordan sentando-a no colo. — Porque não abrimos já tudo?

— Ah, não, tio Jordan! Não podemos! — Olhou para Kasey.

— Não, não podemos. O Pai Natal ficaria muito aborrecido — disse Kasey.Alison riu-se e aconchegou-se na curva do braço de Jordan. — Kasey, sabes que o Pai Natal não existe mesmo.

— Não sei nada disso. A menina é uma céptica.

— Sou? — Alison digeriu a palavra. Pegou numa pequena bola de vidro que continha um cenário de uma floresta em miniatura. Virou-a ao contrário e viu a neve cair. — Nunca tinha visto isto.

— Pois não. — Jordan tinha-se perguntado quando é que ela iria reparar. — Encontrei-a no sótão hoje de manhã. Era do teu pai quando éramos crianças.

— Verdade?

0

— Sim. Verdade. Pensei que talvez gostasses de ficar com ela.

— Para mim? — Alison agarrou na bola e olhou para ele.

— Para ti.

Alison olhou de novo para a bola de vidro e viu a neve pairar. — Ele gostava de neve — disse. — Quando vivíamos em Chicago, fazíamos batalhas de neve. Ele deixava-me ganhar. — Encostou-se ao peito de Jordan e virou a bola outra vez.

Kasey observava-os em silêncio. Ele tinha ido à procura de alguma coisa do pai de Alison para lhe oferecer pelo Natal. Se ela não o amasse já, apaixonar-se-ia naquele momento. *É um bom homem*, pensou. *Acima de tudo, é um bom homem*.

Levantou-se para lhes dar algum tempo a sós.

— Kasey? — Os olhos de Jordan ergueram-se até aos dela e fixaram-se.— Acho que ainda tenho algumas coisas para embrulhar — disse-lhe ela. Ele sorriu, percebendo-a.

— Não houve alguém que falou em fazer cordões de pipocas?

— Pipocas? — Os olhos de Alison iluminaram-se. — Para a árvore? — A Kasey disse-me que uma árvore não estava adequadamente ornamentada se não tivesse pipocas — afirmou Jordan. — O que é que achas?— Podemos ir fazer agora?

— Por mim, tudo bem, mas parece que a Kasey tem outras coisas para fazer. — Jordan mantinha os olhos nela, ainda sorrindo.

— Sou flexível — respondeu Kasey olhando em seguida para Alison.

— Precisamos de vários metros de fio e de três agulhas. Consegues tratar disso?— Também podemos comer algumas?

— Claro.

Alison levantou-se e saiu apressadamente da sala levando consigo a bola de vidro.

— Às vezes és tão transparente, Kasey. — Jordan levantou-se e aproximou-se dela. — Ias chorar e não querias fazê-lo à frente da Alison. Nem à minha.

— Foi maravilhoso, o que tu fizeste.

— A Alison esteve comigo no Natal passado e não me ocorreu nada disto. — Levantou o queixo de Kasey e beijou-a.

— Não me faças chorar, Jordan. É véspera de Natal.

— Já tenho! — Alison entrou a correr. Tinha uma caixa de agulhas e

um novelo de fio.

0

— Meio caminho andado. — Kasey dirigiu-se a ela e depois virou-se para Jordan. — Vens?

— Não perdia por nada.

Quando se aproximavam da porta da cozinha, Jordan disse: — Sabes, não sei se o François vai aceitar isto. A cozinha dele é sagrada.

— É canja — murmurou Kasey quando entraram.

François virou-se e fez uma pequena vénia. Não tinha o chapéu branco que Kasey esperara ver, mas tinha um bigode. — *Monsieur*. — Fez uma vénia a Jordan. — Em que posso ajudá-lo?

— François. — Jordan aguardou um momento. Já tinha assistido a vários ataques de nervos ao longo dos anos. — Precisamos de fazer uma coisa para a árvore de Natal.

— *Oui, monsieur?*

— Vamos fazer cordões de pipocas.

— Pipocas? Quer fazer essas pipocas na minha cozinha? — Antes que Jordan pudesse responder, François desatou a disparatar num francês indignado.

— François?

Ele virou-se e fez uma vénia rígida. — *Mademoiselle?*

Kasey sorriu para ele. — *Votre cuisine est magnifique* — começou ela, continuando a falar fluentemente em francês. Elogiou-lhe a comida, o fogão, as bancadas, provou a sopa que ele tinha ao lume enquanto ele se jun-

tava apaixonadamente à conversa. Kasey mostrou-se entusiasmada com a perfeição do material de cozinha e com os talheres.

Quando terminou, ele beijou-lhe cordialmente a mão, fez novamente uma vénia a Jordan e saiu da cozinha.

— Bem! — Jordan olhou para a porta fechada e depois de volta para Kasey. Viu-a pegar num tacho e colocá-lo sobre o fogão. — Onde é que aprendeste a falar francês dessa maneira?

— A minha companheira de quarto da faculdade era formada em línguas. Onde está o milho?

Ele aproximou-se dela, ignorando a pergunta. — O que é que lhe disseste? Sempre achei que o meu francês era bom, mas não percebi nada do que vocês dois disseram.

— Apenas umas coisitas. — Kasey sorriu. — Disse-lhe que tu querias que ele e o restante pessoal da cozinha tirassem a noite. Tens milho, não tens? Jordan riu-se e abriu um armário sob a bancada. — Consegui enfiá-lo aqui correndo grande risco.

— És um valente, Taylor. — Tirou-lhe o saco da mão. — Preciso de óleo. — Jordan fez sinal a Alison para que o fosse buscar e depois apro-

ximou-se e sussurrou uma rápida frase em francês ao ouvido dela. Kasey sorriu. — Estou chocada — murmurou. — Interessada, mas chocada. Acho que não te vou perguntar onde aprendeste isso.

Daí a instantes podia ouvir-se o milho a estourar. Alison estava sentada na mesa, de pernas cruzadas, a cortar cuidadosamente pedaços de fio.

Jordan estava sentado em frente a observá-la. Quando fora a última vez que ouvira aquele som? – indagou-se. Na faculdade? Não, em casa do irmão; há uns cinco ou seis anos. Talvez Kasey estivesse certa. Ele tinha-se isolado.

— Outra obra de arte — declarou Kasey, despejando as pipocas para dentro de uma taça. — Não falhou nenhum grão.

Jordan enfiou as mãos na taça. — Onde está a manteiga? — perguntou. A mão de Alison roçou na dele quando mergulhou também a dela.

— Agarrem numa agulha — disse-lhes Kasey.

Trabalhavam em constante algazarra. Alison matraqueava continuamente enquanto comia pipocas. O seu cordão não parava de crescer. A Kasey parecia que já faziam aquilo há muitos Natais e que iriam continuar a fazê-lo. Mas sabia que não era assim e estremeceu.

— Tens frio? — perguntou-lhe Jordan.

— Não. — Ela tentou afastar a sensação. — Foi só um arrepio. Não estás a sair-te lá muito bem, Jordan — disse ela para mudar de assunto.

— Preciso de incentivo.

— O meu vai ser o mais comprido — afirmou Alison. — Vai ter cem quilómetros de comprimento.

— Não ponhas o carro diante dos bois — avisou Kasey. — Como é que fazes isso, Jordan? — perguntou ela, observando-o com atenção. — É uma coisa natural ou adquiriste com a prática?

Jordan abanou a cabeça, confuso e divertido.

— Estou a falar de levantares a sobrancelha — explicou Kasey. — É maravilhoso. Adorava ser capaz de o fazer, mas as minhas funcionam em

simultâneo. Vamos fazer chocolate quente. — Levantou-se de um salto e começou a vasculhar os armários. Jordan largou o cordão e observou-a.

— Kasey, chega aqui um minuto.

— Jordan, preparar chocolate quente exige concentração e cuidado.

— Mediu o leite. Ele atravessou a cozinha, agarrou-a pelo braço e puxou-a até à porta. Apontou com um dedo para cima. Kasey sorriu ao ver o azevinho. — É verdadeiro? — perguntou.

— Sim — assegurou-lhe ele.

— Bem, nesse caso… — Tocou com os lábios ao de leve nos dele.

— Assim é como beijam nos filmes — comentou Alison, enfiando mais uma pipoca.

— Tens toda a razão — concordou Jordan antes que Kasey pudesse comentar. Puxou-a de novo para os braços e cobriu a boca dela com a sua. O beijo prolongou-se e a sua doçura fez Kasey ter vontade de chorar. Agarrou-se bem a ele. Recordar-se-ia daquele beijo acima de todos os outros.

— Assim foi muito melhor — afirmou Alison quando Kasey se afastou. — Terminei o meu cordão.

Mais tarde regressaram de novo à sala de estar. Alison aconchegou-se no sofá ao lado de Jordan com a guitarra de Kasey no colo. Kasey observava as cores das luzes da árvore iluminarem o rosto da menina que estava prestes a adormecer.

— Ela teve um dia longo — murmurou Kasey.

— Estou desejoso de ver a cara dela quando abrir amanhã os presentes. — Jordan tirou a guitarra dos braços de Alison e entregou-a a Kasey.

— O teu presentinho está bem escondido?

— O Charles está a guardar o meu presentinho na garagem e acho que não vai conseguir separar-se dele com facilidade. — Levantou-se. — Vou levar a Alison para cima e deitá-la na cama.

— Eu faço isso. — Jordan pegou na sobrinha e levantou-se. — Porque não pões uma musiquinha?

Quando ele já tinha saído, Kasey dirigiu-se ao armário que tinha a aparelhagem. Chopin, decidiu, examinando os álbuns. Era noite para romance.A casa estava em silêncio. Os criados já se tinham recolhido. Beatrice estava numa festa. Parecia que só estavam os três em casa. Kasey suspirou ao colocar o disco no gira-discos. Pelo menos naquela noite podia fingir que era verdade. Deslocou-se até à janela, abriu as cortinas e olhou lá para fora. A Lua estava cheia, a noite límpida. Encontrou Pégaso de novo e ficou a admirá-la. Quando ouviu as portas fecharem-se silenciosamente, virou-se. Viu Jordan trancá-las.

— Ela ficou bem? — O seu coração estava a começar a acelerar. *Tola*, pensou. *Até parece que é a primeira vez que estou com ele.*

— Ficou muito bem. Nem sequer acordou. Tu também dormes assim. — Jordan atravessou a sala e pousou sobre o bar a garrafa de vinho que trazia. — Profundamente, como uma criança. — Abriu o vinho e depois dirigiu-se à lareira a gás. Ajoelhou-se e acendeu-a. — Agora podes fingir que está a nevar. — Sorriu para ela.

— Tu consegues ler-me os pensamentos, não consegues?

— Às vezes. — Depois de servir dois copos, regressou para a frente da

lareira e sentou-se. Estendeu-lhe uma mão. Kasey segurou-a e instalou-se ao lado dele. — Como te sentes? — perguntou quando ela se encostou a ele. — Como se estivesse rodeada de neve — murmurou ela, aceitando o vinho que ele ofereceu. — Aconchegada numa cabana nas Montanhas Adirondack, longe do mundo e dos seus problemas.

— E há espaço para mim na cabana?

Ela inclinou a cabeça e sorriu para ele. — Sempre.

— Teríamos lenha — disse ele em voz baixa tirando-lhe o copo da mão. — E vinho. — Dobrou-se para lhe beijar o canto da boca. — E um ao outro. — Empurrou-a suavemente para o chão. — Não precisaríamos de mais nada.

— Pois não. — Kasey fechou os olhos quando ele a abraçou com força. — De mais nada.

Ela perdeu-se no toque dele, no sabor dele. O corpo e mente estavam em completa harmonia e pertenciam ambos a Jordan. Algures ao longe o relógio tocou as doze badaladas e já era dia de Natal.

Quanto tempo se amaram naquela noite, Kasey nunca saberia. Nenhum dos dois quisera destrancar a porta e expor-se ao resto do mundo. A certa altura, quando estavam adormecidos nos braços um do outro, Jordan acordara ao ouvir a mãe entrar em casa. Depois a casa ficara de novo em silêncio. Só deles. Ele virou-se para Kasey e acordou-a lentamente até ela estremecer de desejo por ele e ele por ela. Havia a luz do fogo e das cores da árvore e o aroma a pinha. O vinho aqueceu.

Kasey adormeceu de novo e acordou meio zonza quando Jordan a

pegou ao colo.

— Eu levo-te para cima — murmurou ele.

— Não quero deixar-te. — Encostou a cara no pescoço dele. — As noites são demasiado curtas. Têm horas a menos.

Depois adormeceu novamente, tão profundamente como Alison quando ele levara a menina para o quarto.

…

A manhã chegou depressa de mais. Só a sua determinação e o entusiasmo de Alison impediram Kasey de voltar a aninhar-se debaixo dos lençóis. A sala arrumada e formal depressa se encheu de papel rasgado, de caixas e fitas descartadas. Um cachorrinho cocker spaniel, presente de Kasey para Alison, corria em volta da árvore enquanto Alison se encontrava, estupefacta, com uma guitarra nova, prenda do tio, ao colo.

— Não devias ir acordar a tua mãe, Jordan? — sussurrou Kasey, desviando uns pedaços de papel amarrotado.

— Às seis da manhã? — Ele riu-se e abanou a cabeça. — A mãe não se levanta antes das dez, seja ou não Natal. Depois tomaremos um pequeno-almoço bastante civilizado.

Kasey franziu o nariz e agarrou num embrulho. — Já era altura de eu também ter um — disse ela, sabendo que o presente era de Alison. — Ouvi muito burburinho acerca disto — disse, desatando lentamente o laço. — Vi muitos olhares de cumplicidade. — Alison mordeu o lábio inferior e olhou para Jordan. — Como esse — afirmou Kasey, rasgando o papel com um floreado. Ao abrir a caixa, encontrou um cachecol de lã verde-claro.

— Foi o primeiro presente que já fiz — disse Alison ansiosamente.

— Rose, a ajudante de cozinha, ensinou-me. Mas cometi alguns enganos.

Kasey tentou levantar os olhos, tentou falar, mas não conseguiu. Acariciou com as pontas dos dedos o cachecol tricotado.

— Gostas?

Kasey ergueu os olhos e acenou afirmativamente com a cabeça. Os olhos já estavam cheios de lágrimas.

— As mulheres — disse Jordan, prendendo o cabelo de Alison atrás da orelha. — Algumas mulheres — corrigiu ele — têm tendência para chorar quando estão particularmente felizes. A Kasey é uma delas.

— A sério?

— A sério — conseguiu Kasey dizer, e respirou fundo. — Alison, é o presente mais maravilhoso que já recebi. — Abraçou com força a criança.

— Obrigada.

— Ela gostou mesmo — disse Alison, sorrindo para Jordan por cima do ombro de Kasey. — Acha que ela vai chorar se lhe dermos o seu?

— Porque não descobrimos? — Jordan pegou numa pequena caixa cúbica que estava debaixo da árvore. — Claro que ela pode não estar interessada em mais presentes.

— Claro que estou. — Kasey libertou-se dos braços de Alison. — Sou muito gananciosa no Natal. — Tirou-lhe a caixa das mãos e inspirou profundamente. Quando a abriu, sentiu o coração saltar pela segunda vez naquela manhã.

Segurou nos brincos de ouro delicadamente entalhados, impressio-

nantemente semelhantes aos que vira no dia em que comprara o unicórnio. Olhou para ele e abanou a cabeça. — Jordan, como é que te lembraste de uma coisa destas?

— Não me esqueci de nada do que me disseste. Achei que combinavam com isto. — Entregou-lhe outra caixa, comprida e achatada, e depois sorriu quando ela hesitou. — Pensava que eras gananciosa no Natal.

Kasey abriu a caixa e viu três finos fios de ouro, ingenuamente entrelaçados para formar um. — É lindo — murmurou.

Ele tirou-lhe o fio dos dedos e colocou-lho no pescoço.

Kasey engoliu em seco e encostou o rosto ao dele. — Obrigada, Jordan. — Levantou-se. — Vou ver se peço café.

— Ela também gostou do seu — disse Alison a Jordan, pegando na guitarra. — Estava a chorar outra vez.

Quando, quinze minutos depois, Mil icent entrou na sala com o café e os croissants, estacou, estupefacta, com o tabuleiro nas mãos. Em todos os anos que já trabalhava em casa dos Taylor nunca vira nada igual. Papéis, fitas e caixas por todo o lado. E o Sr. Taylor estava a lutar com um cãozinho no meio da confusão. O Sr. Taylor! A Menina Alison e a Menina Wyatt estavam a dar risadinhas. Não, ela nunca vira nada igual; não naquela casa!

13

Kasey tencionava manter-se bastante ocupada quando deixasse Palm Springs. Primeiro iria para casa. Já se decidira; a véspera de Ano Novo seria o último dia com Jordan. Só lhe faltava informar Jordan. Depois de analisar a situação sob todos os pontos de vista – o dela, o dele e o de Alison –, Kasey decidira esperar pelo primeiro dia do ano. O voo já estava marcado. Seria menos penoso se as horas que faltavam não fossem passadas com o conhecimento de que eram as últimas. Iria fazer tudo o que lhe fosse possível naquelas últimas vinte e quatro horas.

— Ter-te-ia vencido o terceiro jogo do segundo set se não tivesse falhado dois serviços. — Balançou a raquete quando se afastava com Jordan do court de ténis. — E se não tivesses feito um ás no quarto jogo do segundo set, eu também teria ganho esse. És realmente uma jogadora terrível; aproximares-te da rede daquela forma.

Jordan pegou na raquete dela, um pouco desconfiado com o entusiasmo que ela demonstrava ao balançá-la. — Olha, a Alison está ali ao pé da piscina. Parece estar muito aplicada a fazer os trabalhos de casa.

Alison ergueu os olhos quando os dois se aproximaram, acenou-lhes e depois votou a recostar-se com um suspiro. — Tio Jordan, não sei como fazer este trabalho.

— Não? — Ele pousou as raquetes na mesa. — O que é?

— Tenho de enumerar cinco itens típicos dos anos oitenta. Coisas que pusesse numa cápsula do tempo para mostrar às sociedades futuras como era a nossa cultura.

— Alison. — Jordan sorriu e passou a ponta de um dedo pelo nariz dela. — Para quê perguntares a um escritor quando tens uma antropóloga? — Oh, esqueci-me! — Olhou para Kasey. — O que porias numa cápsula do tempo?

— Vejamos. — Kasey semicerrou os olhos contra o Sol por um momento. — Uma haste de trigo, um barril de petróleo, um chip MOS, uma cassete de música punkrocke um par de mocassins Gucci.

Jordan riu-se. — E é essa a tua « encapsulização» dos anos oitenta?

Alison franziu o sobrolho enquanto escrevinhava. — O que é um chip MOS?

— É um…

— Ah, não! — Jordan interrompeu a explicação de Kasey. — Não a faças começar, Alison!

— Bem, — disse Alison, olhando duvidosamente para a lista, — se calhar é melhor pensar um pouco mais sobre o assunto. — Fez um olhar a Kasey que a informou de que a sua ajuda fora de pouca valia, e depois entrou em casa.

— Duvido que a Alison ou a professora dela estejam preparadas para a tua opinião sobre a nossa sociedade — comentou Jordan.

— É a minha análise estudada da nossa cultura como está nos dias de hoje, da tecnologia à moda. Sabes, Jordan, parece que ficaste mesmo acalorado depois do jogo de ténis. Devias ir refrescar-te.

Deu-lhe um forte empurrão e fê-lo cair de costas para dentro da piscina. Ele veio à superfície, desviando o cabelo dos olhos. — Foi um impulso

— disse ela, agarrando-se à barriga enquanto ria às gargalhadas. — Nunca tive um controlo firme sobre os impulsos. — Sem dizer nada, ele semicerrou os olhos e nadou até à borda. — Desculpa, Jordan, mas parecias-me mesmo com calor. Tenho a certeza de que a água está uma delícia. Não estás zangado, pois não? Eu ajudo-te a sair.

Tinha acabado de lhe estender a mão quando se apercebeu do erro.

Ele agarrou-a com firmeza e depois sorriu-lhe quando lhe deu um súbito puxão que a fez mergulhar de cabeça. Ela veio à tona cuspindo água.

— Acho que estava a pedi-las.

— Estavas, pois. Como está a água?

— Óptima. — Kasey nadou com um braço enquanto com a outra mão descalçava uma sapatilha. — Sempre achei — atirou a sapatilha por cima da cabeça dele para fora da piscina — que quando nos encontramos numa situação inevitável, devemos tirar o melhor partido dela. — Tirou a outra sapatilha e depois mergulhou e nadou rente ao fundo.

Assustou-se quando as mãos de Jordan a agarraram pela cintura. Ele voltou-a para si, abraçou-a e beijou-a debaixo de água. O ritmo cardíaco de Kasey passou de normal a frenético, e ela agarrou-se a ele. Quando subiram à superfície, o pulso dela ainda estava descontrolado.

— Eu estava só a tirar o melhor partido de uma situação inevitável — murmurou Jordan mordendo-lhe o lobo da orelha.

— Assustaste-me. — Kasey respirou fundo. — Nunca devia ter visto aquele filme do tubarão!

— No Inverno não temos tubarões. — Passou uma mão pelos cabelos

dela. — É praticamente cobre quando está molhado e o sol lhe bate. No primeiro dia que estiveste aqui fiquei à janela a ver-te nadar. Já naquela altura não conseguia tirar-te da cabeça.

Kasey encostou a cabeça ao ombro dele. Era tão difícil ser forte quando ele era meigo. Queria dizer-lhe que o amava, que lhe estava a partir o coração deixá-lo. E ainda não sabia o que faria se ele lhe pedisse para ficar. Ou talvez soubesse e fosse por isso que planeara as coisas sem lhe dizer nada. Não podiam continuar como estavam e ela não via futuro para eles. Se ele a amasse… Mas abanou a cabeça e afastou-se dele.

— Vou fazer uma corrida contigo — desafiou ela. — Sou muito melhor nadadora do que tenista.

Ele sorriu. — Está bem, dou-te algum avanço.

Kasey ergueu as sobrancelhas. — Isso é uma assumpção de superioridade masculina. — Desviou o cabelo dos olhos. — Aceito.

Partiu como um foguete pelo meio de uma agitação de água. Mesmo com o avanço dela, Jordan chegou à outra extremidade duas braçadas à frente. Kasey franziu o nariz. — Claro — começou ela, pondo-se de pé na parte menos profunda — se eu também tivesse crescido numa piscina…

Kasey reparou que ele não estava a prestar-lhe atenção. Seguindo-lhe os olhos, olhou para baixo.

A T-shirt que tinha vestido para a partida de ténis estava colada aos seios. Em vez de a tapar, era um convite erótico. Os calções curtos molhados estavam moldados às coxas e ancas. A água escorria-lhe lentamente pelo cabelo.

— Acho que este tipo de equipamento de natação é mais adequado para águas profundas — decidiu Kasey, afastando-se da borda.

Ele agarrou-a antes de ela chegar a meio da piscina. A boca dele apossou-se da dela, faminta, desesperada. Mergulharam de novo, unidos. Kasey agarrou-se bem enquanto um misto de medo e paixão a invadia. Havia sensações de leveza, de claustrofobia, de impotência. Kasey poderia ter lutado contra elas, mas a vontade desaparecera e ela abraçou-se a ele com mais força. Jordan levou-os à superfície e ela inspirou rapidamente.

— Estás a tremer — reparou ele subitamente. — Assustei-te?

— Não sei. — Ela continuou agarrada a ele e deixou-o mantê-los às superfície. — Oh, Jordan, quero-te — disse ela, ofegante. A necessidade surgiu inesperadamente urgente e poderosa.

A boca dele foi novamente ao encontro da dela. A excitação de Jordan redobrou com o desejo que ele sentia da parte dela. — Quanto tempo consegues suster a respiração? — murmurou ele.

— Não o suficiente. — Ela deu uma gargalhada trémula e beijou-o.

— Nem de perto. Vamos afogar-nos?

— Provavelmente. — A mão dele desceu até à anca dela, depois até à coxa e regressou à cintura. — Importas-te?

— Neste momento, não. Beija-me outra vez. Beija-me e não digas nada.

Ela não conseguia aguentar mais. No dia seguinte, por aquela hora, estaria num avião. Não poderia tocá-lo nem sentir as mãos dele. Teria apenas a recordação do seu sabor. Aqueles três meses da sua vida seriam engo-

lidos pelo que estivesse para vir. Como poderia partir? Como poderia ficar? O preço que ia ter de pagar já parecia insuportavelmente elevado. Então iria aproveitar até ao último instante. Uma última noite. Uma última noite completa.

— Jordan, não vamos hoje àquela festa. — Afastou-se dele, querendo ver-lhe o rosto. — Preciso de estar sozinha contigo, como estivemos em Nova Iorque. Não podemos ir para qualquer lado, só esta noite? Amanhã é outro ano. Queria passar a última noite deste apenas contigo. Só contigo.

— Uma suite no Hyatt? — murmurou ele. — Champanhe e caviar? Segundo me lembro, tu gostas bastante de caviar.

— Sim. — Abraçou-se rápida e desesperadamente ao pescoço dele e encostou a face à dele. — Ou pizza e cerveja num motel. Não importa. Amo-te. — Não conseguiu evitar dizê-lo. — Amo-te tanto! — A boca dela atracou-se à dele antes que ele pudesse falar.

— Jordan!

A voz de Beatrice rompeu o silêncio. Jordan afastou sem pressa a boca da de Kasey.

— Mãe. — Olhou para cima, mantendo um braço em redor de Kasey. — De volta tão cedo?

— O que estás a fazer?

— Ora, estou a nadar — disse-lhe ele descontraidamente. — E a beijar a Kasey. Deseja alguma coisa?

— Tens consciência de que temos criados que podem aparecer aqui a qualquer momento?

— Sim. Mais alguma coisa?

Os olhos de Beatrice faiscavam, mas ela manteve a dignidade. Kasey viu-se forçada a admirá-la por isso. — O Harry Rhodes telefonou. Precisa de te ver dentro de uma hora para tratarem de negócios. Disse que é bastante urgente.

— Está bem. Obrigado.

— Enfureceste-a, Jordan — comentou Kasey quando Beatrice se retirou. — E provavelmente vou enfurecê-la muito mais — reflectiu ele. Estava na hora de fazer algumas mudanças, pensou. Algumas mudanças definitivas. A casa era herança sua, mas talvez fosse mais sensato entregá-la à mãe e levar Alison para outro lugar qualquer. E Kasey… Kasey era outro assunto. Bem, tinham a noite toda para discutir o assunto, decidiu puxando-a de novo. — Se estiveres pronta quando eu regressar da conversa com o Harry, podemos começar cedo.

— Conversa depressa — disse-lhe Kasey.

…

Kasey tinha acabado de secar o cabelo quando bateram à porta do quarto. — Entre. — Abriu a porta do guarda-roupa. *Novamente o vestido verde?* – indagou-se, pegando nele. — Olá, Mil icent.

A criada espreitou à porta. — Menina… — Mil icent cruzou as mãos e fez um ar desconfortável. — A Sra. Taylor gostaria de lhe falar… no quarto dela.— Agora? — Kasey passou os dedos pelo tecido do vestido que tinha nas mãos.

— Sim, por favor.

É melhor tratar disto de uma vez por todas, pensou, voltando a pendurar o vestido no guarda-roupa. Ia ser desagradável. Se ela não soubesse já, a cara da criada dizia tudo.

— Está bem, vou já.

Mil icent clareou a voz. — É suposto levá-la comigo.

Kasey suspirou. Não podia censurar a criada. — Podes ir à frente — disse, seguindo-a.

Mil icent bateu à porta de Beatrice, rodou a maçaneta e depois afastou-se rapidamente. Kasey inspirou profundamente uma última vez e entrou. — Sra. Taylor?

— Entre, Menina Wyatt. — Beatrice estava sentada à escrivaninha cor de marfim e não se virou. — E feche a porta.

Kasey obedeceu e sentiu uma necessidade súbita de um cigarro. O quarto era opressivo e tão difícil de suportar como a mulher. — Em que posso ser-lhe útil, Sra. Taylor?

— Sente-se, Menina Wyatt. — Gesticulou com a mão em direcção a uma cadeira eduardiana. — Temos de ter uma conversa.

Kasey sentou-se e aguardou o inevitável.

— Esticou o seu tempo aqui o mais que pôde. — Beatrice virou-se então para ela e cruzou os braços sobre a mesa.

— Está preocupada com a pesquisa do Jordan, Sra. Taylor? — *Hoje ela não vai atingir-me*, disse para si mesma. *É o meu último dia*. — Porque não vai direita ao assunto e nos poupa tempo, Sra. Taylor? — disse em voz alta. — Estive a verificar as suas credenciais. — Beatrice batucou com uma

caneta de ouro no tampo da mesa. Era o único sinal exterior de emoção.

— Parece que se considera uma perita na área.

— Andou a investigar-me. — Kasey sentiu a fúria aumentar e tentou contê-la.

— Ao fazê-lo, fiquei a saber que é neta de Samuel Wyatt. Eu conheço a filha dele, sua tia. Há alguns anos houve um escândalo envolvendo o seu nome. Um incidente bastante infeliz. — Batucou de novo com a caneta.

— Uma pena não ter ficado com a sua tia em vez de ter sido criada pelo seu avô.

— Por favor. — A voz de Kasey tinha baixado de tom. — Não me enfureça.

Beatrice reparou que tinha irritado Kasey. Fora esse o seu primeiro objectivo. — Não constava no testamento do seu avô paterno.

— Andou a investigar bastante.

— Sou uma mulher meticulosa, Menina Wyatt.

— Mas que não vai rapidamente ao que interessa.

— Então, vamos ao que interessa — concordou Beatrice. — Aparentemente não tem problemas de ordem financeira, mas não é propriamente… — Podre de rica? — sugeriu Kasey.

— No seu vernáculo — concedeu Beatrice. — A sua estada aqui tem sido um negócio muito lucrativo para si. É bastante compreensível que persiga as possibilidades de futuras recompensas caindo nas boas graças do Jordan e da Alison.

— Futuras recompensas? — Kasey começou a sentir um ardor no estômago.

— Não pensei que fosse preciso ser gráfica. — Beatrice pousou a caneta e cruzou de novo as mãos. — O Jordan é um homem muito rico. A Alison irá herdar uma bela fortuna quando for mais velha.

— Percebo. — Kasey esforçou-se por manter as mãos quietas. — Está a sugerir que eu espero beneficiar financeiramente desenvolvendo uma relação com o Jordan e com a Alison. — Olhou prolongadamente Beatrice nos olhos. — É uma mulher dura, Sra. Taylor. Não lhe ocorreu que eu pudesse gostar deles independentemente do tamanho das contas bancárias?

— Não. — Beatrice deixou a palavra pairar no ar por um momento. — Já tratei com gente do seu tipo. A mãe da Alison era um exemplo, mas o meu filho não me deu ouvidos. Decidiu casar-se com ela apesar das minhas objecções e mudar-se para o outro extremo do país. Claro — disse enquanto se recostava e fitava Kasey — que neste caso o problema é diferente. O Jordan não faz qualquer tenção de se casar consigo. Está satisfeito com um simples caso amoroso. Uma vez mais, no seu vernáculo, a menina contou com o ovo no cu da galinha.

Kasey queria atirar-lhe com alguma coisa. Queria fazer alguns buracos naquela perfeição de branco que a rodeava. Estava rígida com o esforço que fazia para se controlar. — Estou ciente dos limites do meu relacionamento com o Jordan, Sra. Taylor. Sempre estive. Não tem com que se preocupar.— Não vou tolerar mais a sua presença nesta casa. A sua influência

sobre a Alison vai levar meses a reparar.

— Uma vida inteira, espero. — Kasey levantou-se. Tinha de sair dali. — Nunca mais vai conseguir encaixá-la naquele molde. Ela já ex-travasou.

— O Jordan tem a custódia da Alison.

Foi o tom, e não as palavras, que fizeram Kasey estacar. Sentiu uma súbita pontada de medo. — Sim.

Beatrice rodou ligeiramente na cadeira para poder olhar para Kasey de frente. — Se não sair hoje, esta tarde, serei forçada, pelo bem da Alison, a requerer a custódia dela.

— Isso é um absurdo. — O medo regressou com força redobrada e Kasey sentiu o frio apossar-se da sua pele. — Nenhum tribunal lhe vai dar a custódia em detrimento do Jordan.

— Talvez sim, talvez não. — Beatrice moveu elegantemente os om-bros. — Mas sabe bem o quão desgastante pode ser uma batalha judicial, particularmente quando há uma criança envolvida. Processá-lo com base em conduta imoral tornaria tudo particularmente desagradável.

— Ele é seu filho. — As palavras saíram-lhe quase sussurradas. — Não pode fazer-lhe uma coisa dessas. Nem à Alison. O Jordan não lhe fez nada de mal; nunca faria.

— A Alison precisa de protecção. — Olhou friamente para Kasey.

— Assim como o Jordan.

— Protecção? Quer dizer, manipulação, não é? — Aproximou-se de Beatrice. Só podia estar a sonhar. Mas nem o pesadelo dela era assim tão

mau. — Não pode fazer-lhes uma coisa dessas. Não pode. Ela não passa de uma criança. Ela adora-o. — Não ia chorar em frente daquela mulher.

— Não tem nada a ganhar com isso. Não ama a Alison como o Jordan ama. Não precisa dela. Se pudesse compreender o que é ser-se disputada dessa forma, não o faria.

Beatrice soltou um curto suspiro. — A decisão está nas suas mãos.

Era incrível, impossível, mas Kasey percebeu que ela estava a falar bastante a sério. — Eu ia amanhã — disse em voz baixa. — Não valho a pena, Sra. Taylor.

— Hoje, antes de o Jordan regressar. E não pode contar-lhe nada disto. — Hoje — concordou Kasey. Havia lágrimas na sua voz; não conseguiu evitá-las. Lutou para mantê-las afastadas dos olhos. — Hoje, porque sou capaz de algo que a senhora não é. De amá-los o suficiente para lhes dar o que precisam: um ao outro.

Beatrice virou-lhe novamente as costas. — A Millicent já deve ter as suas malas prontas e o Charles leva-a onde quiser. — Abriu o livro de cheques. — Estou disposta a compensá-la pela sua discrição e pela contrariedade, Menina Wyatt…

A mão de Kasey bateu com força sobre o livro de cheques e interrompeu-a. Beatrice ergueu os olhos, surpreendida.

— Não abuse da sorte — sussurrou Kasey. — Dei-lhe a minha palavra. É de graça. — Levantou lentamente a mão e endireitou-se. — Vai chegar a hora em que terá de lidar com o que fez hoje. Perdeu mais do que eu, Sra. Taylor.

Saiu porta fora e quase se dobrou com a dor. Precisava de tempo, de alguns momentos, para se recompor. Ainda tinha de ver Alison. Não se iria embora sem se despedir dela. *Tenho de encontrar as palavras certas*. Kasey percorreu o corredor como uma sonâmbula. *Não posso chorar à frente dela*. A intensidade da dor tinha-a deixado entorpecida. Segurou na maçaneta da porta do quarto de Alison com dedos completamente dormentes. — Kasey! — Alison olhou para ela. O cachorrinho estava deitado em cima da colcha e Alison estava ao lado dele a dedilhar a guitarra nova.

— Aprendi uma música nova. Queres que a toque?

— Alison. — Kasey sentou-se ao lado dela.

— O que se passa? — Franziu a testa ao olhar bem para Kasey. — Pareces estranha.

— Alison. Lembras-te de eu te ter dito que um dia teria de me ir embora? — Viu a expressão nos olhos da menina e tocou-lhe no rosto. — Esse dia chegou, Alison.

— Não. — Alison pôs a guitarra de lado e agarrou na mão de Kasey.

— Não precisas de ir. Podias ficar.

— Já te tinha explicado. Lembras-te? Sobre o meu trabalho?

— Não queres ficar? — As lágrimas estavam a começar a brotar. Kasey sentiu um momento de pânico.

— Alison, não é uma questão de querer. Não posso.

— Podias. Podias se quisesses.

— Alison, olha para mim. — Kasey estava no limite e tinha consciência disso. Mas não podia deixá-la assim. — Às vezes as pessoas não podem

fazer exactamente aquilo que querem. Eu amo-te, Alison, mas tenho de ir.

— O que é que eu vou fazer? — Foi quase um lamento quando se abraçou ao pescoço de Kasey.

— Tens o Jordan. E eu vou escrever-te, prometo. Talvez no Verão possas ir visitar-me. Como já tínhamos conversado.

— Ainda faltam muitos meses para o Verão.

Kasey abraçou-a com força e depois afastou-a. — Às vezes o tempo passa depressa. — Tirou a aliança de ouro do dedo e enfiou-a na mão de Alison. — Isto é para ti. Sempre que pensares que já não te amo, podes olhar para ela e lembrar-te que sim. — Levantou-se e encaminhou-se para a porta. A dor estava a tomar conta dela e o tempo estava a esgotar-se.— Alison… — Virou-se para trás com a mão na maçaneta. — Diz ao Jordan que eu… — Abanou a cabeça e abriu a porta. — Cuida dele por mim.

…

Havia apenas uma luz ténue no quarto do hotel, mas até isso lhe incomodava os olhos. Kasey não conseguia reunir forças para a ir desligar.

O choro tinha-a exaurido, deixado nauseada e vazia. Podia ouvir os sons de celebração vindos de outros quartos.

Era quase meia-noite.

Eu devia estar com ele a esta hora, pensou. *Devia ter tido esta última noite. O que terá pensado ele quando regressou e viu que eu me tinha ido embora? Que me fui embora sem lhe dizer nada. Nunca vai conseguir compreender. Terá ficado magoado, ou apenas furioso?* Abanou a cabeça. Era inútil especular. Estava terminado.

Ouviu o som de uma chave e voltou-se. Quando Jordan entrou, ela não disse nada. Os seus pensamentos estavam afogados em dor e choque.

— Devias pôr a corrente quando não queres que ninguém entre, Kasey. — Atirou a chave para cima da mesa. — As chaves são bastante fáceis de conseguir. Bastam vinte dólares e uma boa história. Tu sabes tudo sobre boas histórias.

Kasey deixou-se ficar exactamente onde estava. A ameaça de Beatrice travou-lhe o impulso de correr para os braços dele. — Como é que me encontraste?

— Foi o Charles. — Virou-se e colocou a corrente na porta. — Embora tivesse tido de visitar alguns bares para o encontrar. Ele tinha a noite de folga.

— Parece que andaste a aproveitar bem o tempo. — Ela reparou que ele tinha andado a beber. Tinha de se manter calma. As mãos estavam a começar a tremer e ela agarrou-se ao bordo da cómoda que estava atrás.

Jordan passou os olhos pelo pequeno quarto de hotel. — Estou a ver que não escolheste o Hyatt.

— Não. — Vinham aí palavras duras, furiosas. Kasey levantou-se e pegou num cigarro. — Não é ridículo? Os hotéis têm sempre fósforos e eu não consigo encontrar nenhum. — Susteve a respiração quando ele a agarrou pelos braços e a virou de frente para si.

— Porque é que te vieste embora?

— Tinha de vir algum dia, Jordan. — A voz dela ficou tensa com a dor quando os dedos dele a agarraram com mais força. — Ambos sabemos

que a pesquisa terminou.

— Pesquisa? — Se ele não a estivesse a segurar com tanta força, recea-

va bater-lhe. Ela magoara-o mais do que ele achara possível. Ela expusera-o

à dor. Abanou-a com violência. — É só isso que existe entre nós?

Kasey estava a começar a tremer, mas ele não pareceu reparar. Nunca

o tinha visto assim – brutal, furioso. Ela desejava que ele lhe batesse, se isso pusesse um fim à situação.

— Raios! — Ele abanou-a de novo, quase levantando-a do chão. —

Não podias ao menos ter-me dito alguma coisa? Tinhas de te ir embora nas

minhas costas, sem dizer nada?

Kasey agarrou-se de novo à borda da cómoda. O enjoo estava a vol-

tar. — É melhor assim, Jordan. Eu…

— *Melhor?!* — A palavra explodiu de dentro dele. Kasey deu um sal-

to. — Para quem?! Se não tiveste a decência de pensar em mim, podias ao

menos ter pensado na Alison!

Estava a ser praticamente insuportável. Kasey fechou os olhos por

um momento. — Eu pensei na Alison, Jordan. Tens de acreditar que pensei

nela. — Como posso acreditar nalguma coisa que tu digas? Ela ficou des-

troçada. Olha para mim! — Agarrou-a pelos cabelos e puxou-lhe a cabeça

para trás. — Fiquei uma hora a abraçá-la, enquanto ela chorava, a tentar

fazê-la compreender uma coisa que eu próprio não compreendia.

— Fiz o que tinha de fazer. — Ela estava a começar a sentir-se zonza.

Tinha de o fazer ir-se embora, e rapidamente. — Jordan, bebeste demasia-

do. — A voz estava impressionantemente calma. — E estás a magoar-me.

Quero que saias.

— Disseste que me amavas.

Kasey engoliu em seco e endireitou-se. — Mudei de ideias. — Viu a

cor esvair-se do rosto dele.

— Mudaste de ideias? — disse ele lentamente, incrédulo.

— Isso mesmo. Agora vai e deixa-me em paz. Tenho um avião para

apanhar de manhã.

— Cabra. — Jordan sussurrou a palavra no momento em que a pu-

xou violentamente contra ele. — Vou quando terminarmos. Temos um en-

contro marcado.

— Não. — Ela contorceu-se em pânico. — Não, Jordan!

— Vamos terminar o que tu começaste — disse-lhe ele. — Aqui e

agora!Cobriu a boca dela com a sua, interrompendo o protesto dela. Ka-

sey empurrava-o, cheia de medo. Até aquilo lhe seria tirado: as recordações

da felicidade de o amar e de ser amada por ele. Ele começou a arrastá-la

em direcção à cama e ela debatia-se, mas ele era forte e estava dominado

pela raiva. *O que é que estamos a fazer um ao outro?* Pensou ela vagamente quando ele lhe arrancou a camisa. As mãos dele percorriam-na, puxando,

rasgando-lhe a roupa enquanto ela tentava libertar-se.

A imagem da calma e da expressão fria de Beatrice veio-lhe ao pen-

samento. *Não vou deixar que nos faça isto.*

Kasey parou de se debater. A sua boca rendeu-se à de Jordan. *Posso*

dar-te isto, disse-lhe ela em silêncio, sentindo o pânico desaparecer. *Uma última noite*. *Afinal, isso ela não nos tirou*. Parou de pensar e entregou-se ao amor.

14

Kasey acordou com o quarto inundado de luz. Gemeu num protesto automático e virou-se para o outro lado. A mão tocou no vazio ao seu lado. Abriu os olhos. Ele tinha-se ido embora. Sentou-se com alguma dificuldade, perscrutando rapidamente o quarto em busca de algum sinal de Jordan. Quando pousou a mão na almofada ao lado, sentiu-a fria.

Quando é que ele teria saído? Só se recordava que se tinham amado vezes sem conta durante a noite, em desespero e em silêncio. Ela achava que ele tinha adormecido, tinha a certeza de que tinham tido algumas horas de completa paz um junto ao outro. Precisava de saber que tinham tido. Ninguém lhe poderia tirar essas horas. Se não tinha havido ternura, pelo menos tinha havido desejo. *Ele não vai sofrer mais*. A sua última esperança era que, se não tivesse acabado com a raiva, pelo menos a noite tivesse acabado com o sofrimento dele. Kasey duvidava que Jordan alguma vez a perdoasse pela forma como pusera um ponto final às coisas. Levantou-se da cama. Ainda tinha um avião para apanhar.

Quando viu o bilhete em cima da cómoda, estacou. Talvez fosse melhor não o ler, fingir que não o tinha visto. O que poderia ele dizer-lhe que não fizesse regressar a dor? Mas não conseguiu conter-se e agarrou no bilhete. Abriu-o e leu:

Kasey,

Um pedido de desculpas pelo que aconteceu ontem à noite seria pouco, mas não tenho mais nada a oferecer. A raiva não é desculpa para o que aconteceu. Só posso dizer-te que é do que mais

me arrependo de ter feito na vida.

Deixo-te um cheque pelo teu trabalho do mês passado. Espero

que percebas o que me deste, porque eu não tenho palavras

para o descrever.

Jordan

Kasey releu a mensagem algumas vezes. Tinha razão quando pensara que traria a dor de volta. Amarrotou a folha e largou-a no chão. *Arrepen-deu-se*, pensou ela, pegando lentamente no cheque que tinha sido deixado debaixo do bilhete. Estava gelada. Já não lhe restavam emoções. Olhou rapidamente para o montante e deu uma gargalhada.

— Que generoso, Jordan. És um homem generoso. — Rasgou metodicamente o cheque em pedacinhos minúsculos e deixou-o pairar até ao chão. — Isso ia dar com o teu contabilista em doido. — Não ia chorar outra vez. Não tinha mais lágrimas. Com um suspiro, pegou num cigarro.

— Montana — decidiu de repente. — Em Montana há neve e vai estar um frio de morte. — Aquele não era o momento de ir para casa, pensou. Seria demasiadamente fácil desmoronar em casa. Dirigiu-se rapidamente ao telefone e preparou-se para alterar os planos.

…

O Dr. Edward Brennan desligou o motor do velho Pontiac. O Sol estava a começar a pôr-se e ele tinha tido um dia muito longo. As costas diziam-lhe isso. *Estou a ficar velho*, reflectiu. Outrora teria sido capaz de trazer ao mundo três crianças, operar umas amígdalas, tratar de uma tíbia partida e vacinar três famílias contra a gripe antes do almoço e sem perder o ritmo. Mas já estava com setenta anos e a pensar que chegara a hora de

abrandar.

Talvez tivesse chegado a hora de arranjar um sócio, alguém jovem com ideias novas. O Dr. Brennan gostava de ideias novas. Sorriu por um instante e contemplou o pôr-do-sol. Era uma pena Kasey não ter seguido medicina. Teria dado uma excelente médica.

Nas suas montanhas havia riscas de luz cor-de-laranja a atravessar as copas das árvores. Ele era muito senhor do seu pequeno pedaço de terra. A sua montanha, o seu pôr-do-sol. Era o que sentia quando estava sozinho. Era uma boa sensação e fazia-o andar com a vida para a frente.

Abriu a porta do carro e retirou o saco com pão caseiro e conservas que a Sra. Oates lhe tinha enfiado nas mãos quando ele lá fora para tratar da papeira do filho. Ia apreciar o pagamento com uma chávena de café. Depois, talvez tomasse apenas um copito do whisky ilegal que o Sr. Oates lhe passara antes de ele sair. Oates tinha a melhor casa na encosta leste da montanha.

A porta de casa nunca estava trancada e ele empurrou-a já a salivar pelo pão.

— Olá, avô.

O Dr. Brennan deu um salto e ficou pasmado a olhar para a mulher que estava sentada à mesa da cozinha. — Kasey! — Estava abalado por a ver ali e surpreendido por ela não ter corrido até si para um abraço apertado e um beijo sonoro. Era a forma habitual de ela o cumprimentar, quer tivessem estado separados um dia ou um ano. — Pensei que ainda estivesses no Tennessee.

— Não, estou aqui. — Sorriu para ele e depois olhou para o saco que ele trazia. — Cheira-me a pão fresco. Parte dos honorários?

— Da Sra. Oates — respondeu ele, atravessando a cozinha para o pousar na mesa.

— Ah. — Kasey sorriu para o avô. — Então imagino que devas ter recebido algo um bocadinho mais estimulante do Sr. Oates. Como tem andado o teu estômago?

— Suficientemente resistente para um ou dois copitos.

Pousou uma mão sobre a dele. — Como tens passado, avô?

— Muito bem, Kasey. — O Dr. Brennan examinou cuidadosamente a cara da neta com um misto de afecto e de profissionalismo. Havia algo que não estava a bater certo. Apertou-lhe a mão em resposta. Ela dir-lho-ia quando estivesse pronta, à sua maneira. Conhecia-a há demasiado tempo para esperar outra coisa. — E tu? O que tens andado a aprontar? Há quase um mês que não recebo uma das tuas cartas de seis páginas.

— Nada de especial. — Kasey encolheu os ombros. — Estive duas semanas em Montana. Comprei lá um casaco fantástico; capaz de nos manter quentes nas Aleutas. Estive um tempo com a família Phiefer no Utah. A Mol y Phiefer está rija como sempre. Festejou o sexagésimo oitavo aniversário na escavação. Fiz uma palestra em St. Paul e andei à pesca de trutas no Tennessee. E deixei de fumar. — Os olhos dela escureceram. — Avô… estou grávida.

— Grávida? — O Dr. Brennan esbugalhou os olhos. — O que queres dizer com isso?

— Avô… — Kasey segurou-lhe na mão. — És médico. Sabes muito bem o que isso quer dizer.

— Kasey. — O Dr. Brennan percebeu que precisava sentar-se. — Como é que isso aconteceu?

— Da forma tradicional — disse ela, tentando sorrir. — Até porque mesmo os métodos modernos nem sempre são fiáveis — acrescentou, antecipando a pergunta inevitável.

Ele ia deixar passar isso por enquanto. — De quanto tempo estás?

— Que dia é hoje?

Ele estava habituado à indiferença descontraída da neta à passagem do tempo. — Dezassete de Maio.

— Quatro meses e dezassete dias.

— Muito específica — reparou ele com um aceno de cabeça.

— Tenho a certeza. — Kasey entrelaçava e desentrelaçava as mãos.

Observando o movimento nervoso, ele optou pelo profissionalismo:

— Já consultaste algum médico? Tens sentido desconforto? Algum efeito secundário?

— Sim, já fui ao médico. — Ela sorriu de novo, acalmada pelas perguntas objectivas. — Não, não tenho sentido nenhum desconforto, e depois de um infeliz mês de enjoos matinais não tive mais nenhum efeito colateral. Estamos de óptima saúde.

— E o pai?

Ela entrelaçou as mãos outra vez. — Tenho a certeza de que também está muito bem de saúde.

— Kasey. — O avô pôs-lhe uma mão sobre os dedos para os fazer parar. — Quais são os planos dele em relação ao bebé? Como é óbvio, resolveste levar a gravidez até ao fim. Tu e o pai da criança devem ter chegado a algum tipo de acordo.

— Não, não chegámos a acordo nenhum. — Olhou-o directamente nos olhos, deixando transparecer alguma vulnerabilidade. — Não lhe contei. — Não lhe contaste?! — Estava mais chocado com esse facto do que com o resto. Não era nada típico dela. — E quando é que tencionas fazê-lo?— Não tenciono. — Pegou num cigarro e começou a desfazê-lo em pedacinhos.

— Kasey, ele tem o direito de saber. É filho dele.

— Não. — Olhou de novo para ele. — O filho é meu. O meu filho tem direitos e eu tenho direitos. O Jordan pode ir para o diabo que o carregue.

— Kasey, tu não és assim — disse ele calmamente.

— Por favor. — Ela abanou a cabeça e esmagou o resto do cigarro na mão. — Pára. Não tomei esta decisão da noite para o dia. Pensei nisto durante meses. Sei que é a atitude certa a tomar. O meu bebé não vai ser disputado porque o pai dele e eu cometemos erros. Eu sei o que aconteceria se contasse ao Jordan.

A voz estava a começar a tremer-lhe e ela parou um momento para a estabilizar. — Ele ia pedir-me em casamento. É um homem digno. E eu recusaria porque não suportaria… — Calou-se de novo e abanou impacientemente a cabeça. — Não suportaria que ele mo pedisse por obrigação. Depois ia querer dar-me algum tipo de assistência financeira. Eu não preci-

so disso. O meu filho não precisa disso. Teria de se fazer um calendário de visitas e o bebé ia estar constantemente a saltar de uma costa para a outra, sem saber onde é que era o lugar dele. Não é justo. Não quero isso. O bebé é meu.O Dr. Brennan pegou outra vez nas mãos dela e olhou-a intensamente. — Amas o pai?

E viu-a desmoronar. — Sim, muito. — Kasey deitou a cabeça sobre a mesa e chorou.

0

O avô deixou-a desabafar. Não a via sofrer daquela forma desde criança. Manteve as mãos dela nas suas e esperou. Que tipo de homem seria Jordan, cujo filho ela carregava no ventre? Se o amava, porque estaria a chorar ali sozinha em vez de estar a partilhar com ele a felicidade da paternidade iminente?

O Dr. Brennan tentou recordar-se de partes das cartas que recebera dela. Ele sabia quem era Jordan – o escritor com quem ela trabalhara no final do Outono e início do Inverno do ano anterior. O Dr. Brennan admirava o trabalho dele. As cartas de Kasey tinham sido simultaneamente entusiásticas e confusas. Mas ele estava habituado a essas duas características na neta.

Como é que lhe tinham escapado as entrelinhas? E agora, durante meses, ela enfrentara sozinha a decisão mais importante da sua vida. Detestava vê-la assim – perdida, a chorar. Outrora fora obrigado a mandá-la para longe. Também nessa altura ela se sentira perdida e chorara. Ele achara que a decisão que tomara sozinho fora a melhor para ela, e, quando a poeira

assentara, confirmara-se que tinha sido. Mas o tempo intermédio tinha deixado marcas. Ele era suficientemente intuitivo para saber que parte da decisão dela resultava da própria experiência de vida. Ele só podia oferecer-lhe tempo, apoio e amor. Esperava que isso bastasse.

O choro tinha parado entretanto. Kasey manteve a cabeça pousada na mesa enquanto descansava. Há meses que não chorava. Endireitou-se lentamente e começou a falar outra vez.

— Eu amava-o… amo-o. Foi esse um dos motivos que me levou a tratar das coisas desta forma. — Suspirou. Sentira a necessidade de falar com alguém desde o dia em que saíra do quarto de Beatrice, quatro meses antes. — Deixa-me explicar-te as coisas, talvez entendas.

A voz já estava calma, sem emoção, e ela pormenorizou os acontecimentos na casa dos Taylor. Quando falou de Alison, ele viu imediatamente o paralelismo e manteve-se em silêncio. Só quando ela lhe contou o último encontro com Beatrice é que ele explodiu.

— Estás a dizer-me que ela te ameaçou?! — O Dr. Brennan levantara-se de um salto, esquecendo a dor nas costas. Estava pronto para o combate. — Não a mim. — Kasey estendeu-lhe a mão e levantou-se. — Ao Jordan, à Alison. A mim ela não podia fazer nada, nada de importante.

— Foi chantagem, Kasey. Chantagem pura e simples. — A voz dele tinha enrouquecido com fúria. — Devias ter contado tudo ao Jordan.

— Sabes o que é que ele teria feito? — Kasey deu-lhe o braço. — Teria entrado lá de rompante, tal como tu gostarias de fazer agora. Teria sido uma cena terrível com a Alison a assistir a tudo. Achas que eu podia arriscar uma

batalha judicial? Ela não passa de uma criança. Sei o que ela sentiria se visse o nome e a fotografia estampados nos jornais, se ouvisse os mexericos. —

Os olhos de Kasey eram eloquentes e as lágrimas tinham secado. — Põe-te no meu lugar, avô. Em tempos testemunhaste algo idêntico. Se tivesses de mudar o que fizeste há tantos anos atrás, mudarias?

Ele suspirou e abraçou-a. — Kasey, nunca pensei que tivesses de voltar a passar por uma situação destas.

Ela tinha sentido a necessidade de ir para casa, de sentir os braços grandes e fortes e as mãos suaves. Precisara de uma rocha e não conhecia nenhuma mais firme. — Amo-te, avô.

— E eu a ti, Kasey. — Abraçou-a por uns instantes sem dizer nada.

E, de repente, apercebeu-se de que ela já não era nenhuma trinca-espinhas. Conseguia sentir as curvas do corpo da neta contra o seu. Sentiu-se chocado com a alteração. Ela já não era a sua menina mas uma mulher que carregava o próprio filho. — Acabou de me ocorrer que vou ser bisavô.

— Sempre foste um avô maravilhoso — murmurou Kasey. — O melhor. — Ficas cá até o bebé nascer.

Kasey suspirou e relaxou encostada a ele. — Sim.

Ele afastou-a. — Estás a tomar vitaminas?

— Sim, senhor doutor. — Sorriu e beijou-o na face.

— E a beber leite?

Ela beijou-lhe a outra face. — Que achas de Bryan? — perguntou-lhe.

— Dá para menino ou para menina. Acho que Bryan Wyatt soa bem. É digno sem ser demasiado pesado.

Ele ergueu as sobrancelhas. — Estou a ver que não.

— Ou então Paul — continuou ela enquanto ele se dirigia ao frigorífi-

co. — Claro que, nesse caso, teria de ser um menino. — Kasey viu-o encher

um copo alto com leite. — Podemos comer agora algumas das guloseimas

da Sra. Oates? — Kasey abriu o saco. — Isto são ameixas em conserva?

— perguntou ela pegando num frasco. — Adoro ameixas em conserva.

— Ainda bem. — O Dr. Brennan entregou-lhe o copo de leite e sor-

riu. — Podes comer algumas com o leite antes de eu te examinar.

15

Julho chegou em menos de nada. Havia flores silvestres nos bosques e gerânios nos vasos da janela da cozinha. À noite os grilos cantavam sem parar. Kasey deixou-se ficar deitada a ouvi-los enquanto o bebé se mexia irrequietamente dentro dela. *Está com pressa de sair,* pensou ela. *Ou estão*. O avô tinha quase a certeza absoluta de que eram dois. Ela recusara a sugestão dele de irem ao hospital para terem a certeza. Queria ser surpreendida.

Já há muito tempo que não dormia profundamente. O bebé não o permitia. *Os bebés* não permitiam. Kasey não precisava que nenhum equipamento sofisticado lhe dissesse que eram dois. Nenhum bebé podia ser assim tão activo. Quando um estava a dormir, o outro estava bem acordado e a dar pontapés. E a barriga dela estava enorme.

Pousou as mãos na barriga. *Não vou chegar ao final da gravidez*, pensou. *Geralmente os gémeos chegam mais cedo*. Fechou os olhos e começou de novo a devanear. Gostava dos movimentos dentro dela, gostava de saber que havia vida a desenvolver-se lá dentro, impaciente para vir ao mundo. Quase conseguia imaginá-los: um menino e uma menina, com cabelo castanho e olhos azuis-escuros. Quando olhasse para os olhos, lembrar-se-ia de Jordan.

Ajeitou-se de novo ao sentir uma cotovelada inequívoca. O que estaria ele a fazer naquele momento? Que horas seriam na Califórnia? Suficientemente cedo para ele ainda estar a trabalhar? Teria já concluído o livro? Kasey queria muito encontrar o livro numa livraria, levá-lo para casa e fechar-se com ele. Isso traria Jordan de volta, assim como todas as horas

que tinham passado juntos no gabinete dele. Podia guardá-lo para os filhos. Nunca saberiam que tinha sido escrito pelo pai, mas aprenderiam a admirá-lo e a respeitá-lo através das suas palavras. Ela queria isso para eles e para Jordan.

E Alison. Kasey virou-se de barriga para cima. Tinha escrito à menina, tal como prometera. As constantes viagens que fizera pelo país tinham impossibilitado qualquer resposta por parte de Alison. *Já não devo tardar a ter notícias dela*, pensou. *Já aqui estou há quase dois meses. Escrevi-lhe há praticamente três semanas.*

Levantou-se da cama e dirigiu-se à janela. A noite estava quente e abafada, dificultando ainda mais o sono. *Seria melhor se ela me esquecesse. Agora não posso convidá-la a vir visitar-me.* Acariciou a barriga. Não haveria forma de lhe explicar nem de ter a certeza de que Jordan não descobriria. *Ele vai tomar conta dela. Eu vou fazer o mesmo pelos nossos filhos.*

O movimento dentro da barriga parou. Kasey regressou para a cama e adormeceu.

…

O Dr. Brennan observava Kasey ajoelhada no chão entre fiadas de vegetais e ervas daninhas. Ela estava resplandecente. Ele não tinha quaisquer preocupações com ela a nível físico. Ela era a imagem de uma mulher saudável e forte. Tinha de novo tomado as rédeas da vida com o entusiasmo que lhe era característico. Ele sentia muito orgulho dela.

Mas tinha algumas dúvidas acerca da sensatez da decisão da neta, embora ela não. Ele fazia tenção de falar novamente com ela acerca de Jor-

dan, mas esperaria até depois do parto, quando ela se sentisse recuperada. O bebé era a sua principal preocupação. E a mãe.

— Não sei porque plantei favas — resmungou ela arrancando uma erva daninha. — Detesto favas, mas gosto de as ver todas dentro de um saquinho gordo. Acho que as podia mandar torrar. — Apoiou-se nos calcanhares e sacudiu a terra das mãos. — Alguns dos tomates já estão maduros. Podíamos comê-los hoje ao jantar com o milho que o Lloyd Cramer te deu pelo apêndice. — Tapou o Sol com a mão e sorriu para ele.

— Eu fiz um bom negócio. O apêndice dele estava em mau estado.

— És tão mercenário. — Kasey levantou uma mão para o avô a ajudar a levantar-se e depois beijou-o com a habitual exuberância. — Achas que devia regar o jardim? Não choveu a semana toda.

Ele olhou para o céu. — Se regarmos o jardim, vai chover de certeza. Dava-nos jeito. O calor não te tem deixado dormir de noite.

— O calor, entre outras coisas. — Deu umas pancaditas na barriga.

— E, não, não estou cansada. — Riu-se, antevendo a pergunta dele. — Tenho energia suficiente para todos nós.

— Já bebeste o teu leite hoje?

— As minhas cenouras não estão a desenvolver-se em condições — respondeu Kasey. — Vou buscar a mangueira.

— Eu rego-as esta noite quando estiver menos calor. Vai agora beber o leite.— Vou vomitar — ameaçou ela.

— Isso não resulta desde os teus doze anos.

Kasey semicerrou os olhos, avaliando-o. Sabia que ele era tão teimoso

quanto ela. — Vou fazer batatas gratinadas para o jantar. E pudim de bauni-

lha. Isso tem leite suficiente para qualquer pessoa.

— Vais engordar.

— Já estou gorda. — Correu para dentro de casa antes que ele tivesse

tempo de comentar.

Kasey estava sentada à mesa da cozinha a descascar batatas. Uma

pequena montanha crescia à sua frente. Havia algo de tranquilizador na

simples tarefa e ela estava a descascar mais do que os dois poderiam comer

numa só refeição. *Vamos ficar com sobras,* concluiu olhando para o monte de batatas . *Para a semana toda. É a última,* garantiu a si mesma abanando a batata na mão. *Ou teremos de convidar a vizinhança toda*. Não ergueu os olhos quando a porta se abriu, e continuou a descascar. — Talvez tenhas

de arranjar uns pacientes esfomeados — disse ela em voz alta. — Entusias-

mei-me com isto. Sabes, já não descascam batatas no exército; uma terrível

lacuna na tradição. Têm umas máquinas…

Ergueu os olhos e paralisou.

Jordan viu a cor esvair-se lentamente do rosto dela. Viu puro choque

nos seus olhos, e medo também. O medo provocou-lhe um aperto no estô-

mago. Kasey largou a faca e enfiou as mãos debaixo da mesa.

Oh, meu Deus! – pensou desesperada. *O que é que eu digo? O que é*

que eu faço?

Ele não disse nada, mas os olhos estavam fixos no rosto dela. O cabe-

lo estava mais comprido, já quase a tocar-lhe nos ombros, reparou Jordan.

Quando é que ela tinha ficado assim tão linda? Ela já era atraente, interes-

sante, inesquecível. Mas quando é que tinha ficado linda? Não conseguia

tirar os olhos da cara dela. Quanto tempo esperara para a ver de novo? Para a ver iluminar-se para si. Mas, naquele momento, o rosto de Kasey não estava luminoso e a expressão era de terror. A culpa era sua, mas ainda não era tarde de mais. Não podia ser. Todos aqueles meses de desespero não podiam ter sido em vão.

Seria a pele dela tão macia quanto se lembrava? Encolher-se-ia ela se tentasse tocar-lhe? Jordan estava com medo de experimentar e só conseguia olhar para ela.

Kasey entrelaçou as mãos com força por debaixo da mesa. Tinha de fazer alguma coisa, dizer alguma coisa. Esperou um momento até ter a certeza de que a voz não iria vacilar.

— Olá, Jordan. — Sorriu para ele enquanto cravava as unhas nas palmas das mãos. — Estás de passagem?

Ele deu alguns passos em direcção a ela mas manteve a mesa entre os dois. Sem isso teria de lhe tocar. — Ando à tua procura há meses — disse, num tom de acusação. Não fora seu intento cumprimentá-la daquela forma. Jurara a si próprio que se manteria calmo, mas a calma desertara-o no momento em que ela olhara para si.

— Ah, sim? — Kasey conseguiu manter o olhar fixo no dele. — Lamento. Tenho andado a viajar. É algum problema com o livro? Não me recordo de nada que tivesse ficado por fazer.

— *Podes parar, por favor?!* — Estava a gritar com ela. Como é que podia estar a gritar com ela? Mas não conseguia parar. Tudo o que o fizera continuar desde que ela partira se tinha desmoronado no momento em que

a vira de novo. — Passei seis meses no Inferno! Como podes ficar aí a olhar para mim como se eu fosse um vizinho que estivesse de passagem? — Deu a volta à mesa antes de ela conseguir responder e levantou-a pelos ombros. — Raios, Kasey!… — Ficou sem pio quando olhou para ela. — Meu Deus. — Sussurrou quando olhou para baixo. — Estás grávida.

— Sim, estou. — O aperto dele tinha afrouxado. Kasey sentiu os dedos dele largarem-na, um a um. Ele fitou-a como se nunca a tivesse visto. — Tu… — Abanou a cabeça como se estivesse a tomar consciência do que estava a acontecer. — Estás grávida de um filho meu e não me disseste.

Ela recuou um passo. — Meu filho, Jordan. Nunca te disse que era teu. Ele puxou-a de novo com tamanha rapidez que ela não teve tempo para nada. O olhar já não era de estupefacção, mas de raiva. — Olha para mim — exigiu ele por entre dentes. — Olha para mim e diz-me que não é meu! — Viu outra vez medo nos olhos dela e soltou-a. Porque é que não conseguia parar de cometer o erro que o levara a perdê-la? Jordan virou costas e procurou controlar-se. Não estava preparado para aquilo. Como poderia estar? Passou-se um longo bocado antes de conseguir voltar a falar.

— Por amor de Deus, Kasey — disse ele calmamente. — Como pudeste esconder-me uma coisa destas? Independentemente do que sentisses por mim, eu tinha o direito de saber.

— O meu bebé é que tem direitos, Jordan. — A voz dela continha a mortal calma do desespero. — Não estou preocupada com os teus.

Ele olhou novamente para ela, pronto para suplicar, se necessário. En-

terrara o orgulho havia muitos meses. — Por favor, Kasey, não me faças isto.

— Começou a tocá-la, mas, quando a sentiu tensa, baixou a mão. Tinha planeado dizer uma centena de coisas quando a encontrasse, mas naquele momento disse apenas: — Amo-te.

— *Não!* — explodiu Kasey, dando-lhe uma bofetada. — Não me digas isso! Não te atrevas a dizer-me isso agora! — Os olhos dela encheram-se instantaneamente de lágrimas. — Teria dado tudo para ouvir isso há seis meses atrás. *Tudo!* O que me deixaste foi um bilhete e um cheque pelos serviços prestados, como se eu fosse uma…

— Não, Kasey. Por favor, não podes pensar… — Tentou tocar-lhe de novo mas ela empurrou-o.

— Não dormi com muitos homens. Surpreendido? — Passou as mãos pelas faces para afastar as lágrimas. — Mas foste o primeiro que me deixou pagamento.

— Não, Kasey, não foi nada assim. — As palavras dela deixaram-no abalado. — Deixa-me explicar.

— Não quero explicações. — Ela abanou a cabeça e afastou-se dele.

— Quero que te vás embora. Pedi-te uma vez para me deixares em paz. Estou a pedir-te de novo.

— Nessa altura, eu podia. Agora, não. Não compreendes?

— Não quero compreender. — Respirou profundamente. — Não preciso. — A voz estava novamente calma, mas ela não se voltou para ele.

— Desculpa ter-te batido. Nunca tinha feito uma coisa dessas.

— Kasey, por favor. — Jordan tocou-lhe suavemente no ombro. —

Senta-te e escuta-me. Amaste-me em tempos. Não posso ir-me embora assim. — Ela não se mexeu. Não respondeu. Jordan sentiu o pânico crescer e esforçou-se por controlá-lo. — Por favor, ouve-me e depois eu vou se é isso que queres.

— Está bem. — Ela afastou-se dele e sentou-se. — Vou ouvir-te.

Jordan não sabia por onde começar nem como. Onde estavam as suas palavras? — Quando acordei naquela última manhã… — Hesitou. A mente estava apinhada com as coisas que queria dizer e as emoções estavam a fustigá-lo. Ela estava à espera de um filho seu. Naquele momento tinha as mãos entrelaçadas sobre a barriga como se quisesse proteger algo que era também parte dele.

— Quando acordei, — continuou, — odiei-me. Lembrei-me que tinha entrado no teu quarto. Lembrei-me de tudo o que te tinha dito, o que tinha feito. Ainda estavas a dormir. Deixei-te o bilhete porque pensei que não quisesses voltar a ver-me.

— Porque é que pensaste uma coisa dessas?

— Céus, Kasey, eu… — Ele tinha tido de enfrentar aquilo durante seis meses e agora tinha de o dizer: — Eu violei-te. Acordei e estavas cheia de marcas nos braços. — Naquele momento foi ele quem virou costas. Encaminhou-se para uma janela e cerrou com força os punhos sobre o parapeito. — Vou ter de viver com isso para o resto da vida.

Kasey permaneceu calada por um momento. *Um homem honrado*, pensou ela pousando as mãos nos braços da cadeira. E um homem honrado não suporta saber que é capaz de fazer algo desonroso. Talvez se não

estivesse tão magoada se tivesse apercebido da mágoa contida no bilhete que ele lhe deixara.

— Jordan. — Esperou até ele se voltar de novo para ela. — O que aconteceu naquela noite esteve muito longe da violação. Eu podia ter-te impedido ou dado luta o tempo todo. Sabes que não o fiz.

— Não te teria servido de nada se o tivesses feito. — Aproximou-se outra vez dela. — Eu estava bêbedo e enlouquecido. Magoei-te. Coisa que me tinhas dito desde o início. — Fez novamente uma pausa mas não tirou os olhos da cara dela. — Acho que devias saber que te ia pedir em casamento naquela noite. — Viu o choque nos olhos dela antes de ela os fechar.

— Quando regressei do encontro com o Harry e descobri que te tinhas ido embora, não queria acreditar. Fiquei fora de mim; era mais fácil lidar com a situação dessa forma. Tu forçaste-me a sentir de novo, e depois, quando já significavas tudo para mim, foste-te embora. Queria fazer-te sofrer.

Kasey ainda estava de olhos fechados e ele examinava-lhe o rosto enquanto falava. — Durante semanas, aquelas primeiras semanas depois de teres entrado na minha vida, tinha dito a mim mesmo que não podia estar apaixonado por ti. Tinha sido demasiado rápido. Sentia-me apenas atraído, intrigado. Se não tivesse sido tão parvo, talvez não te tivesse perdido. Tu deste-me tudo de graça e eu aceitei, mas tive receio de te dar demasiado em troca.Ela abriu os olhos e olhou para ele. — E agora há demasiadas coisas no caminho, Jordan. Por favor, não digas mais nada.

— Disseste que ias ouvir-me. Vais ouvir até ao fim. — Viu as mãos dela regressarem para cima do bebé. Algo se rasgou dentro dele, e ele de-

morou um tempo a recompor-se. — Depois daquela última noite juntos, depois de te teres ido embora, eu tentei esquecer. Dizia para mim mesmo que me tinhas mentido. Dizia para mim mesmo que tinhas andado a brincar comigo. Mas depois lembrava-me da tua expressão quando me disseste pela primeira vez que me amavas. Eu sabia que te tinhas ido embora porque eu não te tinha dado nada em troca e porque, quando tivera a última oportunidade, te tinha magoado.

— Jordan, já passou — começou ela. — Não…

— Tentei viver sem ti. — Jordan abanou a cabeça e agachou-se à frente da cadeira dela para a olhar de frente nos olhos. — Não havia cor. Tu tinhas levado toda a cor contigo. Fui atrás de ti.

— Foste atrás de mim? — repetiu ela.

— A tua primeira carta para a Alison vinha de Montana. Quando lá cheguei, tinhas partido três dias antes. Três dias. Até podiam ter sido anos. Não tinhas deixado contacto. E como tinhas alugado um carro, não havia forma de te localizar. Comecei a contratar detectives, mas depois lembrei-me. — Parou de novo e levantou-se. — Pensei como poderias estar a sentir-te. Por isso, resolvi antes regressar e rezei para que voltasses a escrever à Alison. — Passou uma mão pelo cabelo enquanto revivia a frustração e o pânico. — Cada vez que escrevias, eu tentava alcançar-te antes de tu partires. Uma vez cheguei cinco horas atrasado. Pensei que ia enlouquecer. Eu sabia que não podia continuar a deixar a Alison assim, mesmo que apenas por um ou dois dias. E comecei a pensar que não ias parar de mudar de sítio, sempre um passo à minha frente, para o resto da minha

vida. Então chegou esta última carta. Quando disseste que ias ficar uns meses com o teu avô, a Alison ficou tão entusiasmada. Ficar sem ti tem sido duro para ela.

Kasey abanou a cabeça e cerrou as mãos em punhos. — Pára.

— Desculpa. — Ele pegou numa das mãos rígidas dela. — Assim que ela recebeu a carta, quis vir ter contigo. Disse-me que lhe tinhas dito que ela podia.

— Sim, disse. — Kasey retirou a mão. Não podia deixá-lo tocar-lhe. Não naquele momento. Nunca fora suficientemente forte para o mandar embora se ele estivesse a tocar-lhe.

Jordan olhou para a mão vazia por um momento e depois enfiou-a no bolso. — Não a queria deixar de novo com a minha mãe, nem por poucos dias. Disse-lhe que vínhamos os dois.

— A Alison está cá? — Kasey sentiu o sorriso iluminar-lhe o rosto.

— Lá fora?

— Não. — Jordan engoliu a inveja. O sorriso tinha sido para Alison, não para ele. — Queria ver-te primeiro a sós. Tinha de te ver a sós. Ela está no hotel. Está lá uma família que tem uns miúdos e que ficou a tomar conta dela. Ela estava com esperança de que tu fosses comigo quando eu a fosse buscar.Kasey abanou a cabeça. — Não posso. Adorava vê-la se a trouxesses cá. Jordan sentiu uma nova chicotada de dor. Estava a perder e não tinha meios de o impedir. — Está bem, se é o que queres. Vamos passar o resto do Verão à procura de uma casa nova.

— Casa nova?

Ele tinha de falar de alguma coisa, qualquer coisa, para evitar pressioná-la. Para evitar suplicar-lhe. — Decidi já há algum tempo, na verdade, ainda antes do Natal, que a Alison precisava de sair daquela casa, de ir para longe da minha mãe. Já tratei da papelada para a casa passar para o nome dela. Não vamos precisar de nada tão grande. Eu disse à Alison que iríamos procurar uma casa juntos e tentar instalarmo-nos ainda antes de ela recomeçar as aulas.

Ele estava prestes a explodir. Virou-se novamente para ela com a paixão estampada no rosto. — Não me peças para te deixar agora que te encontrei, Kasey. Não me vires as costas. Não podes pedir-me que me afaste de ti, do meu filho.

— Meu filho. — Kasey levantou-se. Seria mais forte se estivesse de pé. — Nosso filho — corrigiu Jordan suavemente. — Não podes alterar isso. Uma criança tem o direito de conhecer o pai. Se não consegues pensar em mim, pensa no bebé.

— Estou a pensar no bebé. — Kasey levou as mãos às têmporas e pressionou-as. Talvez aliviasse a tensão. — Não estava à espera que aparecesses aqui, não estava à espera que me amasses. Sabia o que tinha de fazer. — Mas eu apareci. — Jordan segurou-a delicadamente pelos ombros. — E amo-te.

— Não. — Kasey recuou, abanando a cabeça. — Não me toques.

— Tapou os olhos e não viu a emoção nos de Jordan. — Eu sabia o que tinha de fazer — repetiu. — Não posso dar-me ao luxo de pensar em ti, em mim. Tenho de pensar no meu filho. Não posso correr riscos com o

meu filho.

— Riscos? — começou Jordan, mas ela não parava.

— Não vou permitir que ande sempre a saltar de um lado para o outro. Ele vai saber onde é que pertence. Ninguém vai disputá-lo. Não vou tolerar. Não desta vez; desta vez a escolha é minha. — Já estava a soluçar com as mãos tapando-lhe o rosto. Ele não sabia como confortá-la. — Trata-se do meu filho, não de uma coisa que se possa dividir ao meio. Ela pode tentar atingir-me através do bebé. Pode tentar tirar-mo. Perdi-te a ti, perdi a Alison, mas não posso perder este filho. Seria a minha morte. A tua mãe não vai pôr as mãos em cima do meu bebé!

— Do que é que estás a falar? — Ele descontrolou-se e segurou-a pelos cotovelos, afastando-lhe as mãos dos olhos. — O que é que estás a dizer?Kasey não respondeu. Estava a respirar ofegantemente. Não sabia o que tinha dito.

Os olhos de Jordan semicerraram-se. — A minha mãe tem alguma coisa a ver com a tua partida? — Kasey começou a abanar a cabeça, mas o olhar dele deteve-a. — Tu não tens jeito nenhum para mentir, por isso nem tentes. O que foi que ela te disse? O que foi que ela fez? — Como ela não respondeu, ele obrigou-se a falar calmamente. Havia de novo medo nos olhos dela, mas desta vez ele sabia que a responsabilidade não era sua. — Vais dizer-me exactamente o que aconteceu entre as duas.

— Muito boa ideia — disse o Dr. Brennan ao entrar em casa. Jordan olhou para ele mas não largou o braço de Kasey. Ninguém o ia impedir de

saber a verdade. — Não é preciso ficares desconfiado, rapaz — disse ele a Jordan. — Eu disse-lhe que era o que ela devia fazer, quando ela regressou há uns meses.

— Avô, não te intrometas.

— Não me intrometo. — Ergueu as sobrancelhas à neta. — Sempre foste arrebitada.

— Avô, por favor. — Kasey libertou-se de Jordan. — Tens de ficar fora disto.

— Uma ova! — gritou-lhe ele. — Este homem tem o direito de saber o que se passou nas suas costas. Chega de esconder coisas, Kasey!

Ela abanou a cabeça, dirigindo-se ao avô. — A Alison.

— Ele vai proteger a Alison, Kasey. Qualquer tolo vê isso. Contas-lhe tu, ou conto eu?

— Conte-me o senhor — disse Jordan ao Dr. Brennan. — Quero saber tudo como deve ser.

— Muito bem. Senta-te e cala-te, Kasey — ordenou o avô.

— Não, eu não…

— Kathleen, *senta-te!*

Ela ergueu o queixo, indignada, mas o treino de uma vida fê-la obedecer.— Muito bem, Jordan — começou o médico. — Isto pode não ser fácil de ouvir. Queres sentar-te?

— Não. — Jordan falou rispidamente, mas depois controlou-se. — Não, obrigado.

— Eu vou sentar-me, estou a ficar velho. — O Dr. Brennan acomo-

dou-se. — A tua mãe colocou a Kasey numa posição de escolha — começou. — Eu diria que ela é uma excelente avaliadora de caracteres, já que deve ter percebido qual seria a escolha da Kasey. A felicidade dela, ou a tua e da Alison.

— Não estou a perceber.

— Então a melhor maneira é ser mais claro. A tua mãe ameaçou requerer a custódia da Alison se a Kasey não fizesse as malas e se fosse embora naquele preciso momento.

— Requerer… — Jordan passou a mão pelo cabelo. — Isso é loucura! Ela não quer a Alison e, de qualquer forma, não haveria fundamentos para tal. — Eu disse que ela era uma boa avaliadora de carácter. — O Dr. Brennan olhou para a neta. Franzindo o sobrolho, Jordan seguiu-lhe o olhar. Sentia as forças esvaírem-se.

— Oh, Deus. — Passou as mãos pelo rosto num gesto de fadiga. — Acho que ela deve ter investigado o passado da Kasey. Ela devia ter vindo ter comigo — disse ele ao médico. — Eu nunca teria deixado a minha mãe levar por diante uma ameaça dessas. Ela devia ter vindo ter comigo.

— Pois. — O Dr. Brennan anuiu com a cabeça. — Mas ela não ia correr riscos com duas pessoas que amava. A tua mãe ameaçou processar-te com base em conduta imoral.

— Avô. — A palavra não foi mais do que um sussurro cansado.

— Tudo, Kasey, ele vai saber de tudo. E — voltou-se para Jordan — ofereceu-lhe dinheiro. Foi aí que ela avaliou mal.

Havia uma janela sobre a pia da cozinha que tinha vista para as mon-

tanhas. Jordan dirigiu-se até lá e olhou para a paisagem. — Estou a ter dificuldade em absorver isto. — A voz estava tensa. — Eu sabia que a minha mãe era capaz de uma série de coisas, mas não esperava isto dela. Agradeço que me tenha dito. — Ele achava que já tinha sentido toda a raiva e dor que era possível sentir. Mas tinha-se enganado. Naquele momento não sabia qual das duas se sobrepunha. — Eu trato da minha mãe, Dr. Brennan. Pode ter a certeza disso.

— Eu tenho a certeza. — Depois de olhar para Kasey, o avô levantou-se. — Tenho de ir regar o jardim. — Deixou-os e a cozinha ficou no mais absoluto silêncio.

Kasey inspirou fundo. Já estava tudo esclarecido. Haveria pouco mais a dizer. — Vou fazer chá. — Levantou-se para pôr uma chaleira ao lume.

— Kasey, não há nada que eu possa dizer ou fazer que consiga compensar isto.

— Tu não tens culpa, Jordan, e não te cabe a ti compensar nada. — Abriu um armário acima da cabeça. — É chá de ervas. O avô proibiu-me de tomar cafeína.

— Kasey, por favor, pára um minuto. — Ela parou e virou-se de frente para ele. Jordan reuniu todos os pensamentos. Tinha de dizer tudo rapidamente e sair enquanto conseguia aguentar-se de pé. — Primeiro, prometo-te que a minha mãe nunca se aproximará de ti nem do bebé. — Sentiu uma pontada no estômago ao prescindir dos seus direitos. — Não farei quaisquer exigências. Quero dar-te apoio financeiro, se o aceitares. Compreenderei se não o fizeres.

— Jordan…

— Não, não digas nada ainda. — Ele sabia que tinha de despejar tudo rapidamente. — O bebé é teu, completamente teu; aceito isso. Tens a minha palavra em como nunca reivindicarei nada. Sei o quanto a Alison significa para ti. Se quiseres, deixo-a contigo durante alguns dias enquanto vou tratar das coisas com a minha mãe.

— Isso já não interessa, Jordan…

— Interessa-me a mim! — Levantou uma mão para evitar perder o controlo. — Quando encontrar um lugar para nós, e nos tivermos instalado, envio a morada ao teu avô. Só gostava que me informassem quando o bebé nascer e se estás bem.

As palavras dele estavam a alterar tudo. O que fizera sentido uma hora antes parecia naquele momento um absurdo. Pessoas que se amam deviam estar juntas. — Jordan — começou ela. Depois deu um pequeno gemido e pôs a mão sobre a barriga.

— O que é? — Em pânico, ele segurou-lhe os braços. — Estás com dores? É o bebé? Oh, meu Deus! Eu não devia ter vindo! Não te devia ter perturbado desta forma! Vou chamar o teu avô.

— Não é necessário. — Kasey sorriu para ele. — O bebé está a dar pontapés, só isso. É muito activo.

Jordan baixou os olhos e depois levantou lentamente a mão para a pousar sobre a barriga dela. Havia vida a mexer-se impacientemente sob a palma da sua mão. Sentiu-se inundar de felicidade. Parte de si crescia ali dentro. Parte de Kasey. Os dois tinham criado um ser humano. Quase con-

seguia perceber o contorno do pequeno pé que batia contra a sua mão.

Quando levantou os olhos até aos de Kasey, ela viu a emoção e o deslumbramento. Sorriu e pousou a mão sobre a dele. — Devias sentir quando ele está mesmo agitado.

A dor inundou-o de imediato roubando-lhe a cor. Aquele era o primeiro e último contacto com aquela criança. A última vez que tocava na mulher que amava. Kasey percebeu a alteração antes de ele se voltar para sair. *Não o deixes ir*, gritou-lhe o coração. *Não sejas tola. É um risco*, recordou-lhe a mente. *Para ti, para todos. Corre o risco*, insistiu o coração. *És suficientemente forte. São todos suficientemente fortes.*

— Jordan. — Chamou-o antes de ele chegar à porta. — Não vás.

— Quando ele se virou, ela já estava praticamente junto a ele. — Nós precisamos de ti. — Lançou os braços em volta do pescoço dele. — Eu preciso de ti. Ele queria aceitar o que ela estava a oferecer, mas conteve-se. — Kasey, não precisas de fazer isto por mim. Não quero…

— Oh, cala-te e beija-me! Já falámos demasiado. Tenho saudades tuas. — Cobriu a boca dele com a sua e ouviu-o gemer de alívio.

— Amo-te. — Jordan espalhava beijos por todo o rosto dela. — Nunca mais vais passar um dia sem me ouvires dizer isto. Amo-te.

— Beija-me como deve ser — murmurou Kasey, tentando parar-lhe a boca. — Não vais esmagar os bebés.

Ele puxou-a e perdeu-se no sabor dela. Era sua… finalmente. Completamente sua. — Bebés? — disse ele subitamente, afastando-a. — *Bebés?*

— Não mencionei que eram dois?

Jordan abanou a cabeça e deu uma curta gargalhada de espanto.

— Não! — Riu-se de novo e apertou-a contra si. Conseguia sentir a movimentação das vidas dentro dela. — Não, não mencionaste. Como é que consegui viver sem ti mais de seis meses? Não foi viver — respondeu ele à própria questão. — Agora é que comecei a viver de novo. — Deu-lhe um beijo ardente como se conseguisse preencher seis meses de vazio com um abraço. Afastou-a de novo e olhou intensamente para ela. — Desta vez quero compromisso — disse-lhe.

— Também eu — concordou ela, lançando-se nos braços dele.

Epílogo

O fogo que ardia na lareira tornava acolhedora a sala de estar. Lá fora a neve tinha meio metro de altura e ainda estava a cair. Kasey enfiou um presente de última hora debaixo da árvore de Natal e depois recuou para a admirar. Cordões de pipocas entrecruzavam-se de cima a baixo. Ela sorriu, recordando-se do caos na cozinha na noite em que os tinham feito. O caos continuava a ser uma preferência sua.

Dobrou-se para palpar um embrulho que tinha uma etiqueta com o seu nome.

— A fazer batota? — perguntou Jordan da entrada, e ela endireitou-se rapidamente.

— Claro que não. — Esperou até ele chegar ao pé dela e a abraçar.

— Estava só a espreitar. Espreitar não é fazer batota. Espreitar é obrigatório no Natal.

— É essa a sua sábia análise, Dra. Taylor? — Encostou o nariz ao pes-

coço dela.

— Claro. Como vai o livro?

— Muito bem. Tenho uma protagonista fascinante. — Afastou-a para poder olhar para ela. Estava resplandecente. Seria a véspera de Natal que a fazia ficar assim? — Amo-te, Kasey. — Beijou-a ao de leve. — E sinto muito orgulho de ti.

— Porquê? — Ela entrelaçou as mãos atrás do pescoço dele e sorriu.

— Gosto de elogios mais específicos.

— Por teres concluído o doutoramento, por construíres uma família, por cuidares de um lar.

— Claro que eu fiz isso tudo sozinha. — Sorrindo, emoldurou-lhe o rosto com as mãos. — Jordan, tu és incrivelmente querido. Sou louca por ti.

— Puxou-o até as bocas se encontrarem.

Foi um instante até o beijo aquecer. Estavam abraçados com força, envoltos um no outro. O prazer suave e a paixão ardente fundiam-se.

— Está a nevar — murmurou Jordan.

— Já reparei. — Kasey suspirou suavemente quando os lábios dele roçaram o pescoço dela.

— Temos muita lenha.

— Tu sabes cortá-la muito bem. Fico sempre impressionada. — Afastou-lhe suficientemente a cabeça para ir de novo ao encontro da boca dele.

— Há vinho na cave. — O desejo estava a tomar conta dele. Parecia que a necessidade nunca diminuía. Enfiou a mão debaixo da camisola dela para lhe percorrer as costas. — Lembras-te da fantasia de que falámos na

noite da consoada de há dois anos?

— Hum. — Kasey encostou-se mais a ele. — Neve — murmurou ela.

— Com lenha, vinho e um ao outro.

O cocker spaniel entrou na sala a correr imediatamente à frente de duas crianças pequenas.

Foge enquanto é tempo, pensou Kasey, sorrindo ao pousar a cabeça no ombro de Jordan.

— Bryan, Paul, venham cá! — Alison entrou na sala a correr atrás deles. — Sabem que não devem implicar com o Maxwel . — Suspirou e abanou a cabeça quando os gémeos se atiraram para o chão com o cão entre os dois.

Jordan observou os filhos divertindo-se alegremente com o pobre do cão. Abraçou Kasey com mais força. — São lindos — murmurou. — Fico sempre espantado com o quão lindos são.

— E tão bem-comportados — comentou Kasey quando Bryan empurrou Paul para conseguir agarrar melhor no pescoço do cão. Alison interferiu para restabelecer a ordem.

Jordan riu-se e virou-a de frente para ele. — Acerca daquela fantasia… — Encontramo-nos à meia-noite — sussurrou ela. — Aqui.

— Tu trazes o vinho, eu trago a lenha.

— Combinado. — As crianças estavam a fazer cada vez mais barulho e Kasey sabia que depressa seria impossível conseguirem continuar a conversa. Além disso, ela também queria juntar-se à brincadeira. — Só mais uma coisa — acrescentou, lançando-lhe um daqueles sorrisos in-

génuos.

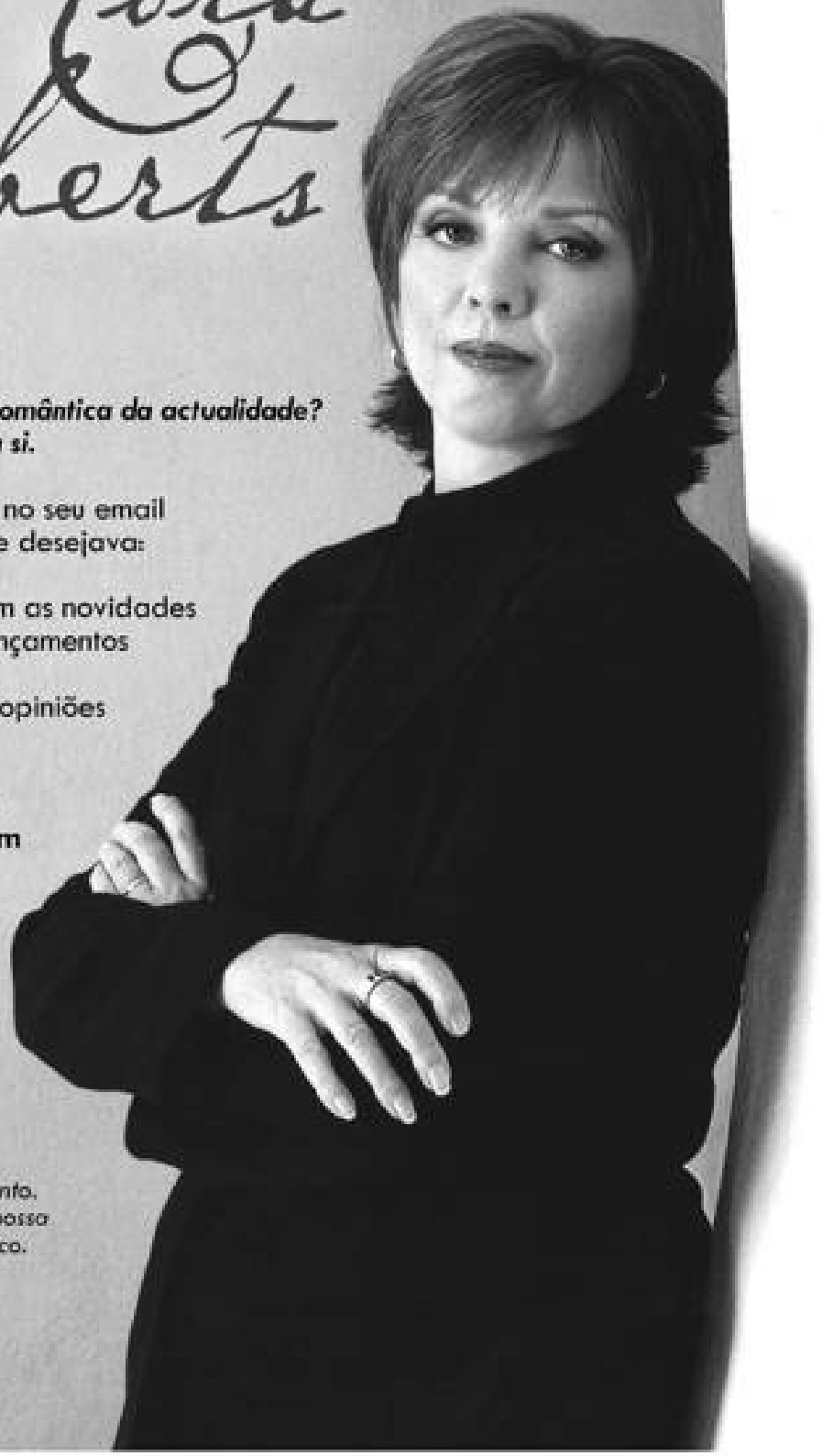
Jordan olhou-a confuso e Kasey aproximou a boca da dele. — Va-

mos ter mais um bebé — disse-lhe. — Ou dois — conseguiu ela dizer

antes de os lábios dele esmagarem os seus.

F I M

CLUBE Nora Roberts



É fã da melhor autora romântica da actualidade? Então este clube é para si.

Receba gratuitamente no seu email toda a informação que desejava:

-Newsletter mensal com as novidades
-Excertos dos novos lançamentos
-Promoções exclusivas
-Fórum para troca de opiniões
-E muito mais...

Mais informações em www.chadascinco.com

O Clube Nora Roberts ainda está em desenvolvimento. Se tiver sugestões venha à nossa página e partilhe-as connosco.

CHÁDASCINCO
Livros com sexto sentido